

malistas não estudam hygiene e historia natrual declarou que na Escola Normal ha o ensino destas materias.

Com a palavra o dr. Carlos Corrêa este declarou que, no seu parecer, havia dado esta informação á vista da these estudada e de autoria do professor Oswaldo Cabral. Trocaram-se apartes entre o professor Trindade, dr. Achilles Gallotti e dr. Carlos Corrêa.

O professor Mâncio da Costa, em aparte, declarou que o autor da these havia faltado a verdade, pois era elle o professor da materia na epoca em que Oswaldo Cabral era alumno da Escola Normal, e que, na visita feita a Escola pelo dr. Belisario Penna, elle Mâncio Costa, havia cedido a cathedra aquelle dr. para que ministrasse uma aula sobre amarellão.

Com a palavra, o dr. Achilles Gallotti, enviou a Mesa o seguinte requerimento, a fim de completar o final da parte discutida do parecer, substituindo o que nelle consta pelo seguinte: propõe, como synthese dos mesmos que se indique a esta Conferência a necessidade da separação da cadeira de hygiene da de Historia Natural, bem como a necessidade, etc. Sala das sessões, 9 de agosto de 1927. — Ass. Achilles Gallotti.

Com a palavra, o professor Mâncio Costa enviou á Mesa o seguinte requerimento: Requeiro á Mesa que submeta a consideração da Casa, a seguinte suppressão ao parecer n. 20 «que absurdo seria o se exigir de professores taes conhecimentos, que nem siquer aprenderam no seu curso»; e... «do mau aparelhamento do seu mobiliario, com carteiras defeituosas, sem uma natural e racional distancia». Sala das sessões, 9 de agosto de 1927.—Ass. Mâncio Costa. Posto o parecer em discussão com as emendas foram approvados.

Com a palavra, o dr. Carlos Corrêa este declarou que estava de accordo com a emenda apresentada pelo dr. Achilles Gallotti. Pediu tambem constasse em acta que si a commissão havia feito a affirmação que deu motivo ao requerimento do professor Mâncio Costa, foi por se ter baseado no trabalho apresentado pelo professor Oswaldo Cabral, não querendo, portanto, offender ao Director do estabelecimento referido, e que fazia esta declaração, baseado nas informações que, durante a discussão, lhe foram dadas pelo professor Mâncio Costa, cuja palavra lhe merece fé. Durante a discussão falou tambem o professor João dos Santos

Areão que explicou o motivo dos senões do parecer. Entrou em discussão o parecer nº 20.

Com a palavra o dr. Carlos Correa declarou que estudando a these do professor Alberto Ferraz viu ser este professor competente no assumpto que abordou. Acho, porem, que a commissão devia ter concluido seu parecer, lembrando a creação da inspecção medico-escolar. O professor Mario Garcia membro da commissão que deu o parecer, em a parte explicou o ponto de vista da mesma ao fazê-lo. O dr. Carlos Correa, continuando com a palavra, explicou o caso ventilado sobre os anormaes, com muita proficiencia. Apresentou em seguida o seguinte requerimento: Que seja indicado á Mesa a creação da Inspeção medica escolar, como um dos elementos de selecção entre os falsos normaes e anormaes. Sala das sessões, 9 de agosto de 1927. Ass.—Dr. Carlos Correa.

Com a palavra o professor Laercio Caldeira pede consultar a Casa se concorda com o adiamento da discussão, visto estar na hora dos membros da Conferência assistirem a festa escolar no Grupo Lauro Müller. Posto em votação foi approvado.

Com a palavra o dr. Oscar de Oliveira Ramos enviou á Mesa a seguinte indicação: Considerando que a Escola São José, fundada pelo saudoso e benemerito educacionista rev. P. Luis Schuler, tem a organização dos Grupos Escolares; Considerando que esse estabelecimento é o fructo da acção eminentemente piedosa do seu organizador: Considerando que é um preito muito merecido homenagearmos os educacionistas que tem cooperado efficazmente para a grandeza do ensino em Sta. Catharina; requeiro á Mesa que dirija ao exmo. e Revmo. Sr. Arcebispo Metropolitano, dr. Joaquim Domingues de Oliveira para suggerir a idéa de dar a Escola de São José a denominação de Grupo Escolar Padre Schuler. Florianopolis, 9 de agosto de 1927. Ass.—Oscar de Oliveira Ramos.

Nada mais havendo a tratar o sr. Dr. presidente deu a ordem do dia para a sessão immediata: Indicações, apresentação de pareceres, discussão dos pareceres já apresentados, e suspendeu a sessão. Declaro, que, a vista da rectificação solicitada pela professora Maura de Senna Pereira sobre o assumpto da acta 5ª sessão, de 5 de agosto transcrevô o resumo do seu discurso cujo, texto foi, pela referida professora, fornecido e esta Secretaria: «Ouvindo hontem os

debates em torno da lei que veda ás professoras casadas o exercicio de Magisterio nos Grupos Escolares, de primeira e segunda classe, suggeridas por um topico da these do sr. Inspector Flordardo Cabral, e para que a mulher não permaneça em reprovavel mutismo ante uma questão que muito de perto lhe diz respeito. — quero hoje, conscientemente, protestar contra o que determina a referida lei, reflectindo não só o meu pensamento como também o de minhas collegas. Protestar porque essa lei aberra das ultimas e gloriosas conquistas do feminismo e prohibe que, depois de conquistado um diploma, o qual indiscutivelmente representa o dispendio de multiplas energias intellectuais e, ás vezes, até de sacrificios financeiros após o casamento, como si elle fora um crime, prohibe a maneira de uma penalidade, que a professora continue a desfructar a sua muito justa emancipação economica no exercicio do mister que o seu espirito elegeu e o seu coração abençoou. Protestar, por que está provado que as professoras casadas, salvo excepções, e com excepções não se discute, tem desempenhado a contento, e ás vezes, muito melhor que ás professoras solteiras a sua nobilissima missão. Protestar porque, como disse muito acertadamente o professor Orestes Guimarães, e eu repito porque não ouço a voz de preconceitos idiotas sinão é dignificante que a professora casada que vae ser mãe se apresente ante os seus alumnos, também não o é que se apresente perante os seus filhos* dahi a resolução de levar á Mesa da Conferência o requerimento que passo a ler e que vae assignado pelas conferencistas presentes. E eu, Luis Sanches Bezerra da Trindade, 1º secretario da Conferência Estadual do Ensino, lavrei a presente acta. Sala das sessões, 10 de agosto de 1927. 1º secretario.

Acta da 10ª. sessão ordinaria da Conferência Estadual de Ensino Primario

PRESIDENTE: — Dr. Cid Campos.

1º SECRETARIO: — Luis Sanches Bezerra da Trindade.

2º SECRETARIO: — Egydio Abbade Ferreira.

Aos nove dias do mês de agosto de 1927, ás 20 horas, no salão nobre da Escola Normal, perante os membros da Conferência Estadual de Ensino Primario, o sr. dr. Cid Cam-

pos, secretario do Interior e Justiça, e Presidente da Conferência Estadual do Ensino, deu por iniciados os trabalhos da 10ª sessão ordinaria.

Feita a chamada, verificou-se a presença dos senhores conferencistas: Dr. Cid Campos, professores Antonio Mâncio da Costa, Luis Trindade, João dos Santos Areão, João Tolentino Junior, Beatriz de Sousa Brito, Floscula de Queiroz Santos, Taciano Barreto do Nascimento, Albano Monteiro Espinola, Guilherme Wiethorn Filho, Antonio Epiphanyo dos Santos, Mario Garcia Honorio Gomes de Miranda, Catharina Demoro, Adriano Mosimann, Hercilio Zimmermann, Cesar Augusto de Carvalho, Antonio Gasparello, Germano Wagenführ, Marcilio Dias de Santiago, Gustavo Gonzaga, Adolpho Silveira, Egydio Abbade Ferreira, P. F. X. Zartmann, Frei Evaristo Schürmann, Irmã Bernwarda Miehle, dr. Fernando Raja Gabaglia, dr. Oscar Ramos, dr. Edmundo Moreira, dr. Alfredo Porphirio de Araujo, dr. Carlos Corrêa, professora Maria Amorim, professor Laercio Caldeira de Andrada, professora Isaura Veiga de Faria, professor Arnaldo Gomes Jardim, professor Alfredo Xavier Vieira, professor Odilon Fernandes, professor Henrique Brüggemann, capitão Marcelino Coelho, Cel. Hyppolito Boiteux, dr. Heitor Blum, major José Koerig, Cel. Francisco Azambuja de Alencar, professora Maria do Carmo Caldeira de Andrada, professora Laura da Luz Montenegro.

Não foi feita a leitura da acta da sessão anterior visto não ter sido terminada. Não houve expediente.

Com a palavra o professor Alfredo Xavier Vieira, enviou á Mesa depois da devida Justificação a seguinte moção: Continuando este Congresso de Ensino Primario a prestar homenagens aos abalisados pedagogos e estabelecimentos de Ensino do País e do Estado em particular os signatarios deste requerimento propõem um voto de solidariedade e applauso ao tradicional Collegio de Santo Antonio de Blumenau fundado ha 50 annos pelo Revmo. P. José Maria Jacobs, dirigido sabiamante pelos revdos. padres Franciscanos e dignamente aqui representando pelo prorecto e venerando educacionista Frei Estanslau Schaette. O referido estabelecimento que neste mês celebra o seu jubileu aureo tem dado ao Estado e ao Paiz, homens de reconhecido valer mental, moral e patriotico; alguns dos quaes occupam actualmente altos cargos na vida administrativa da estremecida Patria. Em virtude do que ficou dito convem que a adhesão desta

Conferência á festa jubilar do Collegio seja feita por telegrapha. Fpolis, 9—8—27. Ass.—Alfredo Xavier Vieira, José Koerig, Adriano Mosimann, Alfredo de Araujo, Luis Trinda de, Marcilio Dias de Santiago, Antonio Epiphany dos Santos, Guilherme Wiethorn Filho, Izaura Veiga de Faria, Hercilio Zimmermann, Adolpho Silveira, Odilon Fernandes, Carlos Correa, P. F. X. Zartmann, Antonio Gasparello. Posto em votação foi approvedo.

Com a palavra o professor Adolpho Silveira, leu e enviou á Mesa a seguinte indicação: Considerando que os grupos de segunda classe estão na sua maioria localizados em zonas onde a vida é difficullosa devido ao elevado preço dos generos de primeira necessidade; Considerando que o programma de ensino dos grupos de 2ª. classe em nada differe do que é ensinado nos de primeira, o que prova que os trabalhos dos funcionarios dessas duas categorias de grupos são inteiramente iguaes; Considerando que os directores dos Grupos de segunda classe tem na maioria das vezes mais trabalhos do que os de primeira, visto serem obrigados a leccionar em muitos casos, até em duas classes e que já existe dois directores de grupo daquella categoria bem como sendo de primeira classe; Considerando ainda que para haver boa vontade de se cumprir inteiramente um dever que nos foi confiado, e para haver estímulo no cumprimento de uma missão, tal como a de educador é necessario não haver desigualdade de direitos; Considerando ainda mais que ao professor publico é vedado occupar-se em outro mister que não seja sobre o ensino, ficando assim, impossibilitado de procurar por outros meios melhoria de condição financeira; Os abaixo assignados, directores de Grupos escolares de 2ª. classe, vêm pedir a esta Conferência de Ensino Primario para que seja pela sua distincta Mesa suggerida ao Congresso Representativo do Estado a instituição de uma lei que equipare os vencimentos dos mesmos Directores aos dos de grupos de 1ª. classe, bem como que sejam concedidos aos professores que trabalham nos referidos Grupos direitos de promoção e que sejam tomadas outras medidas com o fim de melhorarem as condições dos alludidos professores. Sala das sessões, 9 de agosto de 1927. Ass. — Adolpho Silveira, Taciano Barreto do Nascimento, Antonio Epiphany dos Santos, Germano Wagenführ, Gustavo Gonzaga. Entrou em discussão.

Com a palavra o professor Marcilio Dias Santiago de-

clarou que estava de pleno accordo com a proposta do professor Adolpho Silveira, fazendo declaração que votava favoravel á indicação. Posta á votos foi approveda.

Com a palavra o prof. Adriano Mosimann, enviou á Mesa o seguinte parecer que tomou o n.º *trinta*: «Do estudo da These acima (n.º 19) chegamos á seguinte conclusão: Fala o autor das escolas subvencionadas em geral e de um modo, por que são ministradas algumas disciplinas constantes do programma das mesmas. Acha que a Cartilha Popular em uso tem os defeitos de ser pessima a sua impressão, devendo tambem os typos serem mais nitidos. Quanto á leitura em si, diz, que o professor da zona que está sendo nacionalizada precisa, para obter resultados, traduzir palavra por palavra porque a grande maioria dos alumnos desconhece a lingua vernacula, razão por que os escolares só terminam a Cartilha no fim de um anno e meio a dois annos de frequencia escolar. Opina pela adopção da Cartilha no primeiro anno, do primeiro no segundo e do segundo livro, no terceiro anno do curso, achando não ser necessario mais outro livro. Continúa textualmente: «Si estes livros tambem contivessem algo de educação civica, seria muito util. Demonstra ainda a difficuldade de ensinar arithmetica nas escolas daquella, porque os alumnos não sabem, siquer pensar em vernaculo, o que atraza muito a comprehensão da materia. Quanto a historia patria ensina o professor pelo methodo socratico, não dispensando o recurso da traducção imprescindivel naquellas escolas qualquer que seja a materia que se leccione. Sobre o exposto damos o seguinte parecer: a) Opinamos que na proxima edição da Cartilha Popular, sejam tomados em consideração os defeitos apontados pelo autor dessa these; b) quer a Cartilha seja esgotada no primeiro anno lectivo, o que se pode fazer; c) que a traducção dos termos desconhecidos pelos alumnos é uma necessidade, contudo esta commissão não a recommenda incondicionalmente, visto como a lingua official da escola deve ser sempre a vernacula; d) que os livros adoptados preenchem o seu fim, salvo os defeitos já referidos da Cartilha; parece-nos porem, ser de conveniencia a adopção tambem do terceiro livro da serie Fontes, que está sendo impresso; e) concordamos que as noções de historia patria sejam dadas pelo methodo socratico. Sala das sessões, 9 de agosto de 1927. Ass. — Adriano Mosimann, relator; Mario Garcia e Germano Wagenführ.

Com a palavra o professor Laercio Caldeira de Andrada, enviou á Mesa o parecer seguinte que tomou o numero *trinta e um*: A segunda commissão supplementar considerou attentamente as brilhantes theses: «Em que deve consistir o ensino de trabalhos manuaes nas escolas primarias e complementares? Tem elle sido proficuo nas escolas do Estado em particular, e no Pais em geral? De que forma? Como deve o Estado encarar o ensino profissional? apresentadas pelo dr. Edmundo Accacio Moreira, theses que, revelam uma grande capacidade intellectual e profundos estudos do autor em materia tão importante. A commissão já tendo traçado o seu ponto de vista quanto ao assumpto, no parecer ao valioso memorial apresentado pelo illustre pedagogo prof. Orestes Guimarães, chama, entretanto a attenção desta Conferência para o erudito trabalho do dr. Edmundo Accacio Moreira, muito especialmente para as suas quatorze conclusões. Sala das sessões, 9 de agosto de 1927. Ass.—Laercio Caldeira de Andrada, relator, Albano Monteiro Espinola, Beatriz de Sousa Brito.

Com a palavra o professor Taciano Barreto do Nascimento enviou á mesa a seguinte indicação: Considerando que o Estado actualmente conta grande numero de escolas para o preenchimento das quaes o governo tem lançado mãos do professorado provisorio; Considerando que nessa classe de professores o Estado conta grande numero de elementos que muito contribuem para o desenvolvimento da instrucção publica, não só nas zonas ruraes, como tambem em Grupos escolares; Considerando que pelo esforço e dedicação que os mesmos vêm revelando em prol do ensino, é justo que lhe sejam assegurados certas garantias que o Estado offerece aos seus funcionarios effectivos; Considerando que a categoria de professor provisorio é por certo modo tomada como uma expressão de inferioridade que bastante contribue para o desanimo dos que se querem dedicar ao magisterio publico; Considerando que muitos desses professores tem deixado o exercicio de seu cargo não só pela mingua de vencimentos, mas ainda para se livrarem da desagradavel denominação da categoria a que pertencem; Considerando que já temos uma lei que faculta aos professores provisorios, os direitos de professores effectivos de 2.^a classe, com os vencimentos iguais de serviço activo; Considerando que a differença de vencimentos entre

professores provisorios e complementaristas é exigua e não sobre carregariam as despesas do Estado; Considerando que um professor provisorio, trabalhando seis annos pode perfeitamente demonstrar a sua vocação e competencia; Considerando emfim que a effectividade do cargo aos professores provisorios é apenas uma promoção honrosa aos que trabalham; Pedem á Conferência de Ensino Primario do Estado de Santa Catharina, convocada pelo exmo. sr. dr. Secretario do Interior e Justiça, em nome de S. Excia., o Governador do Estado, a fim de tratar de assumptos relativos ao ensino estadual, em particular, e, do ensino no Brasil, em geral, encaminhar ao Congresso Representativo a seguinte suggestão: Art 1.^o — Sejam considerados professores effectivos com direito ás regalias de professores complementaristas, os professores provisorios que contarem mais de seis annos de serviço activo, seja em grupo ou escola isolada. Art. 2.^o — Não poderão gozar do favor a que se refere o artigo precedente: a) os professores que não apresentarem matricula superior a 50 alumnos quando em cidades ou villas e 35 alumnos nos povoados; b) os professores que não se recommendarem pelo ultimo termo de visita lavrado pelo Inspector Escolar, e) os professores que tenham mais de tres remoções a pedido; d) os professores que tenham obtido licença para tratarem de interesses particulares. Sala das sessões, 9 de agosto de 1927. Ass.—Taciano Barreto do Nascimento, Adolpho Silveira, Honorio Miranda, Guilherme Wiethorn Filho, Antonio E. dos Santos, Alfredo X. Vieira.

Posto em discussão e votação foi appovado sem debates.

Com a palavra a professora Beatriz de Sousa Brito enviou á Mesa o seguinte requerimento: Desejando retribuir de um modo mais condigno a moção apresentada pelo illustado professor dr. Raja Gabaglia, na primeira sessão ordinaria realizada e enviada pela distincta educacionista d. Branca Fialho, Presidente da Associação Brasileira de Educação, á Conferência de Ensino Primario em Santa Catharina, á commissão requer á respeitavel Mesa para que seja lançado em acta, um voto de congra tulações e homenagem ao dignissimo portador professor dr. Raja Gabaglia e á digna preceptora carioca, pelo gesto altamente fraternal e patriotico, como tambem pede consultar aos membros da conferência si estão de pleno accordo dirigir por telegramma, á excellentissima senhora, os agradecimentos, nos seguintes termos: » Exma. Sra. d. Branca Fialho — Presiden-

te Associação Brasileira Educação — Rio — Sinceramente agradecidos enviamos congratulações e homenagem a V. Excia pela patriótica moção apresentada Conferência Ensino Primario Santa Catharina, pelo illustrado professor dr. Raja Gabaglia cuja collaboração e apoio muito nos desvanecem e confortam. Saudações. Sala das sessões, 9 de agosto de 1927. Ass. — Beatriz de Sousa Brito, Catharina Demoro, Maria Caldeira de Andrada, Luis Trindade, Egydio Abbade Ferreira, Mario Garcia, Maura de Senna Pereira e Laercio Caldeira de Andrada.

Posto em discussão e votação foi approved sem debates, tendo o professor dr. Raja Gabaglia agradecido em seu nome e da Sociedade Brasileira de Educação.

Com a palavra o dr. Alfredo Porphirio de Araujo disse: Pedi a palavra pelo facto de, com applausos, terem sido apresentadas nesta Casa varias moções a pessoas e estabelecimentos que ás nossas homenagens fizeram jús. Eu sei que vou ferir a modestia de um grande educador. Não importa. Creio que não ha em Santa Catharina um estabelecimento que mais fartamente tenha diffundido a instrucção do que o Gymnasio Catharinense, representado nesta Conferência pela figura austera e respeitavel do P. F. X. Zartmann que com tanta proficiencia, descortino, saber e abnegação o tem sabido guiar de modo a colloca-lo como primeiro dentre os primeiros, dos estabelecimentos de ensino, não só do Estado como do país. Proponho pois, que seja lavrada na acta um voto de louvor pelos beneficios que o Gymnasio Catharinense tem prestado ao ensino do nosso Estado, orientado pelos padres da Companhia de Jesus.

Com a palavra o dr. Edmundo Moreira declarou que -Não podia de modo algum deixar de associar-se, como antigo alumno do Gymnasio Catharinense, á homenagem que acabava de ser proposta pelo dr. Alfredo de Araujo, tanto mais, que a ninguem, é dado desconhecer os serviços prestados pelos jesuitas á Nação Brasileira. A proposta, pois, do sr. dr. Araujo tem da minha parte incondicional apoio.

Com a palavra o professor Laercio Caldeira de Andrada disse: Quero votar pela moção apresentada de homenagem ao Gymnasio Catharinense, do qual fui tambem alumno, pedindo entretanto licença ao intuito unico de se completar a justiça, para lembrar que se por um lado existe o Gymnasio Catharinense, que tantos serviços tem prestado ao

ensino, por outro existe a Escola Normal que a seu par se encontra e está. Peço pois, para que á justa homenagem prestada ao nome respeitavel do Padre Zartmann se junte o nome brilhante de Barreiros Filho.

Com a palavra o prof. Luis Trindade expôs: Com a devida venia, permittam-me que tambem diga algumas palavras sobre a moção ora apresentada. Admirador do P. F. X. Zartmann e admirador de Barreiros Filho, não posso deixar de pedir que se rendam igualmente identicas homenagens ao Collegio Coração de Jesus, aqui representado pela sua illustrada Directora Irmã Bernwarda. Como fiscal do referido estabelecimento, eu vejo diariamente o zelo, a dedicação e o amor com que naquella casa se cumprem rigorosamente as leis do ensino, tornando-se por isso, o Collegio Coração de Jesus digno do nosso apreço e da nossa admiração. Requeiro, pois, que alem da emenda apresentada pelo professor Laercio Caldeira a Mesa se digne apresentar tambem a minha proposta á consideração da Conferência, no sentido de ser extensiva ao Collegio Coração de Jesus, equiparado á Escola Normal e ás Escolas Complementares do Estado, o preito de homenagem prestado ao Gymnasio Catharinense e a moção do dr. Alfredo Porphirio de Araujo approved com as emendas dos professores Laercio Caldeira e Luis Trindade.

O sr. dr. Presidente declara haver a Mesa recebido das autoridades de Blumenau uma suggestão no sentido dos predios das escolas estaduaes serem custeadas pelos paes dos alumnos ou pelos membros dos Conselhos Escolares Familiares, cuja leitura mandou fazer pelo 2º Secretario é do teor seguinte: As autoridades municipaes de Blumenau, especialmente o digno superintendente sr. Curt Hering, tem a honra de propôr a Conferência Estadual de Ensino Primario, o seguinte, pedindo o parecer da illustre assembléa: O governo do Estado de Santa Catharina, e em particular a Directoria da Instrucção Publica, nos ultimos quinze annos tem revelado esse zelo verdadeiramente exemplar em propagar o ensino primario e complementar. Centenas de escolas isoladas, dezenas de grupos escolares foram abertos, milhares de crianças conduzidas ás fontes da civilização e sabedoria. O exmo. sr. dr. Governador, na sua mensagem apresentada ao Congresso Representativo, a 22 de julho do corrente anno, menciona 557 escolas isoladas providas, 11 grupos escolares, de 1ª. classe, 11 de 2ª. classe, 10

Escolas complementares, 1 Escola Normal, elevando-se a despesa do Governo neste ramo de administração a..... 1807.600\$000. Considerando o brilhante progresso da Instrução Publica conseguido pelos governos illuminados e energicos; Considerando a epoca difficilima que, ha mais de um anno, flagella a nossa vida economica, tornando inoportuno a criação de novos impostos para cobrir as crescentes despesas da Instrução Publica; Considerando que em muitos logares de zonas novas e no planalto do nosso Estado a falta de escolas é sensivel; Considerando que o Conselho Escolar Familiar creado em boa hora pelo habilissimo inspector sr. Orestes Guimarães, põe os paes dos alumnos em viva relação com a escola, fazendo crescer o interesse das mesmas pela boa manutenção e garantida existencia della, propõe que — 1º. — fique, em geral, a cargo dos paes a despesa proveniente da compra de todo o material escolar para os alumnos; 2º. — que o Conselho Familiar se responsabilise pelas despesas de construção ou aluguel dos edificios onde funcionam as escolas publicas moldadas*...

Com a palavra o professor Mâncio da Costa, este declarou que a suggestão acima não tinha cabimento pois, o decreto n.º 2.049, de 12 de abril de 1927, trata do assumpto, resolvendo-o cabalmente. Posta em discussão foi resolvido, que a mesma fosse archivada. O sr. Presidente declara que está em discussão o parecer n.º 22, e a emenda enviada pelo dr. Carlos Corrêa.

Com a palavra o dr. Carlos Corrêa, continua a justificar a sua emenda e declarou. A minha emenda no sentido de seleccionar o pseudo anormal do anormal baseia-se em opiniões dos mais abalysados mestres do assumpto. A criação de uma inspecção medica escolar impõe-se.

Com a palavra o dr. Edmundo Moreira disse: Eu acho que a emenda do dr. Carlos Corrêa vem completar o parecer. E' evidente que sem inspecção medico escolar não podemos saber quaes são os anormaes ou pseudo-anormaes.

Com a palavra o professor Mario Garcia declarou: Cabe-me declarar que a terceira commissão, da qual faço parte, aceita com a melhor satisfação a emenda do dr. Carlos Corrêa. Postos em votação o parecer e a emenda foram approvados. Entraram em discussão os pareceres ns. 23, 24, 25 e 26, sendo todos approvados sem debates. Anunciada a discussão do parecer n. 27 o professor Laerçio Caldeira de An-

drada pediu, o addiamento da mesma por 24 horas, foi approvedo. Passou-se a discussão do parecer n. 28 que foi approvedo sem debates. Entrando em discussão o parecer n. 29, o professor João dos Santos Areão pediu o seu addiamento por 24 horas o que foi approvedo. Em seguida, nada mais havendo a tratar, o sr. Dr. Presidente suspendeu a sessão marcando a seguinte ordem do dia para a proxima sessão: Indicações e discussão dos pareceres ns. 27, 29, 30 e 31. E, eu Luis Sanches Bezerra da Trindade, 1º secretario da Conferência Estadual de Ensino Primario, lavrei a presente acta. Sala das sessões, 9 de agosto de 1927. Ass. Luis S. B. da Trindade, 1º secretario.

Acta da 11a. sessão ordinaria da Conferência Estadual de Ensino Primario

PRESIDENTE: — Dr. Cid Campos.

1º. SECRETARIO: — Prof. Luis S. B. da Trindade.

2º. SECRETARIO: — Egydio Abbade Ferreira.

Aos dez dias do mês de agosto de 1927, ás 20 horas no Salão Nobre da Escola Normal, perante os membros da Conferência Estadual de Ensino Primario, o sr. dr. Cid Campos, Secretario do Interior e Justiça, e presidente da mesma Conferência deu por iniciados os trabalhos da 10ª. sessão ordinaria. Feita a chamada verificou a presença dos conferencistas dr. Cid Campos, professores Antonio Mâncio da Costa, Orestes Guimarães, Luis Trindade, F. Barreiros Filho, João dos Santos Areão, João Tolentino Jr., Beatriz de Sousa Brito, Floscula de Queiroz Santos, Taciano Barreto do Nascimento, Albano Monteiro Espinola, Guilherme Wiethorn Filho, Antonio Epiphany dos Santos, Mario Garcia, Honorio Gomes de Miranda, Catharina Demoro, Adriano Mosimann, Hercilio Zimmermann, Cesar Augusto de Carvalho, Antonio Gasparello, Germano Wagenführ, Marcilio Dias de Santiago, Gustavo Gonzaga, Adolpho Silveira, Egydio Abbade Ferreira, P. F. X. Zartmann, Frei Evaristo Schürmann, Irmã Bernwarda Michele, dr. Fernando de Raja Gabaglia,

dr. Oscar Ramos, dr. Edmundo Moreira, dr. Carlos Corrêa, professores Maria Amorim, Laercio Caldeira de Andrada, Isaura Veiga de Faria, Arnaldo Gomes Jardim, Alfredo Xavier Vieira, Maura de Senna Pereira, Josephina Caldeira de Andrada, cirurgião dentista Ary B. Machado, Cel. Hyppolito Boiteux, dr. Heitor Blum, Major José Koerig, Cel. Marcos Konder, Francisco Alencar de Azambuja, professor Henrique Bruggemann, Joaquim Margarida, Emilia Gastão, Maria do Carmo Caldeira de Andrada e Laura da Luz Montenegro.

Em seguida o sr. dr. Presidente mandou que o 1º. secretario fizesse a leitura da acta.

Pedi, então, a palavra o professor Laercio Caldeira de Andrada e declarou que tendo a acta sessenta folhas, e depositando a Assembléa inteira confiança na Mesa requeria a dispensa da leitura o que sendo posto em votação foi approvedo.

Em seguida foi lido o seguinte expediente: I—Dr. Cid Campos, Secretario do Interior em Florianopolis, 9.— Li ha pouco a sua homenagem carinhosa memoria inolvidavel e querido Pº. Schuler. Queira Vossencia aceitar incondicional applauso de que o teve como inspirador e depois abnegado auxlliar direcção escola Diocesana equiparada São José. Afectuosas saudações. Ass. Joaquim Oliveira, Arcebispo. II—São Paulo 9.—Dr. Cid Campos. Accuso o recebimento do telegramma em que V. Excia. me communica que os membros da Conferência Ensino primario ora reunida Florianopolis, votaram uma moção de reconhecimento e homenagem ao Presidente de São Paulo, pela organização ensino publico. Agradeço a V. Excia. e seus dignos companheiros essa manifestação de apreço a esse Estado. Ass. Julio Prestes. III—Belem 8. Dr. Secretario Interior. Apraz-me agradecer em nome professorado publico primario particular deste Estado communicação moção solidariedade apresetada professor Trindade em sessão Conferência Ensino Primario Estadual, réaffirmado votos applausos pelo grande e nobre ideal que os congrega ahí no interesse da prosperidade da Instrucção Popular que visa engrandecimento de nossa cara Patria. Cordiaes saudações. Ass. Deodoro Mendonca, Secretario Geral. IV—Victoria 8—Dr. Cid Campos. Agradecendo communicação apresento na pessoa V. Excia. parabens Estado Santa Catharina esse elevado gesto Governador em particular V. Excia. transmitti noticia Secretario Instrucção aqui. Saudações. Ass. Lopes Ribeiro, Secretario Interior Passando-se a ordem do dia o professor Marcelio Santiago pede para que

na acta seja exarado um voto de profundo reconhecimento a professora gaúcha Maria Amorim e ao dr. Raja Gabaglia pela gentileza não só de terem accedido ao convite que lhes foi dirigido para tomarem parte na Conferência, como ainda pelo brilhante concurso que lhe dispensaram. O sr. dr. Presidente declara que o pedido será satisfeito com prazer.

Com a palavra Frei Evaristo Schürmann enviou á Mesa a seguinte indicação: Indico á Mesa desta Conferência se digne á apresentar á apreciação dos senhores conferencistas o meu desejo de se levantar uma moção de incondicional applauso e profundo reconhecimento ao exmo. sr. dr. Henrique Fontes, dignissimo Secretario da Fazenda, que na qualidade de Director da Instrucção Publica durante o governo do enolvidavel Hercilio Luz, marceu uma época de trabalho, disciplina e de elevação da classe do magisterio. Foi precisamente S. Excia. quem solucionou o difficultoso problema da acquisição de livros pelas classes pobres e remediada, o que sempre entravou a diffusão do ensino. editando os tres primeiros livros de leituras populares e pretendendo ainda completar a série pela edição de outros. A elle pois, o applauso, a gratidão do professorado aqui reunido, pela beneferencia de serviços inconfundiveis prestados á causa excelsa por que nos vimos interessando Conjunctamente indico ainda uma moção de aplauso, não menos repleta de gratidão ao sr. professor Luis Trindade, pelos serviços que durante tantos annos tem prestado á causa do Ensino Primario como activo auxiliar da Directoria da Instrucção, cargo em que tem manifestado de sobra os seus dotes intellectuais e o seu acendrado amor a educação e instrucção popular. Sala das sessões, 10—8—1927. Ass. — Frei Evaristo Schürmann, Izaura Veiga Faria (pelas prof^{as} da Escola São José), Mancio da Costa, Beatriz de Sousa Brito, Laercio Caldeira de Andrada, João Areão, P. F. X. Zartmann, Hyppolito Boiteux, Antonio Epiphania dos Santos, Hercilio Zimermann, Cezar Augusto de Carvalho, Antonio Gasparello, Taciano Barreto do Nascimento, Honorio Gomes de Miranda, Maura de Senna Pereira, Maria Amorim, Catharina Demoro, Edmundo Moreira, Mario Garcia, João Tolentino Junior, Irmã Bernwarda, Josephina C. de Andrada, Oscar Ramos, Albano Monteiro Espinola, F. Alencar de Azambuja, Egydio Abbade Ferreira e Luis Trindade (com restricções a parte que se refere a sua pessoa).

Posta em discussão, pede a palavra o professor Orestes

Guimarães que declarou: O professor Egydio Abbade Ferreira acaba de ver eu rasgar neste momento uma moção identica á do sr. Frei Evaristo, propondo um voto de agradecimento e homenagem ao dr. Henrique Fontes. Posta em votação e approvada.

Com a palavra o dr. Carlos Correa pede que seja transcripta na acta a brilhante Conferência, pronunciada pelo dr. Octavio Ayres na Academia Nacional de Medicina: «Ao iniciar esta comunicação previamente nos desculpamos e rogamos escusas a Academia, pelo tempo que vamos occupar com a leitura deste trabalho.

O assumpto bem sabemos, não é dos que mais agradam; materia um tanto árida, interessando somente a limitado numero de especialistas, referente apenas a questões de medicina social não prende a attenção suscitando debates apaixonados, armando controversias, ou inundando de luzes factos desconhecidos.

E' bem de ver, no entretanto que justamente as questões de medicina social não devem ficar a margem de nossas cogitações diurnas, pois muito embora tenhamos a mente sempre norteadas para estudos de puras investigações clinicas é mister não olvidar a nossa função de medico na sociedade, trazendo o nosso esforço para que dia a dia e cada vez mais, se prepare uma raça digna de sopezar os destinos de uma grande nação como a nossa.

Foi pois, com essas idéas a nos bailarem no cerebro que deixamos as terras do nosso país, com rumo ao continente europeu a procura de conhecimentos aperfeiçoados em medicina, de principios modelares na organização de hospitaes, e assim nos encaminhamos tambem até a Alemanha para nella perquirir o que mais de moderno e perfeito houver em materia de hygiene escolar de modo a, com as observações e estudos realizados contribuir para que semelhante serviço no Rio de Janeiro possa ser encarado e apreciado como organização perfeita e multiplicar-se em beneficios uteis aos milhares de alumnos das nossas escolas publicas. Eis pois a razão de ser dessa comunicação. E para não haver maiores delongas no que se vae ouvir, quando ainda mal se diludem os applausos a formidavel oração do nosso egregio presidente, ao despertar a attenção dos dirigentes do nosso país para o problema intellectual do nosso povo, que nos seja permittido aqui referir uma phrase do director da Saude Publica da Alemanha, em entrevista que

nos concedeu obtida pela dedicação do nosso prestimoso consul, em Berlim, dr. Bento Paço. Disse-me o professor Hoffmann, director da Saude Publica: «Na Alemanha ainda nos conservamos fieis ao principio de que quando uma nação intellectual e physica do seu povo caminha para uma catastrophe — ella terá fatalmente de ser vencida e esmagada pelas nações, cujos filhos forem mais fortes e mais preparados. «Passemos agora ao relato simples do que vimos e ouvimos e observamos em Berlim. Possui a Capital da Alemanha para o serviço de hygiene das escolas primarias frequentadas por mais de 400 mil alumnos, uma corporação de 300 medicos escolares, encarregados da fiscalização e da hygiene das escolas além de um grande numero (mais de 50) de medicos especialistas em oto-rino, laringologia, dermatologistas e psychiatras. Cada medico escolar tem ao seu dispor, como auxiliares de primeira ordem, duas enfermeiras, conhecendo perfeitamente os seus deveres e constituindo uma corporação de mais de setecentas pessoas. Existe ainda um corpo de 100 cirurgiões dentistas, votados obrigatoriamente aos seus deveres profissionais nas escolas publicas. Comparemos, meus senhores, este numerosissimo pessoal, technico encarregado da hygiene nas escolas de Berlim, num paiz vencido por quatro annos de guerra, sangrando por todas as veias economicas pagando o ar que respira, para uma população escolar de 400 mil crianças com um irrisorio corpo medico escolar do Rio de Janeiro, 21 profissionais para 120 mil alumnos, sem o auxilio, de um só enfermeiro, sem recursos materiaes de especie alguma, com escolas esparsas numa area extensissima e se verificará o desamor a indifferença impatrioticos com que taes questões são encaradas entre nós. Mas, continuemos: como si não bastasse, porem, o numeroso corpo de profissionais acima mencionados de que dispõe Berlim, ainda são elles só escolhidos depois de um estagio de aprendizagem de dois annos, na chamada Academia de Hygiene social, dirigido pelo eminente higienista prof. Sucke. Esta Academia é um modelo de organização e installações. Possui salas de conferências publicas, ou somente para os medicos que a frequentam. Um museu completo em que todos os assumptos ligados a hygiene da escola de crianças, puericultura, enfermidades infantis adquiridas no meio escolar, legislação sanitaria, etc., são expostos a aprendizagem dos medicos. Nesse museu vimos quadro e curvas interessantes sobre a influen-

cia da alimentação na criança durante e após a guerra; enfermidades mais frequentes, durante os quatro annos de lucta nas escolas, enfim tudo que possa illustrar ao profissional dedicado á hygiene das escolas. As paredes das salas de conferência, acham-se cobertas de quadros, desenho com conselhos hygienicos ao povo, sobre a alimentação, prophylaxia, e molestias contagiosas, cuidado com os recém-nascidos, soccorros medicos, urgentes ás crianças, etc. As conferências publicas frequentadissimas, feitas pelo professor Sucke e dr. Franz Mayer, versam geralmente sobre assumptos ao alcance de um povo - alcoolismo, toxicoses, molestias contagiosas, molestias venereas, as consequencias para a nação da não concepção pela mulher, enfim todo um programma de educação intellectual e elevação moral do caracter do povo. Algumas vezes essas conferências propositalmente mostram com films o estado miseravel a que chegaram as crianças, sob o regimen bolchevista, na Russia, em confronto com as crianças alemãs, amparadas pelo governo. Alem dessas conferências todos os dias das 20 ás 23 horas, existem numa sala adaptada da Academia, consultas publicas, pelo medico desportista dr. Franz Mayer, sobre os desportos a serem seguidos por adultos de ambos os sexos. Assistimos a essas consultas e assim expomos como ellas se passam: « O dr. Mayer, acompanhado de um auxiliar e de uma enfermeira separa os consultantes de duas especies: em primeiro lugar, são examinados os candidatos ao uso de exercicios physicos que não o tenham feito até então. O dr. Mayer toma-lhes a altura peso, amplitude thoraxica e dynamometria, fal-os executar provas fun cionaes respiratorias e de resistencia cardíaca, tudo isto vae sendo ditado em alta voz ao auxiliar encarregado de fazer a ficha desportiva do consultante. Em seguida o medico indaga das horas diurnas ou nocturnas disponiveis pelo examinando, pois, na sua maioria, são funcionarios publicos, empregados de commercio, operarios, etc. O medico, então, lhes aconselha o typo de exercicio adequado (equitação, remo, natação, gymnastica respiratoria ou sueca), e durante um prazo de tempo determinado. A segunda especie de consultas, é para os examinandos que já fizeram o exercicio, e, ou não se deram bem com elles ou pouco lucraram. Nestes casos são re-examinados pelo dr. Mayer, indo as pesquisas até á radiographia do coração.

A todo o examinando é entregue uma copia da ficha com

a indicação do exercicio a ser feito, pois as sociedades desportivas só aceitam socios que apresentarem a indispensavel ficha. Como se vê é tudo feito com criterio scientifico disciplina e desejo de melhorar sempre as condições physicas do povo alemão. Não se limita ainda a Academia de hygiene social aos factos que muito resumidamente acabamos de expor. Ella distribue farta e gratuitamente monographias; como as que aqui apresentamos: «Das Gezundheits Haus» ou então «A saude é a felicidade da vida»: «Gesundheits Lebezsigluck» e onde se acham contidos, escriptos por medicos sportistas e hygienistas, conselhos ao publico. Ao fim desta publicação encontra-se uma relação completa com as respectivas ruas e numeros e dezenas de estabelecimentos onde podem ser tratadas e alimentadas creanças escolares e adultos que de tal necessitem. Nella lem-se indicações como esta: Casas de tratamento aos tuberculosos e de tratamento aos alcoolatras e psycopathas; clinicas dentarias; tratamento para doencas de pelle e molestias secretas; tratamento de lactantes de menores; cantinas para escolares, menores e mães; jardins de infancia (em numero de 31); tratamento de aleijados, etc.

Retornemos á narrativa da entrevista que nos concedeu o director da Saúde Publica da Alemanha, professor Hoffmann a quem directamente está subordinado o serviço de hygiene escolar de Berlim. Os medicos escolares são acompanhados nas suas visitas pelas enfermeiras que os informam das crianças que necessitam de exames medicos, auxiliando-os, e recolhendo material necessario para as pesquisas clinicas indo entregalos aos laboratorios especiaes conduzindo os alumnos, aos medicos especialistas, cirurgiões-dentistas e sanatorios. Cabe ainda a estas enfermeiras as visitas domiciliars, aos escolares enfermos, de modo a estar o medico sempre ao par das causas do afastamento por molestia contagiosa ou não dos alumnos. Quando as crianças deixam de frequentar as aulas, por motivo diverso de molestia, o medico comunica o facto á directora da escola para que os paes de alumnos sejam compellidos a envia-los aos trabalhos escolares. A essas auxiliares, acha-se adstricta a função de verificar o asseio corporal dos alumnos, fazendo para isso as investigações necessarias. Os medicos de hygiene examinam os alumnos e docentes, duas vezes ao anno - ao se iniciar a matricula e no fim do periodo lectivo, seguindo sempre um criterio determinado por leis como diremos em breve. Este exame é

lançado na ficha do escolar e nenhuma creança pode ser transferida de uma escola para outra sem apresentar a sua ficha individual, onde se encontram todos os dados colhidos no exame feito — molestias infecciosas, lesões organicas, perturbação dos órgãos do sentido, estatura, peso, desenvolvimento intellectual, etc.

Encontrada uma criança enferma dos olhos, nariz, ouvido, garganta, ou com perturbações mentaes, é ella enviada ao medico escolar especialista para o indispensavel exame e tratamento. Nestes ultimos annos, foi resolvido pelas autoridades de hygiene alemãs que o medico escolar, não cabe somente a funcção de investigar se o alumno está enfermo ou não é elle obrigado a fazer o necessario tratamento, correndo por conta dos paes a aquisição do receituário. Entretanto, é permitido aos paes dos alumnos, faze-los tratar por medico de sua confiança; o que absolutamente não se consente é o alumno adoentado frequentar a escola. Só por esses factos verifica-se o quanto é afanosa a profissão do medico escolar, sabendo-se que a cada um compete zelar pela saúde de milhares de crianças, cujo numero as autoridades alemãs julgam demasiado, pensando em duplicar o numero desses profissinaes. Além desse exame individual o medico escolar funciona junto aos directores de escola como conselheiro tecnico, ministrando dados e ensinamentos indispensaveis a boa hygiene do predio, regimen alimentar dos alumnos, horas de recreio educação physica e fadiga intellectual e providencias prophylaticas de ordem geral.

Possue a cidade de Berlim para tratamento das crianças pobres e doentes das escolas publicas, contratado sessenta e trez sanatorios particulares, dividido, naturalmente, em especialidade, taes como: sanitario para molestias de aparelho respiratorio principalmente tuberculose; para molestia de nutrição; da pelle e syphillis; e sanatorios maritimos para as crianças debilitadas. Tem ainda a mesma cidade um sanatorio para psychopata, além de uma escola especialisada para os atrasados mentaes. A esses varios sanatorios são enviados, quer durante as ferias, quer durante os trabalhos escolares todos os alumnos que de tal necessitem. Aos medicos escolares incumbem fiscalizar o tratamento dessas crianças recolhidas ao sanatorio, informando as autoridades de como ellas são tratadas. A organização de hygiene escolar de Berlim attribue ao medico papel importantissimo na educação hygienica do povo. Por intermedio de conferências

feitas para o professorado, para os alumnos e até mesmo para familias, fazem aquelles profissioaes a instrucção hygienica do publico, tratando de assumptos os mais simples, como alcoolismo, tuberculose, molestias venereas, regimens alimentares, puericultura, enfim, todos os assumptos ao alcance das classes populares. Methodo curioso é o empregado para a educação hygienica das crianças de maioridade. Ella é feita com o auxilio de folhetos com desenhos illustrativos e pequenos versos, contando á criança as consequencias da falta de hygiene nas relações diarias da vida. Possuimos um desses folhetos que são distribuidos largamente ás crianças das escolas publicas. Outros ponto importante que não deixa de ser severamente cuidado pelos medicos escolares, é o regimen alimentar dos alumnos. Para se ficar sabendo quanto ás autoridades berlinenses, presam a saúde e a vida das crianças, basta narrar haver o director de saúde, professor Hoffmann nos informado que diariamente a municipalidade faz distribuir oitenta mil merendas aos alumnos pobres nas escolas. Essas merendas são quasi sempre constituídas pelo copo de leite ou então carne e pão. Chegada a época das ferias escolares, inicia-se o periodo das viagens a que são obrigados todos os alumnos que de tal necessitam. Para terem direito a essas viagens, são as crianças previamente examinadas pelos medicos enviadas para as montanhas ou para a beira-mar. Todos os alumnos tem direito a duas viagens durante o anno; podendo haver uma terceira quando tal coisa se fizer, ouvido o medico da escola. Todas as despezas com a viagem corre por conta dos cofres municipaes, cabendo- apenas aos pais uma ligeira contribuição pecuniaria para a nutrição dos alumnos. No que diz respeito as questões referentes a educação sexual dos alumnos, ella é feita pelos medicos quando se trata de rapazes e pelas professoras e enfermeiras para as meninas, visando-se sobretudo o conhecimento de molestias venereas para o qual o museu da Academia de hygiene social está esplendidamente provida de optimos modelos em gesso.

O assumpto que merece mais cuidados da inspecção medico escolar de Berlim, no que diz respeito ás molestias contagiosas, é o da prophylaxia da tuberculose para o qual foi feita uma lei especial, cujos artigos leremos a breve trecho. Os resultados não se tem feito depois da execução da lei, esparar: de 400 mil crianças que frequentam as escolas publicas, somente foram encontradas no anno passado trezentas e

poucas com tuberculose aberta, o que vem dar uma proporção de menos de um por mil. Não é preciso dizer que essas crianças são immediatamente enviadas para os sanatórios especiaes nas montanhas, a custa dos cofres municipaes. Para ultimar esta parte geral, e passar a parte propria regulamentar da inspecção medica escolar em Berlim, cumpre-nos informar ainda que se cogitava neste paiz de se estabelecer para as crianças das escolas publicas conhecido SEGURO contra A DOENÇA já axistente para os academicos da Univeridade. Consistirá esse seguro em uma contribuição semanal de um a dois marcos feita pelos paes dos alumnos, de modo que quando estes venham a adoecer possam receber tratamento completo, medico cirurgico, e dietectico nos sanatorios e polyclinicas já existentes e contractado pelos poderes publicos. Vejamos presentemente os regulamentos geraes e especiaes da inspecção medico escolar alemã e que nos foram gentilmente offerecidos pelo prof. Hoffmann: **ARTIGOS FUNDAMENTAES PARA A ACTIVIDADE DOS MEDICOS QUE TRABALHAM NOS ESTABELECEMENTOS OFFICIAES DE INSTRUCCÃO SECUNDARIA, MEDIA E PRIMARIA DA MUNICIPALIDADE DE BERLIM.**

A actividade dos medicos escolares nos estabelecimentos officiaes de instrucção secundaria, media, primaria da municipalidade, deve ser organizada igualmente para todos sobre base das disposições seguintes:

I) *Relações de serviços* — Segundo as disposições da direcção do Corpo de Saúde (D. Bl. VII — 1924, n. 48) devem os medicos escolares ser graduados immediatamente abaixo do chefe do Corpo de Saúde.

II) *Actividade* — a) *Generalidades* — O medico escolar, terá a vigilancia sobre todas as crianças que lhe são confiadas e sobre organizações da escola; cuidará que sejam evitadas perturbações á saúde das mesmas e que sejam removidas as perturbações á saúde das mesmas e que sejam removidas as perturbações que se apresentem. O medico escolar deve para isto alem da sua actividade na escola tambem ter em consideração o meio familiar da criança (1). (vide nota 1, no fim deste). O medico escolar é obrigado a manter continuamente escripturação regular de sua actividade e dos resultados desta (servindo-se das folhas de questionarios officiaes), igualmente é elle obrigado a fornecer á repartição da Saúde os relatorios requisitados para cumprimento dos seus deveres o medico escolar agirá em contacto

intimo com os orgãos da escola das instituições de Saúde officiaes e particulares, como tambem com as instituições sociaes de seguro. E' igualmente necessario ter elle uma estreita união com as organizações de assistencia á infancia. Deve o medico escolar acompanhar continuamente, além da orientação corrente sobre os progressos de cultivo da Saúde nas escolas e da medicina infantil, tambem o desenvolvimento no dominio correspondente da politica sanitaria e social. (b) — *Decisões* — E' o medico escolar o profissional cuja decisão resolve todas as questões medicas da escola. A elle compete em particular dar attestados para dispensa dos exercicios de gymnastica, etc., segundo instrucção ministerial de vinte quatro de janeiro de 1920 (2), (vide nota n. 2 no fim deste).

c) — *Vigilancia e Conselho* — 1º Exame medico da totalidade das crianças —. Estes devem realizar-se nas seguintes classes: nas escolas publicas primarias, na entrada, na sexta na quarta, segunda classe e ao deixar a escola Nas Realschule e nas escolas medias femininas, na entrada na sexta classe depois nas quartas e segundas classes e ao deixar a escolas. Nos Lyceus, na entrada, na sexta classe depois nas quartas e segundas classes e ao deixar o Instituto. Nos gymnasios e Realgymnasios e Oberrealschule, na entrada na Sexta, Untertertia e Untere segunda e á saida. (3) Vide nota 3 no fim deste).

Em regra devem os paes ou outros responsaveis pelas crianças ser convidados aos exames medicos. O exame deve ser feito de maneira a ser preenchida a ficha escolar de saúde. Nella devem ser inscriptos os resultados do exame. Especialmente deve verificar-se, o peso, a altura, e o grau de visão e audição. (4) (Vide nota 4 no fim deste). «Crianças com doenças nervosas, de olhos ou ouvidos de diagnostico duvidoso, assim como psychopaths devem ser dirigidas aos correspondentes de consultorios medicos especialistas das escolas. (Vide as disposições especiaes.)

Crianças tuberculosas ou com propensão a tuberculose devem ser dirigidas ao posto existente de prophylaxia contra a tuberculose; tambem está a cargo do medico escolar recorrer aos convenientes postos de exame medico especializado para o esclarecimento de caso de diagnostico duvidoso. Se isto accarretar gastos pecuniarios è necessario o consentimento do posto.

Os resultados dos exames por especialistas devem ser escripturados nas fichas escolares de saúde e si por qualquer motivo isso não for possível, deve guardar-se a sua anotação de maneira a poder esta ser usada juntamente com a ficha escolar de saúde e a poder ser continuada no caso de mudar a creança da escola. (5) (vide nota 5 no fim deste).

Nos exames medicos realizados por occasião da entrada na escola, as crianças serão examinadas especialmente sobre sua aptidão para os cursos da escola. Na medida do possível os exames estarão terminados nos primeiros quatorze dias do anno lectivo. Havendo de principio suspeição de incapacidade para acompanhar as aulas o exame, realizar-se-á ainda antes do inicio do primeiro anno lectivo (6) (vide nota 6 no fim deste.)

Quando os alumnos deixarem a escola, deve ser dado além das informações requeridas em geral, um julgamento sob a aptidão profissional do alumno, preenchendo-se assim a ficha da Repartição de Profissões. 2º — *Vigilância.* — Crianças cujo estado de saúde peça um controle medico continuo ficarão debaixo de especial vigilância (os exames medicos serão tão frequentes quando preciso, sendo porem feitos ao menos duas vezes por anno.) Si as fichas escolares de saúde forem guardadas na propria escola não è necessario fazer-se para essas crianças uma ficha especial de vigilância. Neste caso basta indicar-se o facto da vigilância por um signal correspondente na ficha escolar de saúde (com lapis de cor, p. e.). Si as fichas escolares de saúde não forem guardadas na propria escola serão feitas fichas especiais as quaes tambem devem ser feitas para todas as crianças que necessitam no ensino serem tomadas especialmente em consideração pelo professor da classe. Destas fichas constarão os conselhos do medico escolar, servindo ellas em particular para dar informações ao director da escola e aos professores. 3º — *Consultorios escolares* — Ao menos duas vezes por semana o medico escolar deverá ter, aproveitando os locais que tiverem a disposição horas fixas de consulta para as crianças e os paes destas do seu districto. Algumas destas horas de consultas devem ser dadas durante as horas de trabalho escolar (pela manhã.)

Na consulta o papel do medico é aconselhar. Só deve fazer um tratamento quando não houver garantias da criança o receber convenientemente em outro lugar. Os traços mais importantes notados durante o exame na consulta serão au-

notados na ficha escolar de saúde. (7) (Vide nota 7 no fim deste).

As creanças cujo exame mostrar precisarem de uma vigilância continua, devem, assim como está dito no numero 2 ser incluídas na lista das crianças a serem vigiadas especialmente.

d) *Medidas para a saúde da criança* — 1º Meios de obtenção do tratamento necessario e vigilância sobre o cumprimento de outros conselhos — O medico escolar cuidará para que as crianças que nos exames regulamentares ou no consultorio escolar mostrarem precisar de tratamento, recebam realmente esse tratamento. Para isso terá elle relações com os medicos clinicos e organizações para tratamento de crianças doentes, Polyclinicas e Ambulatorios. Deverá zelar para que os meios financeiros necessarios ao tratamento, sejam fornecidos pelas repartições competentes. Tambem o medico zelará pelo cumprimento de qualquer outra indicação sua. Para bom cumprimento das suas funções utilizará em primeira linha a visitadora escolar. Em casos apropriados poderá pedir o auxilio do professorado e dos órgãos de beneficencia publica ou privada. 2º — Da escolha para a participação á cantina escolar, colonias de férias, tratamento e descanso para escolares. — A escolha para frequencia á cantina escolar cabe unicamente ao medico escolar agindo de accordo com o professorado, os funcionarios officiaes e os representantes de instituições beneficentes. Sobre as minudencias o medico consultará os directores para a escolha na assistencia alimenticia.

Na selecção das crianças considerar-se-ão primeiramente os resultados das observações feitas nos consultorios escolares e nos exames regulamentares. Tambem a escolha para a frequencia das colonias de ferias e do tratamento depende do medico da escola. Esta escolha tambem será feita pelo estudo do resultado dos exames regulamentares e do consultorio. (Vide os conselhos a respeito).

Antes de começar o periodo das remessas pode ser feito novo exame em todas as crianças em questão. Nesse tempo o medico estudará com cuidado o conjuncto das necessidades provaveis de remessas de alumnos em todo o anno escolar. Pela escolha só podem ser enviadas a estabelecimentos de cura e tratamento as crianças que correspondam as exigencias denominadas *Regulament* o qual versa sobre a

escolha de crianças a serem enviadas a estabelecimentos de cura e de tratamento.

Cabe ao medico escolar conservar-se bem orientado sobre as disposições e regulamentos dos estabelecimentos de que poderá dispor, assim como dos resultados obtidos por estes. 3º — Exercícios physicos — O medico escolar dirigirá constantemente sua attenção para exercicios corporaes, (exame de capacidade physica), excursões, etc. O medico da escola manter-se-á ao par das organizações já existentes de exercicios especiaes de cultura physica e dos regulamentos respectivos e enviar a ellas as crianças convenientes. (8) (Vide nota 8, no fim deste).

Sobre a contribuição do medico escolar, no sentido da natação existe uma circular especial do ministerio Decreto n. 6, de 31 de março de 1925. O medico da escola sempre estará attento para evitar que os escolares possam prejudicar a saúde com exercicios physicos inapropriados, feitos nas associações sportivas infantis, etc. Por isso estará ao par do progresso scientifico sobre aptidão para o sport, o perigo destes para poder examinar a aptidão sportiva da criança, antes de ingressar ella numa sociedade sportiva, no caso que não realize a propria sociedade este exame. Em caso de duvida entram em accção os postos de conselhos medico desportivo. (9) (Vide nota 9, no fim deste).

a) *Ensino hygienico* — Cabe tambem ao medico espalhar entre os professores, paes e alumnos os conhecimentos hygienicos sobre as principaes doenças e sobre prophylaxia. Tambem é sua obrigação aproveitar as reuniões escolares (conferencias ao professorado, sessões dedicadas aos paes, etc.), para espalhar estes conhecimentos fazendo conferências adequadas. Consta tambem das obrigações do medico realizar conferências explicativas sobre o perigo dos vicios. (Tabaco, alcool, etc. e das doenças venereas).

f) *Combate ás doenças contagiosas* — Irrompendo doença contagiosa numa escola deve o medico escolar immediatamente se por á disposição do Director da escola para a requerimento deste visita-la a qualquer tempo. Quando for necessario fechar uma classe ou uma escola o medico escolar se entenderá com a Directoria de Saúde do Districto ou com a Directoria Geral de Saúde e communicar a ordem de fechamento ao director da escola (Vide nota do Ministerio da Assistencia Publica de 5 de Abril de 1923.—J. M. II, 216

e D.—Bl. VII 1926, n. 30) Em todo o caso o medico avisará logo ao Director Geral da Saúde Publica assim como determinará a época em que voltarão a escola as crianças convalescentes.

Tambem se lembra aos medicos escolares a obrigação de declarar os casos contagiosos de tuberculose laryngea. Estas declarações devem ser feitas aos postos de saúde do Districto de residencia das crianças doentes. Sobre tudo isto vide «Do cumprimento do decreto sobre o combate á tuberculose em Berlim», D. Bl. VII 24, n. 22 de 29 de março de 1924). Ao medico escolar podem ser transmittidas as funções do medico vaccinador.

— *Inspeção* — 1º — Nas escolas —

As visitas ás escolas realizam-se em geral duas vezes por anno.

Seu fim é: a) — Exame do estado hygienico do predio e de suas dependencias, b) Exame do estado sanitario geral das crianças.

2º — Nos patronatos — A inspeção do estado sanitario dos patronatos situados no seu districto compete ao medico. Todas as vezes que se emprehender reforma nos predios o medico escolar deve estar presente.

1) — Vide decreto concernente ao trabalho infantil, em officinas de 30 de março de 1923 e tambem as «Disposições complementares».

2) — Instrução do Ministerio de Sciencia Arte e Cultura Publica, de 24 de janeiro de 1920 (Zentralblatt). (Boletim Central para todo o corpo de ensino, pag. 203) e circular de 12 de maio de 1923.

3) — Se a criança entrar na escola numa outra classe será examinada pelo medico escolar nas horas da consulta ou qualquer outra occasião.

4) — E' recommendado fazer-se regularmente exame de urina ao sentido do que dispõe a circular ministerial de 11 de maio de 1920 I. M. IV. 908 20. Havendo razões especiaes a Repartição de Saude existente no Districto pode mandar augmentar estes exames, ás crianças que mostraram precisar d'elle.

5) — As Repartições dos Districtos determinam conforme as necessidades locais, o modo de guardar as fichas de saúde escolar. Recommenda-se em geral, que sejam guardadas em ficheiros separados no consultorio do medico. Este cuidará para que em caso, de remoção da criança de uma escola para outra, as fichas escolares e outro material que tenha sobre o estado de saúde da criança sejam entregues ao medico da escola para a qual entra o alumno.

6) — Crianças surdas-mudas ou somente surdas, ou mudas ou ouvindo tão pouco que não possam aprender a falar pelos meios communs, ou que tenham apprendido a falar, não estejam mais em condições de entender pelo ouvido o que se lhes diz, como tambem crianças ce-

(N. 12.585) — *Decreto sobre o combate a tuberculose nas escolas de 4/8/23.*

O Congresso resolveu o seguinte:

1) Toda doença contagiosa e todo o caso mortal de tuberculose pulmonar e laryngea será levado ao conhecimento do medico do Districto, de residencia ou de fallecimento do enfermo dentro do prazo de 24 horas no caso de morte e oito dias no caso de doença; podendo a comunicação ser feita verbalmente ou por escripto.

2) O Ministro da Assistencia Publica pode permittir que os avisos sejam dados a postos de prophylaxia, e repartições beneficentes de assistencia medica, caso preencham as condições prescriptas. Neste caso não se precisa avisar o medico do Districto, a propria repartição o fará.

3) Num posto de prophylaxia que não preencha as condições prescriptas deverá o medico do posto passar adiante as comunicações.

4) E' obrigação do medico assistente fazer as comunicações.

2) I — Se um dos doentes muda de residencia é necessario, que immediatamente, se saiba para onde foi e avisar verbalmente ou por escripto, dando a antiga, e a nova

gas ou vendo tão pouco que se assemelham as crianças cegas devem quando se apresentarem á escola serem remettidas ao posto determinado pela Repartição do Districto, para dahi serem enviadas aos estabelecimentos especiaes. Em caso nenhum, alumnos com defeitos graves de vista ou ouvido deixarão de frequentar a escola, sem motivos especiaes. Aqui se lembra que a obriagação da frequencia á escola começa no fim do sexto anno de vida para os cegos e do setimo anno para os mudos, nas escolas especiaes. Crianças de faculdades mentaes fracas, mas bem desenvolvidas physicamente devem ir para a escola mas ser logo que for possivel re-ovidas para uma escola especial de debéis mentaes. Crianças idiotas não devem ir para escola commum. Deve-se apresentar a escola especial existente e indicada pelas Repartições do Districto, para serem encaminhadas.

7) — Caso não esteja á mão a ficha escolar de saude por occasião da consulta medica recommenda-se fazer as annotações primeiramente numa folha a parte. (Chamada «Besundbogen») Nesta folha tambem se annotarão convenientemente as comunicações de instituições de assistencia, attestados, sobre o resultado das remessas ás colonias de ferias e tratamento, etc. Estas folhas serão ligadas as fichas escolares de saude.

8) — Vide, instrucções para realização dos exercicios physicos especiaes para crianças e colares fracas D—Bl VII, 1926, n. 5.

9) — E' para desejar que o medico escolar conquiste o titulo de medico sportivo.

moradia, ao Districto da residencia antiga, sendo esta comunicação feita pelo chefe da familia ou seu representante.

2) Se com a mudança de residencia tambem muda o chefe de familia a obrigação de avisar pertence ao antigo chefe.

3) — Nos casos de doença e morte que tenham lugar em hospitaes asylos, maternidades, prisões, e outros estabelecimentos deste genero, o Director do estabelecimento ou a pessoa que o substitue tem obrigação de fazer comunicação no prazo maximo de 24 horas.

4) — Os districtos têm obrigação de fornecer, gratuitamente, cartões proprios, para comunicações por escripto.

5) — 1) Se o posto de prophylaxia da tuberculose achar necessario tomar providencias prophylacticas deverá exigir as pessoas que rodeiam o doente, que tomem de accordo com o medico assistente as medidas necessarias: isto é, enquanto não entrar directamente em acção o posto de prophylaxia.

2) Se no lugar não houver posto de prophylaxia, então o medico de saude publica, de accordo com o medico assistente, tomará todas as medidas previstas pela lei para evitar a extensão da doença e cuidar do doente e sua familia.

6) — A comunicação de mudança da moradia de um doente deve ser vista pelo medico de saude publica e pela Repartição de prophylaxia e por elle ser enviado ao districto da nova residencia do doente. O districto tomará as providencias, de accordo com o paragrapho 5.

7) — O posto de exame bacteriologico comunicará o resultado do exame de escarro ao medico que pediu exame, além disto comunicará tambem todos os resultados positivos ao respectivo districto.

8) — 1) O medico assistente ou o medico de saude publica ou o posto autorizado pelo ministro da assistencia poderá mandar effectuar uma desinfecção pela policia sanitaria, local. A desinfecção será feita de accordo com o regulamento das desinfecções.

2) Se a desinfecção for muito dispendiosa em relação ao valor dos objectos, então a autoridade policial poderá ordenar a distribuição dos mesmos.

3) Contra a ordem da autoridade policial poderão ser usados os meios legais.

4) O protesto contra decisão da policia sanitaria não adia a execução das medidas prophylacticas.

9 — 1) A contribuição do medico de saúde publica para cumprimento destes decretos é gratuita.

2) A despesa de desinfecção corre por conta dos meios publicos.

10 — Será multado em MK. 1.500: (3 contos em nossa moeda):

1º — Quem deixar propositalmente de fazer as communicações dos paragraphos 1 até 3 desta lei, salvo o caso da comunicação ter sido feita em tempo por uma outra pessoa, responsavel ou mesmo por terceiro.

2º — Quem usar ou entregar a outros, objectos sujeitos a desinfecção pela policia sanitaria, antes da mesma se ter realizado.

Eis aqui, senhores academicos, o que vimos, ouvimos e observamos na Alemanha, sobre hygiene das escolas publicas.

Possam estes simples dados, sob o alto paranymphado desta Academia, ser lido pelos responsaveis dos destinos do nosso povo, de modo a que não estejamos no casulo dourado da nossa egolatria indigena, com uma cegueira criminosa, um desamor monstruosamente impatriotico, preparando uma patria que venha a servir de cobiça e presa facil a outras nações de povos cultos e fortes."

Com a palavra a professora Beatriz de Sousa Brito enviou á Mesa o seguinte requerimento. Cumprindo um dever de inteira justiça e interpretando os nossos sentimentos de representantes do magisterio catharinense apresentamos as moções incluídas ao presente requerimento, rogando que vos digneis acceita-las como homenagem de applauso e merito aos dignos senhores e estabelecimentos de ensino: dr. Achilles Galotti que, como proficiente medico e Director do Instituto Polytechnico tem conquistado um circulo de sympathias e firmes adhesões, pela competencia e zelo com que se tem conduzido como lente e chefe de um curso superior trabalhando com denodo juntamente com a illustradissima Congregação de abalisados cathédricos que muito recommendam o estabelecimento ao conceito publico, aos altos poderes do Estado e da Nação, bem como ao dr. José Arthur Boiteux, como seu insigne fundador, dr. João Candido da Silva Muricy, como dedicado e competente director do ensino profissional da escola de Aprendizizes Artifices,

que evidentemente tem trazido ao nosso meio os mais avançados beneficios, visto que se vão consolidando com verdadeiro aperfeiçoamento as energias phisicas e moraes da nossa mocidade. Professor Laercio Caldeira de Andrada, um escol das bellas iniciativas, o elegante prosador, o jornalista intemerato que busca dividir o tempo, escudado no amor as letras e ao trabalho, vem dirigindo com alta visão de competencia e energia, o Instituto Commercial de Florianopolis, recommendado pela sua organização e fins, cujos beneficios tem trazido a nossa terra, os mais e os melhores fructos. Sala das sessões, 10-8-1927. Ass. — Beatriz de Souza Brito, Marcilio Dias Santiago, Luis Trindade, Egydio Abbade Ferreira, Emilia Gastão, Maria Amorim, João Tolentino Jr., Laura da Luz Montenegro, Antonio E. dos Santos, João dos Santos Areão, Frei Evaristo Schurmann, Antonio Gasparello, Adriano Mosimann, Maura de Senna Pereira, Catharina Demoro.

Posto em discussão e votação foi approvada sem debates.

Com a palavra a professora Maura de Senna Pereira, enviou á Mesa a saudação da Liga do Magisterio Catharinense, concebida nos seguintes termos: Em nome da Liga do Magisterio Catharinense, saudo fraternalmente os dignos membros da Conferência Estadual de Ensino Primario, pelas preciosas conlusões obtidas do estudo e consideração das varias theses apresentadas, visando o melhoramento do aparelho educacional da nossa terra, facto que marcará época da historia e na vida da Instrucção Catharinense. Salas das sessões, 10 — 8 — 27. Ass. — Maura de Senna Pereira.

O sr. dr. Presidente declarou que á mesa ficava inteirada do assumpto e agradecia.

Com a palavra o professor Orestes Guimarães justificou-se dizendo: Venho justificar uma homenagem que julgo deve ser prestada por esta Conferência a um grande morto, cuja memoria me é muito cara e muito cara deve ser tambem para todos aquelles que se dedicam ao magisterio. Quero referir-me a um homem que durante o Imperio occupou cargos de grande destaque em nosso Estado e que depois da proclamação da Republica os continuou desempenhando e exercendo. Refiro-me a Abdon Baptista, o iniciador em ponto pequeno do ensino em Sta. Catharina, e que, mais

tarde, Vidal Ramos, estendeu a todo o Estado. Enviou, em seguida, á Mesa o seguinte requerimento: Indico que esta Conferência, por intermedio de sua Mesa telegraphica ao Conselho Municipal de Joinville, communicando que ella lançou nas suas actas um voto de homenagem a Abdou Baptista como fundador do Collegio Municipal daquela cidade, o qual, por assim dizer foi o embryão da reforma do ensino estadual. Florianopolis, 10—8—1927. Ass. Orestes Guimarães.

Posto em discussão e votação foi approved sem debates.

Com a palavra a professora Beatriz de Sousa Brito enviou á Mesa o seguinte requerimento. Baseado num principio de inteira Justiça pela igualdade de direitos adquiridos e amor aos nobilitantes serviços prestados á causa da Instrucção, por uma pleiade de servidores que muito cooperaram para a grandeza do Brasil e o conceito da sua civilização no dominio das outras nações cultas, vimos mui respeitosa e dignamente requerer á dignissima Mesa da Conferencia Estadual de Ensino Primario para que, com carinho e interesse, extenda suas vistas á classe dos professores publicos municipaes do Estado, muito embora seja de outro plano de legislação e não mantida pelos cofres estaduais, mas que entretanto empresta o seu valioso concurso, preparando os futuros servidores da Patria, sujeita, não só ao Regulamento da Instrucção como parte integrante das inspecções escolares e disciplinares.

Solicitamos, pois, com a devida venia, a benevolencia dos dignos. Membros, para que amparem esta pretensão, aliás bem justa e intercedam junto ao Poder Legislativo, afim de que conste dos trabalhos daquela Casa uma lei que faculte aos professores municipaes a contagem do tempo de serviço para os effeitos de aposentadoria. Sala das sessões, 10—8—1927 Ass.—Beatriz de Sousa Brito, Luiz Trindade, Emilia Gastão, João Tolentino Jr., Marcilio Dias Santiago, Laercio Caldeira de Andrada, Albano Monteiro Espinola, Antonio E. dos Santos, João dos Santos Areão, Frei Evaristo Schurmann, Taciano Barreto do Nascimento, Adriano Mosimann e Maura de Senna Pereira.

Posto em discussão e votação foi approved sem debates.

Com a palavra a professora Maura de Senna Pereira, leu o seguinte requerimento: Á vista da brilhante actuação que nesta Conferencia tem exercido a garrida professora d. Ma-

ria Amorim requeremos: a) que seja incluido em acta um voto de alta homenagem a essa illustrada educacionista, que intelligentemente cooperou connosco para o exito dos nossos trabalhos; b) Que se telegraphica ao exmo. sr. dr. Protasio Alves, dignissimo Secretario do Interior e Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, apresentando cumprimentos ao magisterio riograndense e louvando a capacidade e o merito da sua illustre representante junto a esta Conferência. Sala das sessões, 10—8—1927. Ass.—Maura de Senna Pereira, Beatriz de Sousa Brito, Laercio Caldeira de Andrada Luiz Trindade, Oscar de Oliveira Ramos, Mâncio Costa, Marcilio Santiago, Catharina Demoro, Raja Gabaglia, Edmundo Moreira, Mario Garcia, Egydio Abbade Ferreira, Isaura Veiga de Faria, João Tolentino Junior, Adriano Mosimann.

Ainda com a palavra apresentou um segundo requerimento do teor seguinte: Requeremos que a Mesa da Conferencia represente ao Congresso Representativo do Estado solicitando que, na elaboração da lei do orçamento para o anno de 1928, os vencimentos das professoras, sejam equiparados aos dos profesoress. Sala das sessões 18—8—1927. Ass.—Maura de Senna Pereira, Catharina Demoro, Laura da Luz Montenegro, Maria do C. C. de Andrada, Emilia Gastão, Isaura Veiga de Faria, Beatriz de Sousa Brito, Maria Amorim, Floscula de Queiroz Santos, Josephina Caldeira de Andrada, Postos em discussão e votação foram ambos approved sem debates.

Com a palavra o professor Marcilio Santiago disse: Eu não posso deixar neste momento srs. Conferencistas, de pedir um pensamento de amor e de gratidão para que foi um dos maiores senão o maior dos politicos catharinenses: Lauro Müller.

Com a palavra o professor João dos Santos Areão enviou á Mesa o seguinte requerimento: Requeiro á Mesa da Conferencia para que se digne officiar ao Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado, solicitando os seus bons officios no sentido de ser concedido ás creanças pobres moradores no Continente, que frequentam as escolas na Capital, passagem livre na Ponte Hercilio Luz. Posto em discussão e votação foi approved sem debates.

Com a palavra o P. F. Xavier Zartmann disse: Tenho deante de mim o Diario Official de Minas Geraes com as resoluções tomadas no primeiro Congresso de Ensino realizado naquelle Estado Entre outras conclusões a que se

chegou encontram-se as que passo a ler "A figura incomparavel de Jesus Christo exerce uma seducção irresistivel no espirito das crianças. Devem, por isso, os livros escolares versar scenas da vida, milagres e pregações de Jesus Christo. As creanças em idade escolar procurar-se-á incutir a crença em Deus. A religião é o primeiro elemento de educação moral." Temos nestes dias homenageado varios vultos. Falta-nos, porem, homenagear ao educador por excellencia, motivo por que peço licença para enviar á Mesa a seguinte Moção: A primeira Conferencia de Ensino Primario de Santa Catharina, segundo o exemplo do primeiro Congresso de Instrucção Primaria do Estado de Minas Geraes, declara que por ser o ensino official leigo, não é atheu. Está intimamente convencido de que a religião é o primeiro elemento de educação moral e que a figura augusta do divino Redemptor mestre dos mestres, e o ideal mais apto para accender na alma da criança o amor a virtude. Sala das sessões, 10—8—1927. Ass — P. e F. X. Zartmann, Raja Gabaglia, Frei Evaristo Schurmann.

Posta em votação foi approved sem debates.

Com a palavra o professor João dos Santos Areão fez uma apologia calorosa de escotismo, expondo a vida dos mesmos em acampamento e provando que é uma escola para formação do caracter.

Com a palavra o dr. Edmundo Moreira disse: Tem-se occupado até hoje esta Conferencia das questões referentes ao ensino. Ella, porem, não pode nem deve encerrar-se sem que aproveemos uma mensagem de saudação aos ministros catharinenses dr. Victor Konder, general Sezefredo dos Passos e almirante Pinto da Luz que tanto vêm honrando o nosso Estado nos altos cargos que actualmente lhes estão affectos. Posta em votação foi approved, sem debates.

Com a palavra o professor Marcilio Santiago pede que se lance na acta um voto de louvor aos governos municipaes e chefes escolares presentes á Conferencia pela solidariedade que prestaram a mesma. Posto em votação foi approved.

Passou-se então a segunda parte da ordem do dia. Entra em discussão o parecer n. 27. Com palavra o professor Marcilio Santiago este declara: O Regimento organizado pelo professor Orestes Guimarães prevê tudo quanto o parecer encerra acerca da these do professor Mosimann pelo que julgo superfluas todas as suas indicações. O n. 14 do

art. 279 do Regimento preenche de modo cabal. Ao organizarmos os nossos relatorios attendendo ao estipulado no alludido artigo, referimos nesse trabalho todas as necessidades attinentes acautelar os interesses do ensino. Explicou em seguida o seu modo de proceder quanto ás reuniões pedagogicas de que trata o regimento.

Com a palavra o professor Mario Garcia justifica, como membro da commissão que subscreve o parecer, o modo de pensar da mesma. Trocaram-se apartes entre o prof. Adriano Mosimann, Mario Garcia, Gustavo Gonzaga, Orestes Guimarães, e Marcilio Santiago.

Com a palavra o professor Adriano Mosimann justificou o seu ponto de vista ao elaborar sua these. Diz que seu intuito é fazer com que os professores se dediquem aos factos referentes ao ensino.

Com a palavra a professora Beatriz de Sousa Brito disse que depois de ouvir os prós e os contras devia manifestar sua opinião. Considera a these do professor Mosimann como um trabalho de grande valor achando porem desnecessario sobrecarregar os professores com mais serviço. Trocaram-se apartes entre a professora Beatriz de Sousa Brito, Adriano Mosimann, Laercio Caldeira, Luis Trindade, dr. Heitor Blum.

Com a palavra a professora Catharina Demoro declara que acha que se deva aproveitar as suggestões do prof. Adriano Mosimann para a elaboração dos relatorios annuaes, enviando á Mesa o seguinte requerimento: Peço á Mesa para consultar si os Conferencistas concordam que as suggestões feitas pelo professor Mosimann sirvam como guia na organização dos relatorios annuaes dos Directores dos Grupos. Sala das sessões, 10—8—27. Catharina Demoro. Posto o parecer em votação foi regeitado. Posta a emenda em votação foi approved. Entra em discussão o parecer n. 29 o qual depois de uma troca de explicações entre os professores João Areão, Orestes Guimarães, Raja Gabaglia, Barreiros Filho foi approved em votação nominal a primeira parte que approva o uso dos mappas e a emenda que foi tambem approved em votação nominal, manda usa-las nas escolas isoladas, sendo portanto regeitada a ultima parte do parecer. O dr. Raja Gabaglia fez declaração de voto favoravel a 1ª parte e á emenda.

Com a palavra o professor Orestes Guimarães pede á Mesa, a fim de satisfazer a uma determinação telegraphica do sr. Ministro da Justiça que lhe seja dada copia da referida These. O sr. dr. Presidente declarou que o pedido seria satisfeito. Posta em votação foi approved sem debates.

Entra em discussão o parecer n. 31

Com a palavra o dr. Edmundo Moreira borda em torno do mesmo varias considerações acerca do ponto de vista de sua These, produzindo uma brilhante oração. Posto em votação foi approved. Findo a ordem do dia o professor Laercio Caldeira de Andrada pede a palavra e pede á mesa para ser rendida uma homenagem em memoria dos educadores como Bueno de Gouvea, Francisco Octaviano do Livramento, Paulo Schieffler, Horacio Nunes, e José Brasilicio que foi approved.

Com a palavra o dr. Raja Gabaglia regosija-se com o triumpho da Conferencia e felicita Sta. Catharina, terminando: "Encerramos contentes estes trabalhos onde procuramos cumprir o nosso dever a bem da Republica e a bem do Brasil.

Com a palavra o dr. Cid Campos agradece dizendo: Srs. conferencistas. Ao encerrar os trabalhos da Conferência Estadual de Ensino Primario, cabe-me dizer, que o Governo do Estado, do qual tenho a honra de fazer parte, como Secretario do Interior e Justiça, manifesta por meu intermedio, a todos, vós, srs. conferencistas, o seu profundo penhor de gratidão e intenso jubilo pelo modo elevado por que acceitastes o convite que foi dirigido e pelo brilho que vosso talento e pratica das questões pedagogicas emprestaram aos estudos nella apresentado. Seja-me permittido destacar, nesta gratidão, os nomes aureolados dos professores Raja Gabaglia, e o da professora senhorita Maria Amorim nomes vencedores no magisterio da Capital da Republica e no Estado do Rio Grande do Sul e que trouxeram a esta Conferência pedagogica as luzes de seus lucidos talentos e os ensinamentos sabios de seus profundos conhecimentos. A todos, emfim e principalmente á commissão organizadora pelos esforços empregados para que a Conferência tivesse o brilho que alcançou os meus agradecimentos muito sinceros. Paraphraseando, srs. Conferencistas, um celebre orador luso, eu vos digo, para exteriorizar o quanto de gratidão ficastes merecendo ao Ensino Primario Catharinense, um termo muitissimo portuguez que é tambem muitissimo brasileiro: Obrigado, muito obrigado.

Com a palavra o professor Raja Gabaglia enviou á

Mesa as seguintes indicações: I — Proponho um voto de louvor, muito especial e sincero aos professores Mâncio da Costa, Orestes Guimarães, Barreiros Filho e Luis Trindade organizadores do Regimento Interno e Theses da Conferência Estadual de Ensino Primario. A elle a gratidão da Conferência Estadual de Ensino Primario para cujo exito muito fizeram constituindo a commissão preparatoria dos nossos trabalhos. Sala das sessões, 10—8—27. Raja Gabaglia. Posto á votação foi approved. II — Ao apresentar a indicação que segue o dr. Raja Gabaglia declarou não haver necessidade de ser posta em votação, visto que estava assignada pela maioria dos conferencistas, o que provava ser a mesma um acto de justiça. Indicação — A conferencia de Ensino primario encerrando as suas sessões ordinarias, reitera as propostas que formulou ao encerrar os seus serviços de tudo envidar em prol do ensino e em beneficio dos mais altos interesses da cultura nacional. Insere, na sua acta final um voto de vivo louvor, á digna Mesa com os mais francos applausos á actuação serena e elevada do illustre dr. Cid Campos, o seu distincto Presidente e á cuja cultura e labor presta as melhores homenagens. Outrosim renova os agradecimentos sinceros ao preclaro Governador dr. Adolpho Konder, pela proficua iniciativa que teve de auscultar o magisterio de sua terra no intuito de por elle se orientar na solução dos problemas da instrucção em Sta. e Catharina. Sala das sessões, 10 —8— 27 Ass. Raja Gabaglia Marcilio Dias Santiago, Heitor Blum, Hyppolito Boiteux Adriano Mosimann, Antonio Gasparello, Taciano Barreto do Nascimento, Guilherme Wiethorn Filho, Adolpho Silveira, Barreiros Filho, Luis Trindade, Catharina Demoro, Maria Amorim Floscula de Queiroz Santos, Maura de Senna Pereira, Laercio Caldeira de Andrada, Albano Monteiro Espinola, Oscar Ramos, Beatriz de Sousa Brito, Irmã Bernwarda Michele, Alfredo Xavier Vieira, Ary B. Machado, P. F. X. Zartmann, Isaura Veiga de Faria, Edmundo Moreira, Mario Garcia, João Tolentino Jr. Antes de encerrar a sessão mandou o sr. Presidente que lançasse em acta o seguinte: I — A Mesa da Conferência determina que se insira na ultima acta os francos agradecimentos da Conferência ao sr. Alexandre Nogueira Mimoso Ruiz, redactor principal da « Folha Nova » pelo muito que trabalhou em prol do fim collimado pela mesma dando ampla publicidade aos seus trabalhos; II—A Mesa da Conferencia determina que se lance em acta os

agradecimentos da Conferência à Imprensa em geral pelas elogiosas referencias feitas aos seus trabalhos. III—A Mesa da Conferência delibera que constasse em acta os seus agradecimentos ao sr. Jocelyn Viegas pela dedicação e criterio com que se houve na transmissão do serviço telegraphico exterior da conferencia. Nada mais havendo a tratar o sr. dr. Presidente encerrou os trabalhos da presente sessão, convidando os Conferencistas para a sessão de encerramento ás 19,30 no salão de Sessões do Congresso do Estado. E eu, Luiz S. B. da Trindade 1º secretario da Conferencia Estadual de Ensino lavrei a presente acta Sala das sessões, 10 de agosto de 1927.—*Luiz Sanchez B. Serra da Trindade*, 1º Secretario

Acta da sessão de encerramento da Conferência Estadual de Ensino Primario

Aos onze dias do mês de agosto de 1927, na sala das sessões do Congresso Representativo do Estado, ás 19,30, perante os membros da Conferencia Estadual de Ensino o sr. dr. Cid Campos, deu por iniciados os trabalhos da presente reunião. Feita a chamada verificou-se a presença dos srs. conferencistas: Dr. Cid Campos, professores Antonio Mâncio da Costa, Orestes Guimarães, Francisco Barreiros Filho, Luis Trindade Flordoardo Cabral, João dos Santos Areão, João Tolentino Jr. Beatriz de Souza Brito, Floscula de Queiroz Santos, Tacio Barreto do Nascimento, Albano Monteiro Espinola, Guilherme Wiethorn Filho, Antonio E. dos Santos, Mario Garcia, Honorio Gomes de Miranda, Catharina Demoro, Adriano Mosimann, Hercilio Zimmermann, Cesar Augusto de Carvalho, Antonio Gasparello, Germano Wagenfuhr, Marcilio Dias Santiago, Gustavo Gonzaga, Adolpho Silveira, Egydio Abbade Ferreira, P. e F. X. Zartmann, Frei Evaristo Schurmann Irmã Bernwarda Michele, dr. Fernando Raja Gabaglia, Oscar Ramos, Achilles Galotti, Edmundo Moreira, Alfredo Araujo, Carlos Corrêa, professora Maria Amorim, Laercio Caldeira de Andrada, Isaura Veiga de Farias, Alfredo X. Vieira, Maura de Senna Pereira, Josephina Caldeira de Andrada; Capm. Marcilino Coelho, Cirurgião dentista Ary B. Machado, Cel. Hyppolito Boiteux, dr. Heitor Blum, Major José Koerig, Cel. Marcos Konder, Francisco Alencar

de Azambuja, Henrique Bruggemann, Emilia Gastão, Maria do Carmo Caldeira de Andrada, Laura da Luz Montenegro. Foi lida e aprovada sem debates a acta da sessão anterior. Em seguida o sr. dr. Presidente nomeou as seguintes commissões: I—Para organizar as conclusões das Theses e Pareceres da Conferencia: Antonio Mâncio da Costa, Luis Trindade, Orestes Guimarães, João Tolentino Jr., Laercio Caldeira de Andrada, Barreiros Filho; II—Commissão para recepção dos convidados: prof. Albano Monteiro Espinola, Mario Garcia, Catharina Demoro, Maura de Senna Pereira e Beatriz de Souza Brito, III—Commissão para receber o exmo. sr. dr. Governador; Cel. Hyppolito Boiteux, Prof. Honorio Gomes de Miranda, Guilherme Wiethorn Filho, e Heitor Silveira. Em seguida o sr. dr. Presidente suspendeu a sessão para se aguardar a chegada do exmo. sr. dr. Governador. Tendo assumido a presidencia o sr. dr. Adolpho Konder declarou iniciados os trabalhos da sessão de encerramento da Conferencia.

Com a palavra o professor Mâncio Costa, pronunciou o seguinte discurso:

« Exmo. Sr. Presidente do Estado. Sr. dr. Secretario do Interior e Justiça. Srs. Conferencistas. Chegados ao término de nossos trabalhos em prol da resolução dos problemas mais instantes de educação e instrução da infancia; estudado á luz das modernas correntes pedagógicas a processuação de vários methodos de ensino; analysadas e esmerilhadas as falhas de nosso aparelhamento escolar, na excellente complexidade do systema educacional, que, de há muito, nos eleva no conceito da União; — vimos a V. Exa. prestar conta de quanto realizámos nestas memoraveis sessões da Conferência estadual de Ensino Primário.

A sciencia de instruir e de educar, em todos os tempos, mereceu a atenção e o estudo dos homens públicos e o carinho e a prégação dos pensadores.

Condoreet a quem Voltaire chamára *o meu caro mestre* affirmou algures « as nações que avançam através dos séculos têm necessidade de uma ins-

trução que, renovando-se e corrigindo-se sem cessar, segue a marcha do tempo; a prevê algumas vezes e não a contraria nunca.

Pensando assim, V. Exa. reuniu nesta Capital, em assembléa deliberativa, o professorado estadual e os elementos mais seléctos do magistério de outros estados da Federação, afim de, ouvindo-lhes suggestões e idéias, e apreciando-lhes os fructos da experiencia profissional, dotar o nosso systema de educação, com os processos mais vitaes da pedagogia hodierna.

Multiplos e preciosos problemas foram senão resólvidos, ao menos estudados e esclarecidos nesta Conferencia.

A generalização do methodo analytico ás escolas ruraes mereceu dos senhores Conferencistas, a attenção e o estudo, que se devem a assumpto de tanta relevancia, para a diffusão mais rapida e efficiente do ensino, ficando assente, em brilhante parecer da educadora gaucha, professora Maria Amorim, que fosse installado e annexado á Escola Normal, um curso de applicação, onde se preparem as futuras professoras, para tal fim.

Os programmas constantes das varias disciplinas do curso primario foram versados com maestria e carinho; suggestões valiosissimas, taes como as do sr. professor Raja Gabaglia, ácêrca do ensino de geographia e da cartographia, são de util, necessaria e immediata execução.

A' inspecção escolar — pedra de toque — por onde se afere o equilibrio e se constata o rythmo do nosso systema educacional, coube tambem reparo de ordem technica e administrativa que, aproveitado, muito e muito melhora o funcionamento da escola, assegurando a sua finalidade.

Não passaram despercebidos dos senhores Con-

ferencistas as lacunas inda existentes em nosso Ensino Publico.

Assim é que, percebendo elles a falta de articulação entre varios graus da escala escolar, suggerem a criação inadiavel dos jardins da infancia; e como previo preparó para a sua consecução, aventam a idéa de se contratarem, fóra do Estadó, professoras capazes de os dirigir.

Mais ainda: O curso de nossa Escola Normal foi julgado defficiente e carecedor de disciplinas, que em muito virão especializar o preparo das nossas professoras, dilatando-se lhes o curriculo de tres para quatro annos.

A hygiene esclar, principalmente nas zonas ruraes, onde grassam as endemias que desfibram e anniquilam a primeira infancia, — ventilou os meios mais seguros e modernos, para coactar-lhe o seu poder malefico, traçando-lhe a prophylaxia.

A fuga de menores ás escolas publicas, ou particulares, nas zonas onde mais intenso é o trabaho fabril, encontrou no parecer altamente juridico do sr. dr. Edmundo Moreira, a resolução mais efficiente e prompta.

Versou-se, tambem, com galhardia e patriotismo, o problema da nacionalização do ensino, a que o parecer criterioso e excellente do sr. professor Mosimann deu esclarecimentos e suggestões cabaes.

E como remate a tanto labor proficuo, quizeram os illustrados Membros desta Conferencia ficassem assentados os meios de ensino para o estudo de historia patria e educação moral e civica, porque com elles é que se formam o character e a alma do brasileiro de amanhã.

E' pois, o que eu tenho a dizer a v. excia; acerca de nossos trabalhos.

Se não soubessemos sobejamente a abnegação e

o patriotismo que assistem á esclarecida orientação politica e administrativa de V. excia; esta Conferencia nol-o diria.

Não ha gesto mais altruistico, nem appelo mais patriotico.

O professor não é só o sementeiro da maravilha do abc: é o formador de caracteres, e, sobretudo, a alma da nacionalidade!

E V. excia. o sabe; e por isso v. excia. os reuniu!

Muito obrigado a V. excia. pelo estímulo e pela confiança a elle dispensados!»

Com a palavra o professor Orestes Guimarães disse mais ou menos o seguinte:

«Senhor Presidente do Estado! Ao encerrar-se a Conferencia Estadual de Ensino Primario, neste grande e prospero Estado, a que tenho dedicado parte de minha vida, e, ao qual depois do meu, tanto amo, tenho de congratular-me pelo exito da Conferencia, cujos resultados não podiam ter sido mais brilhantes nem mais beneficos.

Mesmo a respeito da Nacionalização do Ensino, as theses apresentadas foram de tal ordem dignas de apreço, que, encarregado por s. ex., o sr. Ministro da Justiça, dr. Vianna do Castello, de relatar o que por ventura observasse, devo confessar que me sinto satisfeito.

A nacionalização do ensino, meus senhores, é o que mais se prende á estrutura da nossa nacionalidade nascente. O maior castigo dado á humanidade foi a construcção da Torre de Babel, de onde proveio toda a confusão ainda hoje existente entre homens.

Todos devem pugnar pelo grande ideal da nacionalização, pois como bem disse Olavo Bilac, *a lingua é o expoente excelso das nacionalidades.*

Eu reclamo a primasia dessa santa cruzada a um grande vulto que a terra ha muitos annos guarda em seu seio. Eu reclamo a primasia desse patriotico ideal para o grande paulista que se chamou Bernardino de Campos, o qual, tendo como secretario Alfredo Pujol, foi quem no Brasil primeiramente tratou da Nacionalização do Ensino.

Em virtude de embates formidaveis, não poude ella ser posta desde logo em execução, tendo, porém, chegado ao seu apogeu, em 1901, sendo presidente do Estado de São Paulo, o actual Presidente da Republica, sr. dr. Washington Luiz.

Santa Catharina não pode olvidar de modo algum aquelles que mais batalharam para a conquista desse ideal, como Abdon Baptista creando em Joinville o Collegio Municipal; Vidal Ramos os Grupos Escolars; Felipe Schmidt as Escolas Reunidas, e, por fim, em 1918, o saudoso dr. Hercilio Luz installando nas zonas ruraes nada menos de 190 escolas.

E quantas lutas surgiram para se chegar a tal *desideratum*? Entretanto, o governo de Santa Catharina não poz em pratica tal medida para combater esta ou aquella lingua, fel-o, sim, unicamente, com o alevantado intuito de propugnar pela difusão da lingua vernacula.

No exercicio do cargo de Inspector Federal das escolas subvencionadas, desde o primeiro dia, tive a noção exacta do que me cumpria fazer em prol dessa cruzada, podendo servir de testemunha do modo como encarei tão importante questão, o sr. dr. Henrique Fontes, que, em 1919, exercia as funcções de Director da Instrucção Publica.

Desde os primeiros dias pugnei por que os mestres conhecessem a lingua das creancas que iam educar; formei uma pleiade de evangelisadores

que se não têm nomes conhecidos fóra das zonas que regem, são dignos de ser notados pelos relevantes serviços prestados ao ensino.

São justos, justissimos, Sr. Presidente, que quando tenha de historiar ao Sr. Ministro da Justiça, em obediência ás instrucções que recebi, o que foi esta Conferencia, eu saliente, além de tudo mais, a vossa condescendencia, propria de um grande liberal e de um grande democrata, honrando-nos com a vossa presença nas sessões realizadas e dizendo-nos: discutam á vontade.

Se dado me fosse pedir qualquer coisa a esta Conferencia, eu solicitaria mais uma vez, que não se olvidasse jamais 11 de Agosto de 1927, dia de luzes para o Paiz e de glorias para Santa Catharina.

Que este Congresso se repita e que este exemplo prolifere são os nossos votos mais ardentes e mais sinceros».

Com a palavra o professor Adriano Mosimann, leu o seguinte discurso:

« Exmo. sr. dr. Adolpho Konder, dignissimo governador do Estado!

Exmo. sr. dr. presidente.

Srs. conferencistas.

A grandeza mental e moral deste selecto auditorio ainda mais reduz a figura já em si insignificante, do modesto orador que, em nome do professorado primario estadual, tem a subida honra de cumprimentar na pessoa do exmo. sr. dr. Adolpho Konder, não só o administrador criterioso e competente, o dirigente modelar, mas tambem e sobretudo, o maior dos professores catharinenses, o mais habil pedagogo social. Pela maneira integra e admiravel com que desempenha a dupla função de

amigo sincero de sea povo e de guia esclarecido da actual geração, e ainda, pelo poder convincente do bom exemplo, tornou-se s. exa. o educador por excellencia da familia catharinense, a qual vai conduzindo de victoria em victoria, na campanha pacifica e gloriosa em pról do progresso e da civilização. Exmos. srs.! Meus caros irmãos em pejeja! Quando, nas sessões desta Conferencia, em boa hora convocada pelo exmo. sr. dr. Governador, eu assistia ao entrechoque tremendo das idéas, no relampejar rutilante de intelligencia, ao fulgor grandioso e inabalavel dos argumentos; quando, no afan de bem servir á santa causa do ensino, nós, humilde grupo de operarios intellectuaes, nos degladiavamos com a mais sublime das armas — a idéa, pela mais sublime causa — a educação, o meu coração de professor, embora maito sem merito, experimentava uma sensação extranha, um mixto de entusiasmo e de respeito, respeito de quem se aproxima de um tabernaculo. E' que ali se agitava, na onda impetuosa da discussão com toda a sua pujança, com todo o seu heroismo, a nobre alma do professorado catharinense, que se debatia no oceano da sciencia pedagogica, em busca da verdade.

Foi este o nosso escopo, foi este e não outro o objectivo dos calorosos debates que se travaram nesta Conferencia. E si, lá fóra, os descrentes, os scepticos, ousarem pôr em duvida os resultados deste Congresso, poderemos affirmar com orgulho, com a convicção de quem proclama a verdade, que o professor catharinense já não é uma energia perdida, isolada no deserto do desamparo, e sim uma potencia, uma força destruidora das fortalezas do mal, da ignorancia e do crime.

Eis á obra incontestavel desta Conferencia,

para cujo encerramento nos achamos aqui reunidos. Ao exmo. sr. dr. Adolpho Konder, que a convocou e que, por varias vezes, se dignou abrilhantala e prestigiala com a sua augusta presença; ao exmo. sr. dr. Cid Campos, que tão dignamente a presidiu; á insigne commissão de pedagogos, que a organizou peço licença para, em nome dos meus collegas do Estado, render o preito da nossa maior gratidão e do não menos profundo reconhecimento,

Ainda falta inclinar-me diante dos exmos. srs. educacionistas d. Maria Amorim e Raja Gabaglia que vieram, com a sua apurada cultura e elevado saber em assumptos de ensino, trazer ao nosso Estado as luzes de suas fulgurantes intelligencias, confraternizando connosco na mesma harmonia de idéas, na mesma lucta pelo ideal commum — o engrandecimento da nossa querida Patria, pelo exterminio do analfabetismo. E terminando faço os melhores votos para que esta Assembléa Pedagogica sazone os melhores fructos.»

Com a palavra o professor Laercio Caldeira de Andrada, pronunciou o seguinte discurso:

« Exmo. sr. governador do Estado; sr. Presidente da Conferencia do Ensino Primario e meus senhores.

Em toda parte do mundo, nestes dias que correm, floresce e fructifica, no ânimo das nações, o proposito de alicerçar sua grandeza na educação popular; e onde mais fundo penetra no ânimo dos governos o desejo de fazer a gente livre e a terra próspera, os cuidados escolares tomam a frente a outros cuidados administrativos ».

Assim falou o principe dos pedagogos paulistas, João Toledo.

V. exa. sr. dr. Adolpho Konder, no desejo de

fazer a gente livre e a terra próspera no Estado que v. exa. governa, appellou para os mestres e collocou os cuidados escolares á frente de outros cuidados administrativos.

A v. exa., pois, a primeira palayra de louvor e gratidão da Conferencia Estadual de Ensino Primario.

Sr. presidente.

Mandaram-me aqui, honrando-me, os membros desta Conferencia para que eu dissesse ao governo do Estado na pessoa illustre do sr. dr. Secretario do Interior e Justiça, palavras que procurassem traduzir o quanto de luz inundou o nosso espirito e o quanto de conforto sentiu o nosso coração nesses dias em que, reunidos sob a presidencia e orientação de v. exa., exercemos com inteira liberdade, no desejo governamental, a critica pedagogica sobre o ensino publico catharinense.

Ainda João Toledo, terminando o seu pensamento, que citei diz: as administrações, convencidas de que só ha um caminho para a felicidade dos povos, appellam bara os mestres, cujos serviços reclamam, e estes iniciam já a luminosa cruzada.»

O governo do Estado, que em tão alta valia tem « a função social da educação publica » e que já declarou que « cabe ao mestre-escola um papel importantissimo na estruturação mental da nacionalidade », appellando, como fez, para os mestres, firmou, por certo, sua convicção de que só ha, dentro das administrações publicas, sò ha um caminho para a felicidade do povo, para fazer a gente livre e a terra próspera, este: — o apostolado do ensino.

Quero salientar, sr. presidente, que esta é a mais confortadora impressão que nos ficou destes dias sadios da Conferencia. Sim, quando o modesto professor na sua sala de aulas tem a certeza de que

os altos poderes publicos nelle confiam e delle esperam, como « os abridores de novas perspectivas de engrandecimento e de valor para o nosso povo e o nosso Estado », esse homem como que sente ampliadas as suas energias, mais apurado o seu sentimento de mestre, mais firmadas as raizes do seu apostolado.

* * *

E se essa é a impressão precipua, outras ha que perdurarão como fôcos irradiantes de vitalidade e enthusiasmo, quando nas horas amargas e tristes, por que ellas virão sem duvida, sôffrer o professor as injustiças do meio, a má fé de uns, a ignorancia de outros, soffrer as pedradas inevitaveis a todos os apostolados.

Radicado ficou na consciencia de todos nós a função social da educação publica e o valor do mestre como elemento apreciavel na formação da mentalidade nacional. E aprendemos na liça dos debates, nos torneios preciosos de pontos de vista pedagogicos, nas pugnas das discussões onde cavalheiro de elmo d' aço puxaram espadas de experiencia de encontro a broqueis e escarcélos de outras experiencias aprendemos, sr. presidente, o valor da lingua, o valor da historia, o valor da geographia; e mais, a necessidade dellas não só constarem nos programmas, mas, que, como, já foi salientado, « ellas borbulhem vivas nos labios dos mestres, saturem o ambiente escolar e penetrem com suavidade e agrado, na mente e no coração dos pequeninos estudantes, enchendo-os de imagens bellas e de sincera alegria por haverem nacido neste pedaço do mundo ».

Essas, sr. presidente, as mais excellentes das

muitas impressões que guardaremos como estímulo e conforto quando nos afastarmos daqui.

Sr. presidente. Recordar-nos-emos sempre das palavras de s. ex. o sr. dr. governador do Estado quando disse, ha dias, que o ensino convem seja um complexo de processos tendentes a desenvolver todas as virtualidades animicas e physicas da crianças educando-lhe o coração, o cerebro e as mãos, para formar-lhe a intelligencia, o character e a aptidão creadora. E mais: « Assim, educando e instruindo, formando o cerebro e o coração dos homens — intervem o mestre na estruturação mental e moral das nações. »

Está traçado com precisão o programma e a pontada com segurança, a sua finalidade.

* * *

Atravessamos uma epoca de toques de rebate a campanhas luminosas. Miguel Couto, (nome que pronuncio neste momento sentindo as vibrações de respeito e veneração que brotam do espirito de todos vós) Miguel Couto ja lançou o grito: *Brasileiros, pensae na educação!* E citando os Estados Unidos, a quem chama a nação mas prospera sobre a face do globo, relembra as palavras do seu grande presidente: « Não se admire ninguem de ver a America do Norte tranquilla emquanto o resto do mundo se atormenta. Esta gloria a devemos aos nossos collegios e ás nossas universidades » E Miguel Couto, o grande sabio americano, termina o seu appello dizendo:

« Não ha grande povo que não possua grande saber. Nós tambem seremos um dia grande povo; mas emquanto não chega o redempção do Brasil pela cultura dos seus filhos, continuemos a gritar para todos os lados, entre alternativas de fé e de

desalento, anciosamente: *Brasileiros pensae na educação?*

Mas já é tempo, srs., de o Brasil ser um grande povo. Já é o dia, senhores, de haver um synchronismo entre o homem e a terra. A belleza de uma ao par da cultura do outro.

Ah! As bellezas do Brasil!

Caminha, na carta a D. Manoel de Portugal noticiando o esplendido achado diz que «a praia é muito formosa, com arvoredo tanto, tamanho e tão basto e de tantas plumagens que não póde o homem dar conta».

Um velho historiador, Rocha Pitta, na Historia da America Portugueza, affirma que o Brasil é um «felicissimo termo, em cuja superficie tudo são fructas, em cujo centro tudo são thesouros, em cujas montanhas e costas tudo são aromas.

«Em nenhuma outra região se mostra o céu mais sereno, nem madrugada mais bella aurora.

«A formosa variedade de suas formas, na conformação das praias, compõe uma tão igual harmonia de obejtos que não sabem os olhos onde melhor possam empregar a vista.»

E o homem?

Vivendo no meio desses esplendores o homem não se coordenou ainda á grandesa natural da sua terra. Hoje diz illustre educacionista, nossa gente sem unidade racial, è u'a mesela de côres, de aspectos physionomicos, de proporções corporeas, de tendencias sociaes, de sentimentos e de ideias que, como colcha de retalhos berrantes recobre todo o paiz.»

Urge, entretanto, o trabalho patriotico desta ascensão do homem pela cultura á belleza prodiga da terra.

Carneiro Leão, já apontou a necessidade de organizarmos o Brasil, e já nos disse que dos mestres, «do professorado intelligente e pratico,

conhecedor dos processos modernos de educar affeito á faina dignificadora de fazer individualidades fortes e aptas para,—a vida è que e vae depender grande transformação social que desejamos.»

* * *

Vou terminar, sr. presidente.

Alberto de Oliveira numa orde civica, professa com amor uma lição de Patria. Elle a figura, a Patria, prostrado gigante, indifferente, sob um céu festival entre mattas virentes, a ouvir como elegia o chorc das correntes. Tudo ao trabalho o incita e o chama: humus no chão, calor no sol, seiva em caules, perfume em flor, voze o em aguas e arvores. E elle, o gigante, resupino, descuido so, dorme.

Vem o sol e diz-lhe: Accendi por estes céus escampos meus raios de mais luz para dourar-te os campos. Meu escritorio de rei ficou sem esmeraldas pois todas espalhei nas fraldas de teus serros e em teus bosques sombrios. Ergue-te! é dia ha muito! Amanhã essas campinas, semeia-as faze ouvir as tuas officinas, roqueje a forja, cante a serra, estronde o malho! E grato me ha de ser, baixando no horizonte, beijar num raio extremo o suor de tua fronte e abençoar-te o trabalho!

Vem o mar e diz-lhe: Dormes? Que dormir será esse? Accorda!

Das riquezas que tens carrega as minhas vagas, anima com trabalho estes portos e plagas, sae do topor, do somno!

Vem a terra e diz-lhe: Não beija o mar, o Sol não banha outra, como eu, tamanha em viço e em riquezas. Desperta! Talha com alvião as minhas carnes vivas, rodem por sobre mim as tuas locomotivas, mas vive, mas trabalha!

E é em vão o apello! Em meio as pompas e esplendores desta America, sobre um estendal de flores decahida a cabeça, o thorax arquejante, ou doente ou a dormir—jaz prostado o gigante

E havemos de o deixar nesta inacção nefasta em que todo o vigor lhe adormenta e gasta! pergunta o poeta.

Não! Quente sangue ainda em suas veias bate. Quebrems o deliquio ou morbidez que o abate, ergamos o Brasil!

* * *

Sr. Presidente.

E' sobre a impressão desse convite do poeta e aquelle do sabio, para a redempção do Brasil pela cultura dos seus filhos, que vou dizer a v. exa. a minha ultima palavra:

Anima-nos o conforto do governo, aquece-nos a chamma viva da nossa missão de luz; voltamos aos nossos grupos, retornamos ás nossas escolas amparados neste conforto, illuminados nesta luz; e ali, obreiros humildes, dentro das nossas salas de aula, formando o cerebro e o coração dos nossos alumnos, promettemos ser verdadeiramente, na expressão do dr. Adolpho Konder, aquelles que apostolizam o ensino em S. Catharina!

Com a palavra o exmo. sr. dr. Governador do Estado Adolpho Konder, pronunciou encerrando os trabalhos da Conferencia Estadual de ensino Primario, o seguinte discurso:

Senhores Conferencistas. Meus Senhores. Não fosse eu politico e, como tal, habituado a excessos de prudencia e a contar tambem e muito, com o veto inappellavel do tempo, annuciar-vos-ia agora a convocação de um segundo congresso pedagogico, a reunir-se, nesta capital, daqui ha dous annos.

Fica em todo o caso expresso aqui esse pro-

posito, que realisarei, si para tanto me soubrar vi da e saude.

Senhores!

Está encerrada a primeira Conferencia de Ensino Primario em Santa Catharina, e portanto, srs Conferencistas, finda, com inexcedivel successo, a alta e afanosa missão que aqui vos trouxe reunidos.

Agradeço-vos a solicitude com que acudistes ao meu convite e mais ainda o valioso concurso prestado ao meu governo.

Apurada assim, a lição da experiencia esquadrihados e revistos os programmas, feitas sugestões aconselháveis, e firmada, em difinitivo, a directriz a seguir em materia de ensinaça publica, resta-nos agora agir.

Agir rijamente agir com a fê vivissima agir com o entusiasmo recto e atrevido de quem sae a evangelizar as gentes, na predica de um credo libertador.

Sim! Não comprehendo o professor funcionario publico apenas, e nem creio que alguem ensine tão somente por dinheiro, porque o dinheiro não basta para compensar o mestre das injustiças e dos trabalhos insanos da aula e muito menos para remunerar o beneficio da instrucção ministrada.

Com que então, libertar o cerebro do carcere da ignorancia; com que, então, desenclaustrar a intelligencia; com que então, romper a muralha chinesa do analphabetismo; com que, então, dar ao homem discernimento e educar-lhe a vontade è lá cousa que se pague em moeda corrente?

Certo, que não!

A instrucção não constitue mercadoria que se pese na balança dos valores materiaes para que possa ser estimada em oitava de ouro sonante.

E o professor deve ser menos um empregado publico, do que um apóstolo que trabalhe — não pela paga recebida, mas sim na evangelisação de um credo, na propaganda de uma religião: — o credo do ABC, a religião da cultura.

Mestres, amigos, apóstolos!

Entrego-vos a defesa da causa do ensino, em Santa Catharina; confio-vos o futuro da nossa terra e da nossa gente.

Zelai pelo patriocinio dessa causa sagrada e pelo immenso cabedal confiado.

Sêde os cruzados dessa terra Santa: — a terra da Redempção pelo saber.

Combatei o bom combate—bravamente, fulgurantemente—instruindo, esclarecendo, educando: para elevar o homem em dignidade e valor, na gloria immortal do pensamento humano.»

E, eu, Luis Sanches Bezerra da Trindade, 1º. secretario da Conferência, lavrei a presente acta.

Florianopolis, 11 de agosto de 1927. — (ass.) *Luis Sanches Bezerra da Trindade*, 1º Secretario.



V

Theses e Pareceres

COPIA DA THESE N. 11

Conferência do Ensino Primario de Sta. Catharina

JULHO E AGOSTO DE 1927

Primeira These:

Quaes as vantagens do ensino da leitura pelo methodo analytic?

Pode esse methodo ser generalizado a todas as escolas estadaes?

Apresentada pelo professor ADRIANO MOSIMANN, Director do Grupo Escolar Luis Delfino e da Escola Complementar annexa de Blumenau.

I

Conferência do Ensino Primario de Santa Catharina

JULHO E AGOSTO DE 1927

PRIMEIRA THESE: — Quaes as vantagens do ensino da leitura pelo methodo analytic? Pode esse methodo ser generalizado a todas as escolas estadaes?

Creio, que não foi sem intuito, que o organizador do Regimento Interno desta Conferência do Ensino Primario de Santa Catharina, o muito illustre professor Orestes Guimarães, preclaro Inspector Federal das Escolas Subvencionadas deste Estado, collocou em primeiro lugar a these acima, que se compõe de duas questões distinctas, embora estreitamente relacionadas entre si:

Primeira questão: — Quaes as vantagens do ensino da leitura pelo methodo analytic?

Segunda questão: — Pode esse methodo ser generalizado a todas as escolas estadaes?

O grande pedagogo, penso, procedeu assim na classificação das theses, porque visava dar a cada assumpto o lugar que pela sua importancia, lhe convem.

E' fora de duvida que, no quadro das disciplinas ensinadas nas nossas escolas, cabe o lugar de honra á leitura. Ella é o alpha e ómega de todo o ensino, a condição para a aquisição de todos os outros conhecimentos.

Por isso, é importante saber qual o processo mais economico e, sobre tudo, o mais proficiente para o ensino desta disciplina fundamental, que é sem exaggero, a chave de ouro que abre as portas da Sciencia.

Examinemos, pois, uma a uma, as duas questões constantes da presente these:

Primeira Questão: Quaes as vantagens do ensino de leitura pelo Methodo Analytico?

Prevenção contra este methodo

Tem sido muito combatido este methodo do ensino da leitura. Mesmo pessoas cultas—e outros que o julgam ser têm-me dito, que o methodo, pelo qual se ensina a leitura nos Grupos, não dá resultado, porque os pequenos só lêem sentenças, mas não conhecem uma só letra.

Observações dessas são geralmente, feitas nos primeiros meses do anno lectivo, quando os alumnos estão na phase da sentencição.

E' difficil persuadir o reclamante das reaes vantagens deste methodo, porque essas só podem ser explicadas á luz da Psychologia, sciencia quasi desconhecida em nosso meio.

O professor habil defende-se, dizendo que mais tarde o alumno aprenderá tambem as letras, etc. mas não consegue dissipar as duvidas e desconfianças do pae, aferrado ao methodo da soletração, pelo qual aprendeu. Só no fim do anno lectivo é que o responsavel pelo alumno se convence da utilidade do methodo; e isso no caso do alumno ser aprovado no exame final da classe.

Essa prevenção contra o methodo de que tratamos, por parte dos paes dos alumnos, é a mesma que se oppoz a todas as innovações: ora, revoltando-se contra a vaccina obrigatoria e locomotiva, ora, revoltando-se contra a vaccina obrigatoria e as prescrições relativas á hygiene. E' prevenção oriunda, sempre, da falta de comprehensão dos motivos das innovações.

Razão de ser da primeira parte desta these

O que acima disse, fi-lo para demonstrar a razão de ser da primeira parte desta these, evidenciando a necessidade de destacar as innumeradas vantagens que auferem—o professor e alumnos—do ensino da leitura pelo methodo analytico.

Antes, porem, de entrar no assumpto propriamente dito desta these, estudemos, de relance, os principaes methodos até hoje estados em uso.

Methodos de leitura

Segundo Emerson E. White, autor d' «A Arte de Ensinar» todos os methodos de leitura conhecidos, alguns dos quaes já quasi completamente abandonados, tem sua origem em duas opiniões fundamentaes distinctas:

A primeira opinião considera a leitura como a arte de reconhecer, successivamente, as palavras escriptas ou impressas, pronunciando-as correctamente.

A segunda opinião a considera como a arte de assimilar o pensamento contido nas palavras escriptas ou impressas, exprimindo pela leitura oral o pensamento e o sentimento das mesmas apprehendidos.

Da primeira opinião nasceram:

Methodos nascidos da 1ª. opinião

- a) O methodo do a, b, c;
- b) " " syllabico;
- c) " " phonetico;
- d) " " synthetico.

São da segunda opinião:

Methodo da 2ª opinião

- a) O methodo da palavração;
- b) " " sentencição;
- c) O methodo intuitivo.

Os Methodos oriundos da primeira opinião

a) O methodo do a, b, c, ou alphabetico considero a palavra um conjuncto de determinadas letras. Por esse methodo as letras g, a, t, o, pronunciadas successiva e rapidamente, dão a palavra *gato*. Esta affirmção não é porem,

exacta, pois, "g" mas "a" mas "t" mas "o" dão *geatco* e não *gato*.

Esse methodo ainda tem o inconveniente de induzir o alumno a concentrar demasiadamente, a sua attenção sobre as letras e palavras, sendo, *ipso facto*, prejudicada a apprehensão do pensamento.

b) O methodo syllabico parte da syllaba, com a qual vae compondo palavras. E', portanto, como, aliás todos os methodos gerados da "primeira opinião" synthetico.

Tem o inconveniente de não permittir ao alumno uma leitura corrente, preocupado como elle está, sempre, com a composição das palavras as quaes forma juntando as syllabas, á medida que as reconhece e lê. E' *mutatis mutandis*, o mesmo defeito do methodo alphabetico.

c) O methodo phonetico ou phonico vê na palavra um conjuncto de elementos phoneticos. Nelle o alumno aprende a associar os sons das letras com as suas formas.

Como as palavras não são sempre, exactamente, o conjuncto dos sons de suas letras, segue-se que esse methodo é defeituoso e, embora adoptado, no seculo passado, na Inglaterra e nos Estados Unidos, cahiu em desuso, provavelmente em virtude desse mesmo defeito.

d) O methodo synthetico ensina a palavra pela synthese de seus elementos phonicos. Serve-se dos signaes diacriticos para indicar a pronuncia de palavras, os sons das vogaes, as letras mudas, etc. Os alumnos se tornam, por esse methodo, habéis na pronuncia de novas palavras, mas é só para estas que converge a sua attenção, sendo indifferentes quanto ao pensamento expresso.

Apreciação sobre os methodos syntheticos

Como acabamos de ver, os methodos da «primeira opinião» são todos syntheticos. Ora, a Pedagogia moderna, estribada em dados seguros da Psychologia Infantil, condemna, e com razão, o emprego de todo e qualquer methodo synthetico, no primeiro anno preliminar.

Não resta a menor duvida, que tambem só a analyse não seria sufficiente, pois, em regra, quem analysa, precisa, tambem, synthetizar.

O principal papel, no ensino ministrado aos principiantes, deve, porem, caber ao methodo analytico, que parte de *un todo concreto*, para a parte abstracta e artificial.

Todos os citados methodos syntheticos ainda peccam, uns

mais outros menos, por darem mais importancia á palavra material escripta ou impressa, do que à idéa que ella encerra.

Por isso, a leitura se torna fria, sem vida, sem expressão e sem sentimento. O alumno lê e não comprehende. Não pode portanto, ter amor á leitura.

E', talvez, a isso que devemos attribuir a falta de gosto e de interesse pela leitura, da grande massa do povo brasileiro. *A missão da escola é preparar o alumno para a vida e, sendo assim, devemos dar, aos nossos educandos, a condição para o aperfeiçoamento posterior, que consiste, antes de tudo, na possibilidade de se instruirem pelo livro, qualquer que seja o ramo de actividade a que elles se dediquem, depois de deixar a escola.* Precisamos, pois, ensinar a ler e comprehender.

Mas não basta só isso; é necessario que o ensino dessa disciplina seja attrahente, para que o alumno sinta o prazer em ler, para que a leitura se lhe torne uma necessidade, uma condição para o bem-estar.

Pelos defeitos que, na pagina anterior, tive ensejo de apontar, os methodos syntheticos. parece-me, não se recomendam para se alcançar esse desiderato, que só se pode conseguir por um dos methodos analyticos, dos quaes falei a seguir.

Os methodos oriundos da segunda opinião

a) O **methodo da palavração** toma base de operação a palavra, por ser esta a expressão verbal ou escripta da idéa.

Usado exclusivamente esse methodo não dá resultado, embora apresente algumas vantagens apreciaveis. Os alumnos terão sempre difficuldades em ler e formar palavras novas e as letras são, em geral, despresadas, do que resulta o terem os alumnos, nos seus trabalhos escolares, orthographia pessima.

b) O **methodo de sentenças, tambem chamado da sentencição** estuda a sentença como um todo. Conhecido certo numero de sentenças, o alumno aprende a distinguir as palavras, mais tarde as syllabas e, por fim, as letras, sendo que, primeiro as vogaes e depois as consoantes.

E' o methodo analytico por excellencia, embora não seja applicado por um processo genuinamente analytico, como evidencia o quadro synóptico, a pagina.

Ha o emprego da synthese: na « palavração » (formação de sentenças com palavras já conhecidas pelo processo

da analyse), e na phase da « syllabação ». (Composição de palavras novas com syllabas aprendidas pelo mesmo processo.)

c) O **methodo intuitivo** é mais uma applicação especial do methodo anterior, do que, propriamente, um methodo de per si.

Nos nossos grupos, é elle o processo, pelo qual se applica o methodo analytic (da sentencição).

(Cumpra notar a distincção que faço entre *methodo e processo*.)

Methodo é o modo pelo qual se transmite um conhecimento ao alumno, ao passo que *processo* é, a meu ver e, si não me engano, na opinião de alguns mestres no assumpto — a fórma, mais ou menos variavel, pela qual se emprega um determinado methodo.

Cada methodo pode ser applicado por diversos processos, uns mais restrictos e exclusivos, outros menos.)

Apreciação sobre os methodos analyticos.

Ao passo que os methodos nascidos da primeira opinião são syntheticos, como acabamos de ver, os da « segunda » são analyticos. Um destes, parte da palavra — expressão da idéa e outro tem por ponto de partida a sentença — expressão do pensamento. Quanto ao terceiro, o intuitivo — si é que pode ser considerado como um methodo á parte — o facto de ser intuitivo já mostra que elle não pode deixar de ser analytico.

E' uma verdade incontestavel, que todos os methodos de leitura são artificiaes, como tambem todos os processos pedagogicos o são. A razão de ser desse facto explica-se:

Todos esses processos, que pomos em pratica na escola não tem outro fim, senão *criar* um ambiente favoravel e as condições propicias ao desenvolvimento physico, intellectual e moral do alumno.

Ora, toda *creação* não passa de um artificio, facto este, que exclue a invenção de um methodo natural.

Mas não é ali que bate o ponto. A questão é saber qual, dentre todos os methodos artificiaes existentes, é o que mais vantagens offerece.

Já vimos, que os methodos syntheticos são inconvenientes.

Dos analyticos o da palavração, sendo bem applicado produz bons resultados, mas não estimula o alumno, ao passo que o methodo da sentencição tem todas as vanta-

gens daquelle e mais a de permittir que se dê ao ensino, desde as primeiras aulas, um cunho alegre e attrahente, como vamos ver.

O Methodo analytic (da Sentenciação)

O seguinte quadro synoptico esclarecerá, melhor do que o fariam muitas palavras, o processo pelo qual se applica esse methodo, nos grupos escolares deste Estado. Como se vê, não é puramente analytic.

QUADRO SYNOPTICO

Phases do methodo analytic da sentenciação

- a) Palestras com os alumnos;
- b) Leitura de sentenças completas, do quadro, formadas pelos proprios alumnos, á vista de uma estampa;
- c) Conhecimento das palavras (phase analytica);
- d) Applicação das palavras conhecidas, formando sentenças novas (phase synthetica da palavração);
- e) Conhecimento das syllabas (phase analytica);
- f) Formação de palavras novas com as syllabas conhecidas (phase synthetica da syllabação);
- g) Conhecimento das vogaes;
- h) Conhecimento das consoantes;
- i) Difficuldades especiaes (Leitura de grupos consonantes no corpo de palavras, etc.).

Nas linhas que seguem, procurarei destacar as principaes vantagens do methodo analytic (da sentenciação), que, penso, são as seguintes:

Principaes vantagens do methodo analytic da sentenciação

- a) O methodo analytic coaduna-se com bem fundados e seguros principios da Psychologia;
 - b) Baseia-se na intuição;
 - c) Desenvolve a linguagem;
 - d) Por esse methodo, a leitura torna-se corrente, mais expressiva, mais viva e mais sentida, do que sendo aprendida por qualquer outro, inclusive o da palavração.
- a) O methodo analytic coaduna-se com bem fundados e seguros principios da Psychologias.

Estudando-se a criança sob o ponto de vista psycholo-

gico, vê-se que ella adquire todos os seus conhecimentos acerca do mundo exterior, por intermedio dos seus sentidos.

Temos, pois, o seguinte *primeiro principio de Psychologia*. «Na evolução intellectual da criança cabe a primazia á sensibilidade.» (Prof. dr. F. P. Bittencourt — «Pedagogia escolar»).

Continúa o mesmo autor: «São com effeito, os sentidos que lhe fornecem as primeiras noções sobre o mundo physico, «sobre os phenomenos naturaes.»

Segue-se, que o professor, obedecendo ao aphorismo — *Natura non facit saltus* — deve, para ver os seus esforços coroados de exito, em qualquer disciplina de que se trate, valer-se dos agentes naturaes pelos quaes a criança se communica com o mundo em que vive, isto é, deve educar os sentidos dos seus alumnos, exercitando-os convenientemente. Da possibilidade de educar os sentidos ninguem mais duvida. Senão vejamos o que diz um entendido no assumpto, sob a epigraphe — *Education generale des sens*:—

«C'este beaucoup dvoir á sa disposition de bons outils; mais cela ne suffit pas; il faut savoir sen servir. *Comme toutes les facultes les sens sont perfectibles* (E. Rayot— «Précis de Psychologie»).

Para augmentar ao maximo a utilidade dos nossos sentidos, precisamos, pois educa-los.

E' o que fazemos applicando no ensino da leitura o methodo analytic, principalmente, nas suas primeiras phases.

Durante toda a phase *das palestras* (vide o quadro synoptico, á pag. 8) o professor mostrando e explicando estampas e objectos que impressionam as crianças pelo seu colorido, sua forma, seu tamanho, etc., não faz outra coisa senão exercitar os sentidos dos alumnos. O exercicio dos sentidos se evidencia ainda mais na phase da *leitura do quadro*:

O professor mostra ao alumno uma estampa e pergunta o que ella representa. O alumno *olha* para a estampa (sentido da visão) e responde. O professor escreve a resposta obtida no quadro e o alumno *vê*, «que o giz diz» a mesma sentença, que elle (alumno) acaba de pronunciar. (Ainda o sentido da visão).

Depois um alumno *lê* a sentença (visão e tacto: movimento da bocca) e *ouve*, quando os seus collegas *lêm* (audição).

Em seguida, o alumno escreve (visão e tacto): o que já leu.

Essa impressão repetida da mesma imagem (pela visão, pela audição e pelo tacto), no cerebro da criança faz com que esta retenha sem esforço (si ha esforço, é quasi nullo) o que é importante visto a criança de 7—8 annos de idade não ser capaz de grande esforço mental, sem ficar cansada, o que cumpre evitar.

Examinemos mais o seguinte *segundo principio de Psychologia*:

«Na creança a attenção é, geralmente espontanea» (Bittencourt—Pedagogia Escolar).

Sendo espontanea e portanto, inconsciente a attenção da criança deve ser despertada pela forma, mais ou menos interessante, que o professor imprime ás suas aulas.

M. Bomfim, em sua excellente obra «Lições de Pedagogia», é da mesma opinião, quando diz:

«A attenção voluntaria propriamente dita «não existe na criança, enquanto não existe «nella um querer educado e forte.»

E, mais adiante, escreve:

«Vimos que, para captar a attenção da criança ao iniciar o tirocinio escolar, só ha «um recurso logico—despertar a curiosidade» immediata, fazer o *ensino interessante*. (O grypho não é meu.) Não ha «instrução systematica sem attenção, e não» ha outro meio de obter a attenção, nas classes elementares senão pelo interesse directo «da lição».

Ainda aqui, o methodo analytic obedece ao preceito psychologico acima mencionado: Cada lição de leitura é para a criança um novo estimulo.

Vendo as estampas usadas na phase das palestras, o alumno contempla, com prazer, a viveza de seu colorido; na sua natural curiosidade quer conhecer as figuras com todos os seus detalhes; interessa-o saber como é que o gis» vae escrever» a historia da estampa; lendo (Phase da leitura no quadro) sentenças completas e suas (O bom professor aproveita para serem lidas no quadro, sentenças formadas pelos proprios alumnos.) o escolar sente-se estimulado, pois é bem mais agradável ler sentenças completas do que palavras isoladas; além disso, elle pode contar em casa que já sabe ler alguma coisa—o alumno está convencido disto embora não seja assim.

Emfim, não sendo o professor de todo destituído de habilidade, essas aulas de leitura, principalmente no primeiro periodo do anno lectivo, tem mil attractivos para a pequena-

da, o que não se pode dizer; com tanta razão, de nenhum outro methodo.

Além dos dois principios psychologicos indicados, muitos outros poderia eu citar a favor do methodo analytic.

Bittencourt, em sua já citada «Pedagogia Escolar», também o recommenda com as seguintes palavras:

«No inicio do ensino, quando o educando ensaia os primeiros passos de aprendizagem, certamente que o unico processo a seguir, é o analytic, pois devemos ministrar-lhe conhecimentos muito simples, noções elementares, de accôrdo com o seu desenvolvimento intellectual.»

b) *O methodo analytic baseia-se na intuição.*

Na criança não existe a faculdade da abstracção, porque esta depende do concurso da attenção, a qual é, por sua vez, quasi nulla. Só aos poucos, e a força de exercicios bem escolhidos pelo professor, é que o alumno aprende a abstrahir e raciocinar.

No primeiro anno preliminar, é preciso partir do concreto para o abstracto, cumprindo não obrigar o alumno a grandes esforços mentaes, que o cansariam.

Do exposto, se evidencia, que o processo mais razoavel e logico, o mais proficiente para o ensino de principiantes, deve ser o intuitivo.

Ouçamos o que diz a respeito um mestre:

«O processo *intuitivo*, também chamado do *ensino pelos olhos* tem um character especial; o seu emprego não depende da escolha, nem da preferencia do professor. E' um processo que corresponde precisamente a um certo grau ou momento do ensino, e que, nesse momento, tem de ser applicado, porque nenhum outro poderia substituir.—A intuição é o conhecimento immediato da realidade que se impõe á percepção.

Reserva-se em Pedagogia, esse nome de *intuição*, ao resultado da percepção que, de prompto, sem outro esforço nem preparo, dá o conhecimento do ser. A intuição dispensa explicação.»

(Bomfim—Obra já citada. Os gryphos não são meus).

Ora, em qualquer das phases da leitura pelo methodo analytic, (Vide o quadro synoptico à pag. 8 e phases de «palestras» e «leitura no quadro» a pags.), os conhecimentos são ministrados aos alumnos, «pelos olhos», isto é, pela ob-

servação directa dos objectos ou factos. Só na impossibilidade de apresentar o objecto de estudo aos olhos do educado, ou quando o processo intuitivo, só, é insufficiente, é que se recorre á explicação simples e concreta.

Isso, porem, no primeiro anno preliminar, principalmente no primeiro semestre, não é necessario ou só em casos raros; em geral, o processo intuitivo exclúe, no ensino ministrado a principiantes, a necessidade de explicações.

c) *O methodo analytico desenvolve a linguagem*

Quando a criança se matricula, traz de casa um vocabulario já relativamente rico, o que não causa estranheza dada a sua innata curiosidade de saber o nome de cada objecto que vê pela primeira vez, curiosidade mal comprehendida pelos paes, que não vem nella senão o desagradavel das constantes perguntas do filho acerca dos porques das coisas, que elle desconhece.

A linguagem do principiante é porem insufficiente e viciada.

Cabe ao professor completa-la e corrigi-la.

Como em tudo, tambem aqui é o exercicio constante que conduz ao fim almejado.

Em rigor toda aula qualquer que seja a disciplina a que pertença, é um exercicio de linguagem.

Assim e especialmente as aulas de leitura prestam-se admiravelmente para desenvolver a linguagem da criança.

Como o fim principal a attingir é dar ao alumno a faculdade de exprimir com facilidade é exactamente o que elle quer dizer a linguagem oral deve merecer da parte do professor cuidados especiaes.

E' o que se faz applicando o methodo analytico no ensino da leitura.

Na phase das palestras o professor entretém conversas com os alumnos deixando—não sem intuito—que estes digam livremente o que pensam exigindo somente que todas as sentenças pelos mesmos formados sejam completas.

Nessas aulas deve caber a parte mais activa aos educandos cumprindo, ao professor orienta-los e corrigir os erros que por ventura commettam.

E, Rayot, na sua já citada obra, diz referindo-se ao assumpto :

«L' apprentissage de la langue nationale est aussi

lune des principales oeuvres de l'école primaire proprement dite; Sans doute le maitre doit parler; mais il doit aussi faire parler les élèves ceux-cine doivent pas étre seulement des auditeurs passifs; il est necessaire qu'ils interviennent activement; les meilleures classes sont celles qui consistent en une conversation, en un échange d'idées entre le maitre et les enfants. Surtout le maitre doit veiller a ce que l'élève réponde toujours en faisant une phrase complète, offrant un sens précis, net».

Alem do exposto, ainda ha outro factor importante para augmentar a influencia benefica que o methodo analytico tem sobre a linguagem do alumno;

Lendo só phrases completas, elle se habitua a proceder assim tambem quando fala não procurará exprimir idéas e sim pensamentos.

d) *Por esse methodo a leitura torna-se corrente, mais expressiva, mais viva e mais sentida do que sendo aprendida por qualquer outro inclusive o da palavração.*

Desde as primeiras aulas de leitura no quadro—quando esta ainda merece tal nome, porque o acto do alumno «lendo» as sentenças escriptas pelo professor, não constitui ainda leitura no verdadeiro sentido da palavra—desde as primeiras lições, pois o alumno lê *seus proprios pensamentos* visto como sentenças escriptas no quadro são formadas por elle mesmo.

O assumpto dessas sentenças é tirada do proprio mundo infantil e, portanto facilmente comprehensivel á criança.

Ainda ha a considerar, que não se lêem palavras isoladas e sim, phrases completas.

Ora lendo só «seus proprios pensamentos»; sendo o assumpto da leitura «tirado do proprio mundo infantil» e «lendo só sentenças completas»; o alumno lerá com entusiasmo e sentimento, e não terá grande difficuldade em habituar-se á leitura corrente e expressiva.

Aqui não necessita elle de occupar-se com as letras, syllabas ou palavras, habituado como está a reconhecer, de relance phrases inteiras.

Comprehendendo o que lê, ao que desde o começo, se acostuma elle pode ler e de facto lê com expressão e nisso está em ultima analyse a finalidade do ensino da leitura: dar ao educando a facilidade de ler sentir e comprehender.

Apreciação Final

Confrontando o methodo analytic da sentencição, que estó sendo applicado nos grupos escolares deste Estado pelo processo intuitivo com os methodos synthetics—alphabeticos, syllabico, phonetico e synthetico propriamente dito—e com o methodo analytic da palavrção procurei destacar as principaes vantagens que o primeiro offerece conforme consta da pagina 12 e seguintes, deste modesto trabalho.

O quadro synoptico (pag. 8) mostra que embora mereça o qualificativo de—analytico por excellencia—o methodo da sentencição não exclue o emprego da synthese; pelo contrario cabe a esta completa-lo.

Sem ella, não daria o esplendido resultado que se obtém pela fusão criteriosa e oportuna desses dois methodos oppostos. Nenhum methodo de leitura como do ensino em geral deve ser exclusivo: as circumstancias do momento a especie do assumpto, a capacidade intellectual dos alumnos e mesmo o temperamento do professor determinam quando e como se deve empregar este ou aquelle.

Mesmo o methodo analytic o mais logico de todos não deve ter caracter exclusivo.

Lembro-me a proposito de uma dessas palestras instructivas que tenho a honra de travar frequentemente com um dos maiores pedagogos brasileiros da actualidade o exmo. sr. Professor Orestes Guimarães esclarecido Inspector Federal das Escolas Subvencionadas de Santa Catharina, e que *data venia*, aqui registro:

Quando ha annos um grupo de illustrados professores progressistas do Estado de S. Paulo, entre os quaes Arnaldo Barreto, Theodoro Moraes, Pinto e Silva e outros pleitearam a favor da introdução do methodo analytic de leitura naquelle Estado o professor Alfredo Bresser da Silveira, Director da «Escola do Carmo» do mesmo Estado cujo primeiro anno estava desdobrado em seis classes, fez uma interessante experiencia; que deu resultado bastante significativo:

Em duas classes foi applicado exclusivamente o methodo analytic da sentencição; nas quatro restantes o methodo analytic-synthetico.

O resultado foi surprehendente:

No fim do anno lectivo os alumnos das duas classes

em que se applicara o methodo analytic puro—leitura de sentenças durante o anno todo—não souberam ler nos livros adoptados no segundo anno e tiveram por isso que repetir o primeiro ao passo que os que vieram das outras quatro classes liam correntemente. A experiencia feita pelo culto collega paulista parece á primeira vista absurda mas nem por isso deixa de ter muito valor, pois ella veio comprovar, que um methodo, por melhor que seja não produz resultado, quando applicado exclusivamente.

Segunda Questão: Pode esse Methodo ser generalizado a todas as Escolas Estaduaes?

Esta questão pode e deve ser estudada sob dois pontos de vista.

De pedagogico-psychologico e do economico.

A questão estudada sob o ponto de vista pedagogico psychologico

Encarando-a do ponto de vista pedagogico-psychologico a questão do emprego do methodo analytic em todas as escolas estaduaes não carece, aqui de ser commentada; as vantagens reaes e incontestaveis demonstradas nos capitulos anteriores desta these e comprovadas pela experiencia diaria recommendam a sua applicação em todos os estabelecimentos de ensino, sejam urbanos ou ruraes.

A questão toma com tudo, outro aspecto si a encararmos do *ponto de vista economico*.

A «Cartilha Popular» (methodo syllabico), actualmente em uso nas escolas ruraes, custa no maximo 800 reis cada exemplar; o preço da «Nova Cartilha (methodo analytic-synthetico), usado nos grupos escolares é de 2\$200 cada uma.

A generalização do methodo analytic a todas as escolas importaria, pois em um augmento de 175% do custo do livro adoptado.

Ora, 2\$200 representam para muitos paes, uma quantia consideravel de que não dispõe; o Estado por sua vez tambem não pode devido á crise financeira que atravessa fornecer a Cartilha gratuitamente á maioria dos alumnos das nossas escolas.

Peço licença para suggerir um meio que penso resolver este difficil problema:

SUGESTÃO: Mande o Estado organizar e imprimir por conta propria, uma cartilha analytic-synthetic que:

a) satisfaça a todas as exigencias da moderna Pedagogia.

b) corresponda ao nivel intellectual do nosso professorado: (Deverá ter um appendice especial em que seja minuciosamente explicada a forma por que esse methodo deve ser applicado.)

c) traga estampas representando scena da roça e do campo;

d) não seja muito cara.

Não nos faltem para realizar este importante melhora-mento os requisitos indispensaveis.

Temos a dirigir os destinos do Estado no exmo. sr. dr. Adolpho Konder um homem que pela maneira admiravel com que sabe conciliar a economia administrativa com o prudente emprego dos dinheiros publicos em melhoramentos de grande alcance, se vê prestigiado pela confiança da totalidade da população barriga-verde, cumprindo não esquecer tambem o vivo interesse de s. excia., pela nobre causa do Ensino Publico;

Temos, nas Secretarias do Estado, os exmos. srs. dr. Cid Campos—Estadista progressista e patriota—e dr. Henrique da Silva Fontes, grande pedagogo e ex-Director da Instrução;

Temos ainda para collaborar na execução do plano sugerido, uma pleiade de eximios educadores dentre os quaes se destacam os exmos. srs. Antonio Mâncio da Costa, actual e insigne Director da Instrução Publica; Orestes Guimarães organizador do Ensino em Santa Catharina a quem já me referi; Luis Trindade, Flordardo Cabral e João dos Santos Areão, zelosos e dedicados Inspectores Escolares.

Não minguem, pois, felismente no nosso Estado, corações patrioticos e cerebros que pensam; temo-los de mão cheia.

Assim, creio que não será inexequivel o que venho de propor:

A organização e impressão, por conta do Estado, de uma cartilha analytic-synthetic, que corresponda ás necessidades das nossas escolas ruraes.

Conclusão

Primeira questão: *Quaes as vantagens do ensino da leitura pelo methodo analytic?*

Concluo do exposto, que o ensino da leitura, pelo methodo analytic, offerece as seguintes vantagens pedagogico-psychologicas:

a) *Coaduna-se com o bem fundados seguros principios da Psychologia;*

b) *baseia-se na intuição.*

Suas vantagens praticas são as seguintes:

a) *Desenvolve a linguagem;*

b) *obtem-se, por esse methodo, uma leitura corrente expressiva mais viva e mais sentida do que com qualquer outro.*

Segunda questão: *pode esse methodo ser generalizado a todas as escolas estaduaes?*

Uma vez organizada e impressa por conta do Estado uma cartilha analytic-synthetic, que.

a) *Satisfaça todas as exigencias didacticas e do meio; (Estampas e assumpto relativos á vida do sitio).*

b) *corresponda ao nivel intellectual dos nossos professores ruraes: (Appendice explicando, minuciosamente a applicação do methodo).*

c) *não seja de custo muito elevado: quer-me parecer não haverá inconveniente e sim muita vantagem, na generalização do methodo analytic, a todas as escolas publicas de Santa Catharina.*

Blumenau, junho de 1927.—Ass.—*Adriano Mossimann.*

N.º 12 Para a Conferência de Ensino Primario

THESE I.ª

Quaes as vantagens do ensino da leitura pelo methodo analytic?

Pode esse methodo ser generalizado a todas as escolas estaduaes?

Haverá, effectivamente, vantagens no ensino da leitura pelo methodo analytic? ou, antes, estará havendo vantagens

no Estado de S. Catharina? A resposta afigura-se nos um arrôjo formidável, pois é tal o fascínio por elle exercido em tão grande numero de espiritos de escól, que, ainda em se t atando de conceitos offerecidos a um certame como a CONFERÊNCIA DE ENSINO PRIMARIO, onde a condição principal exigida por todos que a ella concorrem, deve ser a posse plena da mais plena liberdade de opinião, quem se abalance a discordar do quasi fanatismo com que se professa o methodo analytic, correrá o risco de ser tachado de iconoclasta!..

Entretanto, si bem ainda um tanto indeciso o nosso conceito, relativamente a esse methodo, e isso, certamente, em virtude de nos fallemos em nós os thesoiros de conhecimentos scientificos indispensaveis a se poder delle ajusar com segurança, vimos expender nossa desvaliosissima opinião—filha da observação directa de factos, os quaes, na sua maioria, infelizmente, não corroboram o prestigio com que elle se impôs ao ensino em S. Catharina.

O assumpto tem sido, no Brasil, amplamente discutido pelos mais conspicuos pedagogos do Estado de São Paulo, onde o methodo, embora producto de importação em sua essencia, adquiriu processuação original; e, comquanto didactas da envergadura de Sampaio Doria, Tolosa e outras tenham-no proclamado ultima palavra em methodologia, outros vultos não menos notaveis, como Renato Jardim e Quaglio, repudiam-no inelentes, negando-lhe toda eficiencia. A mais forte objecção é baseada pelos ultimos no facto decisivo de se ter verificado que o nivel da alphabetização no alludido Estado soffreu queda desanimadora, desde que foi imposta a generalização do citado methodo a todas as escolas.

A essas objecções, tem-se fartamente replicado que o insuccesso decorre: I, da deficiencia técnica dos executores do methodo; II, da falta de uniformidade na processuação do mesmo; III, da insufficiencia do aparelhamento exigido para a perfeita transmissão do ensino pelo methodo em discussão

A estas replicas, triplica-se, 1.º—si, a inefficacia do methodo decorre da deficiencia tecnica dos professores, os seus resultados actuaes são necessariamente negativos, o que constitue erro perseverar num ensino que traz maleficios á instrucção, sendo que, pelo menos, deve aguardar-se que exista essa eficiencia para pô-lo em pratica; 2.º—a falta de uni-

formidade na processuação, não deveria importar em inefficacia, porquanto o facto se contrapõe a um dos canones do methodo:—a unidade na variedade; e ainda: si ha falta de uniformidade na processuação, é porque o methodo comportando processos multiformes, é incapaz de se impor por um delles—o eficiente por excellencia; 3.º—si ha insufficiencia no aparelhamento exigido para a perfeita transmissão do ensino pelo methodo em apreço, é, no momento, inaconselhavel a sua adopção, porquanto o Estado de S. Catharina, conforme se assegura, sendo o que maior dotação destina á instrucção, não poderá majorar essa dotação; e, portanto, o methodo analytic, immediatamente, não pode offerecer vantagem. Voltando aos termos da primeira parte da these que estamos tentando discutir, affirmaremos sedicadamente que as vantagens a esperar de qualquer methodo de ensino consistem na rapidez com que se consegue ensinar a ler. Ainda este postulado tem sido ponto de partida aos que repudiam o chamado methodo analytic, porque, em rapidez, não se tem ainda podido affirmar categoricamente que tenha suplantado o de syllabação.

Deve ser entendido que não estamos combatendo incondicionalmente o methodo analytic—ou o intuitivo analytic, como querem alguns. Nem nos abalançamos a fazê-lo, porque, para tal, fora mister penetrar a fundo os emaranhados principios psychologicos de que se soccorrem os propugnadores do methodo, para explicá-lo como sendo o que melhormente attende ás exigencias do espirito infantil.

A natureza deste trabalho, parece-nos, dispensa a ingressão em um mundo de cuja sciencia não nos apercebemos solidamente...

O que o nosso governo collima é indubitavelmente, a exposição incisiva de factos concretos, que o possam orientar no ingente emprehendimento de dotar o aparelho escolar de elementas capazes de assegurar resultados praticos insophismaveis.

Innegavelmente, pelo que tivemos oportunidade de observar nos grupos-modelos da capital paulista e em alguns estabelecimentos catharinenses, o que ensinam certos professores, e que diz enquadrar no methodo analytic, offerece resultados incontestavelmente entusiasticos. São, entretanto, para nos factos isolados, cuja scintillancia não abona methodos, antes confirma o aphorismo: —“a educação real depende, acima de tudo, da eficiencia didactica do professor.

Numerosas escolas, cheias de crianças, mas com professores ineptos, ou desleixados, são apenas, escoadros inúteis de dinheiro, de energias e de esperanças. O que essencialisa a escola, como órgão educativo, é a efficiencia NOS methodos com que os professores ensinam"; e de outro:—"A excellencia do methodo é sempre relativa, depende de circumstancias varias cujas principaes se podem enfiar nestas duas categorias: a qualidade do alumno e, não só habilidade technica, mas, inteira a personalidade do professor".

Desses assertos, dão testemunho constante numerosissimos casos de crianças que, depois de, não raro, mais de um anno de frequencia ás escolas onde se adopta o methodo analytic, vão alphabetisar-se noutras, em poucos meses, onde se ensina por methodos diversos commumente pelo de syllabação. Podemos, nós mesmo, ainda que o facto não pareça bastante elucidativo, exemplificar com o caso de dois de nossos filhos, que, depois de terem frequentado os grupos de Tubarão e desta cidade o primeiro durante 14 mezes, o segundo, 6, terem aprendido a ler em pouco tempo com a applicação dos methodos syllabico e ideo-phonetic.

Ha uma circumstancia muito notavel que na actualidade depõe contra o methodo analytic praticado na maioria dos nossos estabelecimentos de ensino: é que em egualdade de condições o syllabico avanta-se-lhe enormemente; isto é da applicação actual dos dois methodos resulta mais vantagem do segundo. Calcule-se portanto a differença, existente entre o analytic de adoptação recente e, o que é mais, sem uma base scientifica solidificada pelo preparo technico indispensavel revolucionario, abruptamente revolucionarie, e o syllabico prestigiado pela tradição, pela força do numero instinctivamente aceito por todas as consciencias?

E a que dissabores è conduzido o professor, quando, elle mesmo, que apavorado, se interroga sobre as verdades e os mysterios do novo methodo, elle, a cuja intelligencia pouco esclarecida, escapam as subtilesas philosophicas do Briareau, que o constringe, soffre as consequencias da subversão, vendo a improficuidade dos seus esforços, a ogerisa da população pelo methodo que lhe não permite aos filhos os serões nocturnos em torno á mesa, a gorgear o ABC como já o fizeram os paes?!!

E o desespero dos exames oraes, presença de homens-austeros como radores, a mover a cabeça significativamente, quando se en garem os petises de secção A, verifi-

condições o syllabico avanta-se-lhe enormemente; isto é da applicação actual dos dois methodos resulta mais vantagem do segundo. Calcule-se portanto a differença, existente entre o analytic de adoptação recente e, o que é mais, sem uma base scientifica solidificada pelo preparo technico indispensavel revolucionario, abruptamente revolucionarie, e o syllabico prestigiado pela tradição, pela força do numero instinctivamente aceito por todas as consciencias?

E a que dissabores è conduzido o professor, quando, elle mesmo, que apavorado, se interroga sobre as verdades e os mysterios do novo methodo, elle, a cuja intelligencia pouco esclarecida, escapam as subtilesas philosophicas do Briareau, que o constringe, soffre as consequencias da subversão, vendo a improficuidade dos seus esforços, a ogerisa da população pelo methodo que lhe não permite aos filhos os serões nocturnos em torno á mesa, a gorgear o ABC como já o fizeram os paes?!!

E o desespero dos exames oraes, presença de homens-austeros como radores, a mover a cabeça significativamente, quando se en garem os petises de secção A, verifi-

cam a papagueação inexpressiva e a estatelção desconcertadora ante uma isolada palavrinha?!

Repetimos: não combatemos incondicionalmente o methodo analytic; pelo contrario, reconheceriamos nelle, uma vantagem, si applicado por professores de comprovada habilidade; a de preparar o espirito infantil para mais logica acquisição dos conhecimentos que lhe destinam os grammas; porque innegavelmente o analytic exige da juvenidade maior somma de movimentos mentaes infunde-lhe mais vivacidade. Isso, porem repetimos si o methodo estivesse sendo applicado com toda a efficiencia de que talvez seja capaz. Entretanto ao syllabico como a qualquer outro methodo quando desenvolvido por professores habeis não se pode negar a mesma vantagem.

Muito importante é que se não cante victoria á observação do que se colhe nos grupos escolares das nossas principaes cidades onde a população possui uma mentalidade capaz do discernimento pedagogico e a docencia desses estabelecimentos tem um criterio sufficiente para separar o joio do trigo...

Para julgar do modo por que é applicado o methodo analytic, observe-se o seguinte facto: ao diplomar-se, é o normalista obrigado a um tirocinio de 6 meses em grupo escolar, para que, é claro possa adquirir conhecimentos praticos das materias que irá ensinar e, especialmente — com a assistencia de 90 dias ás aulas dos primeiros annos — corporifique ou solidifique os conhecimentos theoreticos do methodo analytic que lhe forem ministrados na Escola Normal. Pois bem: em geral, é tão deficiente o tirocinio, que o diplomado é quasi sempre incapaz de expor verbalmente um juizo sobre o que assistiu, sendo que o relatorio a que está sujeito é, em regra — um ARRANJO do director do grupo.

Do que fica mui umbrosamente exposto, deduz-se o seguinte:

I — No estado actual do ensino, tanto quanto a nossa observação permite affirmar, o methodo analytic, na maioria dos nossos estabelecimentos, não offerece, sobre outros methodos, a vantagem, precipua, que fora de esperar, isto é, a rapidez no ensinar a ler. Do que se infere que, a persistir em o manter, será necessario attender aos itens seguintes: — efficiencia technica dos executores do methodo; determinação e imposição do processo julgado mais perfeito e

efficiente aparelhamento correspondente ás exigencias do methodo.

II — Não pode o methodo analytic ser generalizado a todas as escolas estaduaes, especialmente ás escolas isoladas, porquanto são estas, em geral, regidas por professores provisórios, aos quaes falta preparo tecnico, sendo que as escolas não dispõem do aparelhamento adequado.

Mafra, 30 de junho de 1927. — Ass. *Marcilio Dias Santiago*, Director do Grupo Escolar de Tubarão, com exercicio no Grupo Escolar de Mafra.

N.º 13 Illustres Membros da Commissão Preparatória da Conferencia Estadual de Ensino

Desobrigando-me do compromisso que muito me honra e desvanece pela prova de consideração com que me distinguiste, convidando-me a fazer parte dos trabalhos da Conferencia Estadual de Ensino, sou, deveras agradecida por essa elevada distincção considerando-me, tão feliz quanto embaraçada, para chegar ao fim desejado, que é o de discutir theses sobre a materia de ensino, quando justamente me reconheço desprovida de intelligencia e dos necessarios elementos para desenvolver e solucionar processos e methodos que incontestavelmente só podem ser desenvolvidos e discutidos satisfactoriamente por abalisados mestres e pedagogos que sem temor á critica, poem em voga varias disciplinas cujos processos intuitivos são approvados e usados com avantajados resultados.

Sujeitando-me entretanto ás observações emendas e finalmente á propria critica deposito nas mãos dos dignissimos membros da Commissão, o meu descurado trabalho procurando na medida dos meus diminutissimos prestimos com um esforço de vontade e sem nenhuma pretensão de reclame e merito entrar no assumpto a que me proponho, apenas, para contribuir com minha descolorida opinião respondendo algumas theses na introdução dos processos mais approváveis para o desenvolvimento das diversas disciplinas do ensino.

P — Quaes as vantagens do ensino da leitura pelo methodo analytic?

Pode esse methodo ser generalizado a todas as escolas estaduais?

R—Tendo sido por mim processado o methodo analytico durante 5 annos como professora do Grupo Escolar Lauro Müller desde sua fundação no anno de 1912, época em que fora decretada a reorganização do ensino em nosso Estado pelo então governador Cel. Vidal de Oliveira Ramos e encarregado dessa missão o sr. Professor Orestes Guimarães, fui designada para reger o 1º anno, depois de ter praticado 3 meses, o alludido methodo com a competente professora, exma. sra. d. Cacilda Guimarães. O que me cabe dizer algo a respeito, é que realmente, o methodo analytico é incontestavelmente o mais rapido e proveitoso para o ensino de leitura, pois embora seja ainda combatido pelos que desconhecem seus fructos contem em si, recursos e vantagens para os analphabetos que na quasi totalidade luctam para chegar ao desenvolvimento de uma leitura corrente e expressiva. O methodo analytico prende-se a um systema basico directo e intuitivo, não so porque vai do todo para as partes, como pela variedade de meios que offerece á percepção e ao conhecimento, estudando a forma das palavras supprimindo muitos defeitos e vicios na leitura como outrora se usava com o methodo rotineiro da soletração que acarretava prejuizos de habitos e tempo, alem da sua fastidiosa monotonia de uma cantilena de letras e syllabas fora de toda a elegancia e vivacidade. Uma criança intelligente e applicada, pode ler com 4 e 5 meses ao passo que o methodo antigo precisa de um anno ou quem sabe, lustros para se saber ler.

Ha opiniões que discordam desse processo, por ter a criança a facilidade de decorar o que aprende mas nisso influe muito a perspicacia da professora que deve ter o maior escrupulo na variação das sentenças das primeiras paginas do livro procurando mesmo um manejo especial na troca das palavras das sentenças estudadas, a fim de que não tenha a decepção do alumno ler decorado.

Os resultados colhidos por esse methodo prova com as altas porcentagens que sempre obtive dando para exemplo, alguns alumnos que com o ensino da leitura analytica aprenderam a ler, em 5 meses; Oswaldo Bulcão Vianna, Armando Lima, Yan Correa, Luis e Frederico Cunha, Haroldo e Americo Pereira, Paulo Werner e muitos outros que despertaram a curiosidade dos paes mandando-os ler

em outros livros e jornaes para se certificarem da veracidade do adiantamento de seus filhos.

A criança de 7 annos completos, que por qualquer anomalia physica ou intellectual, não aprender a ler em 9 meses consecutivos vencerá forçosamente a sua etapa de aprendizagem em um anno completo o que não acontece com a A. B. C.

Sendo a leitura uma das mais importantes disciplinas, deve ter methodos especiaes e ser adquirida como um instrumento de utilidade para a aprendizagem de novos conhecimentos.

Tem por fim a leitura, a interpretação directa da linguagem impressa ou escripta e para isso precisa que a professora exerceite o alumno na enunciação clara e expressiva das narrações que ler.

Antes de iniciar o ensino da leitura analytica a professora entreterá palestras com os alumnos, em linguagem simples, animada e interessant, desenhando mesmo, figuras no quadro negro, para despertar a atenção da classe.

Em seguida serão escriptos nitidamente no quadro, em letras manuscriptas ou forma as primeiras sentenças do livro adoptado.

Classifica-se essa phase, em 1º passo da leitura.

A professora terá o cuidado de habituar o alumno desde as primeiras lições, a ler as sentenças como um todo.

Permanecerá nesse passo até que o alumno saiba o manejo das phrases de distinguir facilmente as palavras destacadas.

Depois de alguns dias nesse exercicios a professora entrará então no ensaio do conhecimento da decomposição das sentenças em palavras de maneira que o alumno venha a ler em qualquer pagina, as palavras que com elle se relacionarem nas lições anteriores. Chama-se este o segundo passo da leitura analytica. E' de vantagem para a boa aprendizagem do alumno, escrever-se sentenças curtas não passando tambem á lição seguinte, sem que a anterior seja bem sabida. E' indispensavel a variação das sentenças para que o alumno não as decore, como já ficou explicado. A leitura deve ser acompanhada da escripta, desde o primeiro dia de aula, para haver a simultaneidade nas duas formas depressas.

O livro não deverá ser usado na leitura, enquanto o alumno não souber ler por si, as primeiras paginas no qua-

dro negro. Também a professora deve habituar o alumno, a leitura silenciosa, antes da oral; a primeira por ser util a reflexão e a segunda pela expressão clara do pensamento. Quando o alumno estiver apto no manejo das sentenças e na sua decomposição em palavras isoladas, passará então para a terceira passo que é o do estudo da divisão dos elementos em syllabas e destas, a deslocação em letras. Durante o periodo dos tres passos, a professora deverá corrigir a posição do alumno na leitura para evitar defeitos que mais tarde venham a prejudicar a saude, como: a myopia, o estrabismo, a torção da espinha, etc, etc.

Deve-se acostumar o alumno a não approximar o livro dos olhos não mover a cabeça em vez dos olhos, não apontar o que lê com o dedo, não fiar em posição obliqua, não ler a meia voz, não repetir as palavras, não fazer pontuação, não humedecer o dedo com a saliva para voltar a folha, não escrever deitado na carteira, nem com o busto torcido, saber pegar naturalmente na caneta, não cometter rasuras na escripta, etc.

Com esse rigor de disciplina na leitura e na escripta, a professora preparará o alumno com boa comprehensão, correcção de habitos e facil interpretação para o que venha a aprender nas outras disciplinas.

Ha muitos methodos para o ensino da leitura das primeiras letras, assim chamado.

Segundo a opinião do grande pedagogo Calkins, a leitura educa o ouvido e a vista e incute o rythmo e a expressão na voz, considerando-a como uma verdadeira arte, a maneira de ensinar.

Existem methodos que pela sua arbitrariedade de processos antiquados e enfadonhos, provocam estranheza, aridez e monotonia aos alumnos analphabetos.

Por exemplo, o ensino da leitura pelo *methodo do ABC* que é um dos mais antigos, consiste em discernir, em primeiro lugar, 26 letras do alphabeto, depois a combinação dellas em syllabas com um enorme esforço de exercicio dessa natureza, a junção em palavras. E' um systema fora de toda a logica, pois parte do abstracto para o concreto, das partes para o todo, sem nenhuma razão de sér, visto que o nome das letras trará um mundo de difficuldades para a criança aprender a ler correntemente, transviando o som a percepção dos elementos phonicos.

E' sabido que a criança começa a falar por palavra

e não por letras; dahi parte a controversia desse methodo.

Ha o *methodo phonico* que começa pelos sons applicados na enunciação das syllabas e das palavras; mais como verificou-se a incerteza dos seus valores pela variedade que apresenta a combinação dos mesmos sons na junção das consoantes vem de encontro aos bons principios do ensino da leitura; ademais consome muito tempo em apprender as expressões monosyllabicas e depois de um pesado trabalho para o professor e enfado para o alumno entra-se no estudo das palavras que não deixa de ter também os seus inconvenientes pela compaixão que apresenta na formação de linguagem falada.

O systema philosophico condemna tal desvio de ensino limitando-se ao meio natural que é aquelle em a criança apprende de todo para as partes e não da unidade provando que a linguagem parte do pensamento assim como as palavras são symbolos das ideas e as letras simples elementos dos sons.

Methodo Phonotypico é uma forma de que se reveste o methodo phonico, divergindo apenas nos caracteres. E' um systema fora de toda a ordem pedagogica pois divide o alphabeto em mais de 40 letras pela differença que tomam os sons na formação das palavras acarretando assim defeitos e dando á leitura o som arrastado e monotono.

Methodo verbal é o que ensina a leitura por meio de palavras orientando ás crianças o modo de discerni-las, como, se distinguisse um objecto do outro, dando-lhes os nomes.

Tambem tem esse systema a denominação de ensino rapido por que estuda as palavras, depois as syllabas e mais tarde as letras.

A Cartilha do professor Mariano de Oliveira é baseada nesse methodo que tem produzido bons resultados nas escolas onde os professores processam o ensino das primeiras letras.

Methodo objectivo também chamado intuitivo é o que se pratica em muitas escolas do Brasil, dirigindo a atenção dos alumnos para um objecto conhecido por elles, tendo o professor o cuidado de desenhal-o no quadro negro, imprimindo seu nome. Esse exercicio de leitura é também chamado ensino de cousas, mas não é e tanta vantagem como o methodo verbal.

Analygando certas particularidades, circumstancias e de-

feitos nos diversos methodos adoptados, opino para o ensino da leitura analytica nos Grupos Escolares, pelas vantagens que offerece aos analphabetos.

Não deve ser generalizado esse methodo em todas as escolas estaduais, visto que nem todo o professor publico está habilitado a processa-lo de accordo com as regras estabelecidas, a não ser aquelles que já tenham adquirido a competente pratica nos grupos escolares e mesmo assim é difficil seguir a risca, por ter a professora da escola isolada diversas classes a seu cargo e não dispor de meios didacticos e tempo para se occupar convenientemente com uma turma de alumnos analphabetos e prepara-los como deve. Sabendo-se que uma só professora não pode leccionar na classe do primeiro anno dos grupos escolares, sem uma auxiliar que é justo pela fiscalização e ordem que requer para poder attender as tres secções em que está dividida a leitura analytica, quanto mais a professora de escola isolada trabalhar com os tres annos do curso primario, a menos que tenha uma adjuncta para cuidar do resto da classe, enquanto estiver occupada com a turma dos analphabetos.

Ainda assim, é difficil processar o methodo analytico por ser subdividido o ensino nas tres secções pelo modo seguinte: *Secção A*—dos alumnos mais adiantados. *Secção B*—dos intermediarios. *Secção C*—dos retardatarios.

Ora, dessa forma, não pode ser adoptado o methodo analytico nas escolas que não sejam classificadas em Grupos, com professores que já conheça o mecanismo dessa disciplina.

Si uma professora de escola isolada processar o methodo analytico, tomará a maior parte do tempo escolar, por ter de ensinar não só a leitura como a escripta que deve ser uma compativel a outra na marcha dos exercicios. Alem de todos esses inconvenientes, precisará de uma auxiliar que fiscalize os alumnos que estiverem occupados em outras materias do curso.

E como é contrario aos preceitos pedagogicos, ficarem os alumnos em abandono, é contra-productente o systema de ensino nas escolas que não tenham a directa fiscalização do professor da classe.

Alem de tudo depende a organização do material escolar, que deve ser adequado. Por conseguinte o methodo da leitura analytica não pode dar resultados satisfactorio

nas escolas isoladas que para isso não estejam aparelhadas

A meu ver deve ser introduzido nas escolas isoladas o processo da syllabação verbal ou o mixto para o ensino da leitura enquanto não houver uniformidade na organização das escolas primarias do Estado e não tiver o professorado o conhecimento e a pratica para tal mister.

Ass — Beatriz de Sousa Brito, Directora do Grupo Escolar Silveira de Sousa.

N^o 14 Exmo. Sr. Presidente da Conferencia do Ensino Primario do Estado de Santa Catharina

Neste longo periodo de tempo (19 annos) que exerço o magisterio aqui neste municipio, tenho observado o seguinte:

Que o methodo analytico só dará resultados satisfactorios ensinado por professores que tenham exacta comprehensão desse methodo e da sua profissão de educador.

Acho pois, que vantagem nenhuma trará ao ensino o seu uso porque encontrar-se-a em porcentagem muito pequena professores que o possam ensinar com aproveitamento visto, pelo que tambem tenho observado, que uma grande parte do professorado exerce o magisterio simplesmente como um meio de vida e assim sendo o resultado seria um desastre, o que não se dá com o methodo da syllabação que é muito mais aproveitavel e racional. As crianças neste methodo mostram muita curiosidade em saber qual o sentido ou mais propriamente, qual a palavra ou sentença formada e por isso se esforçam em juntar as syllabas para compo-la e demonstram alegria quando comprehendida o que muito auxilia o professor e por isso os collegas, que ousou dizer que fazem do magisterio um meio de vida, darão menos prejuizo a instrução, porque a criança quasi que por si só aprende, servindo-lhe taes professores simplesmente de um fraco guia.

Muitissimo auxiliaria o methodo syllabico o ensino do alphabeto, uma vez por semana ao menos. Neste Grupo e especialmente nas escolas ruraes em que tenho funcionado, quasi que diariamente recebo reclamações dos paes dos

alumnos do 1º anno, de que seus filhos não conhecem uma letra do alphabeto. Portanto sou de opinião que o ensino do methodo syllabico auxiliado pelo conhecimento do alphabeto muitissimo mais aproveitavel seria e mais satisfação daria aos paes, especialmente nas escolas ruraes.

Grupo Escolar Professor David do Amaral. Araranguá, 1 de Julho 1927. Ass. — *Floscula de Queiros Santos* — Directora.

N. 15 Quaes as vantagens do ensino da leitura pelo methodo analytico ?

Pode esse methodo ser generalizado a todas as escolas estadaes ?

O ensino da leitura pelo methodo analytico traz as suas vantagens pois alem de habituar a criança a uma leitura boa, expressiva e correcta, ainda facilita a aula de Liguagem oral; os alumnos não vacilam ao formarem uma sentença qualquer.

Porem para ser este methodo generalizado a todas as escolas estadaes acho quasi impossivel.

Primeiro porque seria necessario que a maioria dos nossos professores viesse fazer uma pratica nos grupos escolares ou outras escolas em que fosse usado o methodo analytico.

E em segundo lugar porque nas zonas ruraes o professor na escola usando um methodo e os paes em casa ao auxiliarem seus filhos, usando outro (sendo quasi sempre o da soletração) viria trazer grande confusão aos alumnos.

Acho que o methodo da syllabação é o mais vantajoso para ser usado nas escolas das zonas ruraes. Pois, em bora que os paes usem o processo da soletração ainda não traz prejuizo.

Digo que os paes nas zonas ruraes auxiliam em casa os filhos e não censuro porque o professor de uma escola isolada com cinco classes, por assim dizer, visto o primeiro anno estar dividido em tres secções (A, B, C.) não pode dispensar o auxilio dos paes de seus alumnos. Si prohibir

que os mesmos prestem o seu auxilio em casa aos filhos, allegando que assim prejudicarão o methodo de ensino ou, só podera dedicar-se aos alumnos do 1º anno, deixando estacionados os do 2º e 3º annos, ou então não terá resultado em toda sua escola.

Trabalhei durante quatro annos em uma escola isolada usando nos primeiros meses o methodo analytico e sendo obrigado a passar para o processo da syllabação por não ter eu grande pratica do ensino analytico ou seja por persistirem os paes em auxiliar os filhos ensinando-lhes pelo methodo da soletração, o que posso adiantar é que só vim a colher resultados quando mudei de methodo de ensino.

E mesmo o ensino da leitura pelo methodo da syllabação auxilia mais a linguagem escripta do que o methodo analytico. Em geral os alumnos que aprendem pelo methodo analytico, ao fazerem um pequeno dictado vacillam um pouco, ao passo que os do processo da syllabação desde as primeiras Lições, encontram facilidade em escrever qualquer palavra.

Tambem os alumnos que aprendem pelo methodo da syllabação, com poucos meses de aula tem melhor do que os que aprendem pelo analytico.

Ao assumir a direcção do grupo escolar «Jeronymo Coelho», encontrei uma classe desdobrada—o 1º anno—onde a professora d. Othilia Ulysséa estava usando a titulo de experiencia, o methodo da syllabação e com grande proveito. Vendo que as professoras dos dois outros 1º annos, D. Eugenia Gonzaga Coutinho e Adelia Varejão usavam o methodo analytico resolvi fazer um pequeno dictado entre os alumnos das tres classes acima referidas. O dictado constou das sentenças seguintes:

- 1º Paulo tem uma bonita bola.
- 2º A bola de Paulo é toda vermelha.
- 3º O menino brinca com o gatinho.
- 4º O gado bebeu desta agua.
- 5º A tinta preta está no tinteiro grande.
- 6º Meu pai comprou um boi e dois cavallos.
- 7º Esta menina está dando leite ao gatinho.
- 8º Eu gosto de meu pae.
- 9º O lapis preto não está aqui.
- 10º Lucia tem um vestido novo.

Observei que os alumnos da professora Othilia Ulysséa alem de escreverem com mais desembaraço e rapidez, ti-

nham melhor orthographia do que os outros das demais professoras, os quaes tambem apresentaram progresso.

Deve-se recommendar aos professores das escolas isoladas que não usem somente as syllabas e palavras da Cartilha Popular, organizada pelo dr. Henrique Fontes, quando Director da Instrucção Publica, e sim ter sempre uma lista ou caderno com grande quantidade de palavras em que entrem as syllabas que se quer fazer conhecidas do alumno.

Ha professores que se limitam somente a ensinar as palavras da «Cartilha», deixando de procurar outras desconhecidas dos alumnos, e nem se utilizando do quadro negro para auxilio da leitura, onde poderá apresentar muitas palavras que não se encontram na «Cartilha», e colher assim melhores resultados.

Pelo que acima acabo de expor julgo pois que o methodo de ensino que melhor se adapta ás escolas isoladas é o da syllabação.

Laguna, 25 de junho de 1927. Ass—*Herminio Hensi da Silva*. Director.

N.º 16

Exmo. Sr. Director da Instrucção

Venho respeitosamente á presença de V. Excia. agradecer em primeiro lugar, o honroso convite que me foi dirigido, para assistir á Conferencia Estadual de Ensino Primario.

Como é permittido o direito de representação escripta sobre quaesquer das theses formuladas, cumpro a obrigação de responder embora resumidamente, a uma das theses comquanto tenha consciencia da minha desvaliosa contribuição para tão elevados fins. Rogo aos Illustres e competentes Conferencistas, que me relevem a fraqueza, pois se me atrevo a apresentar esse pequeno trabalho, é tão somente para demonstrar a boa vontade com que me allio á causa do ensino.

A these que escolhi, de accordo com a classe que dirijo é a primeira:

Quaes as vantagens do ensino de leitura pelo methodo analytic? Pode esse methodo ser generalizado a todas escolas estadaes?

Principio por me revelar accórde, com a maioria dos pe-

dagogos modernos, que defendem o processo analytic, no ensino de leitura.

E' inegavel, no ponto de vista educativo, a superioridade desse methodo em relação a qualquer outro. E' um processo salutar que habilita o alumno a uma leitura expressiva, e desenvolvendo ao mesmo tempo o espirito infantil, formando assim a base de sua educação mental.

Dest'arte, exponho a juizo de minha experiencia, as vantagens do methodo em vigor nos grupos escolares e que tenho empregado durante meus oito annos de magisterio primario; si bem que, devo accrescentar que ao lado dessas vantagens, o methodo em questão, apresenta ainda algumas irregularidades, pois não facilita muito o exercicio de dictado, nem é grande auxiliar na leitura de um vocabulo novo que se apresente á criança. Nesses casos, o systema didactico da syllabação, dá melhores resultados, (mais rapidos).

Eu por essa razão procurei o modo mais pratico e natural de vencer ou remover essa difficuldade, sem contudo me afastar do programma escolar; demorando dois terços do tempo na 3.ª phase, isto é, da syllabação.

E' assim que tenho ministrado ultimamente, as aulas de leitura, no quadro negro, de forma a auxiliar a linguagem escripta, sem prejudicar a linguagem oral, usando respectivamente o livro de leitura adoptado; de—Arnaldo Barreto. Tenho conseguido desse modo, mais aproveitamento dos meus educandos. A classe inicial, como se sabe, é a base da instrucção primaria e todo o educador que possua tino pratico pedagogico, procura fortifica-la, para obter maior somma de aproveitamento, pois neste reside a finalidade do ensino.

Nem sempre os resultados geraes, obtidos numa classe correspondem aos esforços do professor, pois é sabido que alem de não haver uniformidade de intelligencias, luta-se as mais das vezes com crianças de indoles refractarias ao estudo; outras que não frequentam assiduamente á escola e que, desamparadas moralmente pelos paes que desconhecem ainda o valor da instrucção, não se interessando pelo adiantamento dos filhos, diminuem assim a influencia do mestre.

Embora, tenha nas linhas acima, me afastado um pouco do objecto principal da these que respondo, dou por terminada a resposta, concernente á primeira pergunta da these.

Quando a applicação do methodo analytic nas escolas ruraes, não posso responder sem vacillar, pois nunca tendo

dirigido escolas isoladas não possuo experiencia necessaria para dar opinião que satisfaça.

Como hei de perguntar pela sua adopção, sem estar convencida da sua utilidade ?

Portanto, não é opinião propria que emitto; tendo por-rem diversas vezes, occasião de falar sobre este assumpto a algumas collegas, professoras de escolas isoladas normalistas principalmente e que fizeram todo o tirocinio nos grupos escolares, ouvi invariavelmente a mesma affirmativa:—Que o methodo analytic nas escolas ruraes, não pode dar resultados satisfactorios, pois alem de outros factores, a maior difficuldade está na subdivisão das classes e que uma dellas ha de sahir prejudicada. Allegam tambem, que o meio inculto em que vivem as crianças, não as auxilia no desenvolvimento da parte educativa que contém esse methodo. De facto o bom convivio da criança, concorre poderosamente para esse fim, entretanto não seja esta a razão mais forte, pois os doentes é que precisam de remedios e no methodo analytic, encontra-se essa virtude de therapeutica educativa.

Mas pelos outros motivos que as minhas collegas expõem, concordo que não é este o methodo ideal, para ser usado nas escolas ruraes. Finalizo. Respeitosamente subscrevo-me.

De V. Excia. humilde servidora.

Laguna, 30 de junho de 1927. Ass--*Eugenia Gonzaga de Moura Coutinho.*

Nº 17 Quaes as vantagens do ensino de leitura pelo methodo analytic ?

Pode esse methodo ser generalizado a todas as escolas estaduaes ?

Antes de apresentar as vantagens que tem o methodo analytic para o ensino de leitura, apresento primeiro succinctamente os outros methodos e as vantagens que apresentam os seus defensores, para melhor se avaliar as vantagens que traz o methodo analytic, quanto a superioridade ao syntetico.

Os methodos para o ensino de leitura são dois: o analytic e o syntetico,

O analytic pode ser de sentenciação ou de palavração, conforme elle parte das sentenças ou palavras.

O syntetico pode ser o de syllabação ou soletração conforme parte das syllabas ou das letras.

O methodo de soletração é conhecido pelas seguintes denominações: alphabetic, phononimico e o de emissão de sons. O ensino de leitura pelo alphabetic, o professor ensina ao alumno o nome das letras: b... c... d... f... pronunciando, be, ce de éfe, e para formar syllabas; be, a ba; ce, a ca, efe a fa; O phononimico differe desse em attribuir as consoantes um nome approximado ao seu valor na formação das syllabas.

Dizem os defensores do methodo de soletração entre elles Mr. Mariote na sua 14ª conferencia, tratado do ensino que não ha necessidade alguma de supprimir a soletração quando fizer o alumno voltar; tanto para o ensino da orthographia phonetica como para habilita-lo a procurar palavras no dictionario. Não ha razão alguma em seguir o methodo mais trabalhoso para o professor, mais enfiadinho para o discipulo, para visar um fim meramente secundario. Vejamos; primeiro tem o alumno de aprender a ler para depois buscar palavras no dictionario, e para que escreva com orthographia não ha necessidade de conhecer as letras.

Tanto é verdade que para escrever com orthographia nada influe o methodo de soletração, que temos visto muitos alumnos recorrer ao dictionario para as letras com as quaes são escriptas certas palavras.

O alumno necessita o conhecimento das letras depois de um certo adeantamento para denominação de angulos no estudo de geometria, estudo de vogaes e consoantes, etc., na grammatica.

Para isso aprenderá o alumno o nome das letras para quando necessitar do seu conhecimento. E' por esse motivo que o methodo analytic não dispensa o conhecimento das letras.

Até para o proprio conhecimento das letras o methodo analytic tem mais vantagem porque está afastado dessa abstração e incompreensibilidade, que são as letras do alphabeto, inteiramente desconhecido da criança em idade escolar.

O methodo analytic está na observancia dos seguintes principios didacticos; porque torna o ensino claro, atra-

hente, e ao alcance das faculdades intellectuaes do discipulo.
Primeiro, por ser intuitivo, para prender a attenção do discipulo.

Segundo, por ser animado, por interessar-lhe vivamente.

Terceiro, por ser variado, afim de não fatiga-lo.

Quarto, por exercitar-lhe a actividade.

Primeiro principio. Sabemos que a attenção é o principal factor da educação. São, tanto a attenção quantos são os modos porque ella firma o sentido no objecto ou representação d'elle. Assim a attenção pode ser sensorial ou intellectual. Attenção perceptível é a que o objecto por si interessa independentemente de relação com qualquer outro que interessa. A attenção voluntaria e activa ou espontanea, involuntaria e passiva, conforme ella firma dependente ou independente de esforço. A attenção voluntaria depende de um esforço, o que é provocada por um interesse afastado, do qual ella se inclina. Diz o dr. Carpentier que «a attenção voluntaria é um esforço resolutivo», a esforço de attenção voluntaria e de curta duração.

Temos aqui dois casos de attenção. Eu leio um ponto de historia que me interessa. E' sufficiente que o leia uma vez, para conhecer bem.

Ao passo que estudando um ponto de historia para exame, por mais que o estude não fico senhor d'elle como no primeiro caso.

E' que no 1º caso a minha attenção está firme no ponto que me interessa, independente de qualquer interesse eventual.

No segundo caso minha attenção é voluntaria é o caso da attenção forçada; não pode portanto fazer a vantagem da attenção sensorial espontanea.

2º principio—O ensino deve ser animado.

O ensino para ser animado é preciso que o interesse seja directo.

As letras a, b, c, nada interessa a criança, alem disso, são nomes desconhecidos afastados da sua consciencia.

Ella tem consciencia mesmo interesse quando se lhe apresenta uma gravura, e dalli ella mesma fazer a sentença. As sentenças que ella for formando o professor escreverá no quadro negro e para ler em ordem directa e inversa ou mudando o sentido da phrase. ex: o menino vê o gato, o gato vê o menino.

Dá-se exercicio variados no seis primeiros passos; es-

colhendo sempre lições que interessem ao discipulo, affectem a consciencia, por que a attenção sensorial espontanea firma a idea no objecto conhecido por tanto concebível pela consciencia.

O 3º principio—O ensino deve ser variado.

No methodo synthetico as lições são repetidas: Todos os dias está o professor a martellar; a, b, c, d, etc., até que o alumno aprenda, ao passo que pelo methodo analytico as lições são abundantes e variadas, variando os exercicios conegue-se a attenção continua.

O menino vê o gato. O gato vê o menino. O gato chama-se Mimi. O menino chama-se Paulo. Paulo vê Mimi. Mimi vê José. José vê o gato etc.

Noutra lição por ex: O menino chama-se João. João tem um passarinho. O passarinho é de João. João vê o passarinho. Assim as lições deixam de ser enfadonhas e monotonas aos ouvidos da criança.

No entanto as syllabas são quasi as mesmas: pa, jo, me ni, no, cha, ma, se, ve.

Na 3.ª lição varia a aula e as syllabas são repetidas mais vezes:

E tudo o que se repetir em cousa variada, tende a ser objecto de uma consciencia distincta.

Aqui as syllabas e letras ainda que desconhecidas, forma-se um objecto de uma consciencia distincta. Aqui a criança já tem a idea dos pequenos signaes graphics que representam um som na formação da syllaba e da syllaba a idea.

Quanto a segunda interrogação da these, sou de parecer que difficilmente se generalizará a todas as escolas, porque este methodo para quem não é senhor d'elle é de resultado baldado.

Ainda que o methodo synthetico seja mais moroso, mais enfadonho e trabalhoso, tem a vantagem de ser de facil applicação por qualquer pessoa que tenha de ensinar uma criança; Para isso lhe basta somente paciencia.

Ao passo que o methodo analytico é um methodo scientifico, que demanda muita pratica e estudo. Um neophito não pode dar uma aula aproveitavel sem preparar adrede a aula que tem de leccionar.

Qualquer professor que lance mão d'elle sem conhecê-lo pode esperar resultado nullo.

N.º 18

Exmo. sr. Director da Instrução Publica

Sendo-me impossivel tomar parte na Conferencia do Ensino Primario do Estado de Santa Catharina, então eu mando em lugar da minha presença pessoal a These proposta e junto a isto algumas declarações sobre a situação das escolas ruraes em geral.

Iª These — As vantagens do ensino da leitura pelo methodo analytico. Era por minha opinião de grande importancia: é fundamento de todo o ensino. Para minha escola a qual compõe-se quasi só de alumnos de origem allemã é preciso — uma grammatica portuguez — alemã. A grammatica usada nas escolas ruraes é aquella de «Rotermund» mas eu não acho isso bem bom.

IIª O ensino geographico é ministrado em minha escola pela traducção de allemão em portuguez e pelo dictado. O ensino geographico, pela cartographia só, nunca convem era preciso uma collecção de quadros de paizes e dos povos do mundo, especialmente da nossa patria Brasil.

IIIª O ensino da historia patria e educação civica concentra-se em geral ao conhecimento dos principaes pontos da historia nacional. A historia presente em verdade não desperta sentidos de enthusiasmo na mocidade.

IVª e Vª Não tem importancia para as escolas ruraes.

VIª O valor do mestre-escola na educação do povo conserva-se quasi só ao tempo em que os alumnos frequentam a escola e deixa de desejar muito. Em geral os alumnos ou alumnas frequentam a escola 4 annos. Enquanto deste tempo ha muitos dias de falta em serviço de agricultura, doença, tempestades e tantas outras desculpas. Por isto o ensino nas escolas ruraes é mais difficil do que aquelle nas cidades, principalmente nas escolas particulares. O professor fica sempre dependente dos caprichos dos colonos imprudentes quaes consideram o professor por seu creado.

As Theses seguintes não tem importancia para a nossa escola.

Aqui mesmo eu dou ainda algumas noticias que serão por interesse para a Conferencia. Quasi todas as escolas particulares são mais ou menos frequentadas porque a distancia entre uma da outra é muito grande, ás vezes mais do que 8 a 10 kilometros. O numero dos alumnos em

media è de-30. Conforme as leis da instrução publica o governo estabelece uma escola em cerca de 1000 habitantes, e isto já custa muito para o governo como os exmos. srs. estão sabendo. Para a desunidade dos colonos e a dessabedoria deste mesmo tem em geral um professor particular uma situação muito difficil, é quasi um martyr da civilização. O ordenado mensal é em geral 50\$000 á 100\$000. Um professor que é chefe de familia fica obrigado de trabalhar na roça como os outros colonos. Os mappas, os livros e qualquer outro material do ensino é em geral propriedade do professor mesmo. Eu sou professor da escola desde o anno de 1911. Se eu não tinha muito interesse e idealismo para a educação da mocidade então era quasi impossivel de manter uma posição tão mal gratos.

Quanto o Exmo. Sr. Director pode melhorar a posição dos professores particulares então estes fossem muito gratos por isto.

Nós todos temos o desejo de coração de dar para o Brasil juvenil uma boa educação patriotica por os nossos filhos serão bons cidadãos que cervem para o futuro da nossa patria linda — para o Brasil.

Era para mim de immenso interesse de ouvir os resultados da Conferencia. Vamos trabalhar sempre juntos como dous camaradas para a grandeza da nossa patria nova, mas de franco coração. Eu creio de certo que isto é tambem o fim da Conferencia.

Rogo o Exmo. Sr. Director de communicar-me a critica sobre as minhas declarações. Saúde e fraternidade. Fico seu Creado. *Germano Lauér*, professor particular na Escola em Rio das Cabras via Bella Alliança--Estado de Santa Catharina.

PARECER N. 1

Da segunda comissão permanente da Conferencia do Ensino Primario do Estado de Santa Catharina.

ASSUMPTO:— Quaes as vantagens do ensino de leitura pelo methodo analytic? Pode esse methodo ser generalizado a todas as escolas estadaes?

Do estudo das theses sob ns. 11, 12, 13, 14, 15, 16 e 17, respectivamente, dos professores Adriano Mosimann, Marcilio Dias Santiago, Beatriz de Souza Brito, Floscula de Queiroz Santos, Herminio Heusi da Silva, Eugenia Gonzaga de Moura Coutinho e José Pontes, chegamos a seguinte conclusão, referente á 1.^a questão:

Todos os professores acima reconhecem vantagens no ensino da leitura pelo methodo analytic, sendo que Adriano Mosimann, Beatriz de Sousa Brito e José Pontes o recommendam incondicionalmente, por verem nelle o methodo mais perfeito; Marcilio Dias de Santiago não lhe nega a vantagem de «si applicado por professeres de comprovada habilidade, preparar o espirito infantil para mais logica aquisição dos conhecimentos que lhe destinam os programmas; porque innegavelmente, o analytic exige da juvenildade maior somma de movimentos mentaes, infunde-lhe mais vivacidade.»

Entretanto, este illustrado professor opina pelo methodo syllabico; Floscula de Queiroz Santos aconselha o methodo analytic, quando empregado por professor que o saiba applicar; do contrario prefere o da syllabação, por se este menos prejudicial, quando mal applicado; Herminio Heusi da Silva opina que o methodo analytic torna a leitura correcta e expressiva e facilita o ensino da linguagem oral; Eugenia Gonzaga de Moura Coutinho diz que este methodo torna a leitura expressiva e forma a base da educação mental da criança, achando, porem que, para tirar o maximo proveito do methodo, o professor precisa demorar-se muito tempo na phase da syllabação.

Quanto á segunda questão do assumpto em apreço, verificou-se que: O professor Adriano Mosimann opta pela generalização do methodo analytic a todas as escolas estadaes, desde que o Es ado mande imprimir uma cartilha que

satisfaça a todas as exigencias didacticas e do meio; sendo que os demais professores são de parecer que esse methodo não deve ser generalizado, aconselhando para as escolas ru rae a adopção do syllabico.

A' vista das opiniões acima exposta e baseando-se tambem em seu criterio proprio dá a comissão o seguinte parecer.

PARECER:

I—O methodo analytic é que mais vantagens oferece no ensino da leitura. Deve por isso ser mantido nos Grupos Escolares.

II—A generalização desse methodo a todas as escolas estadaes é por em quanto enexequivel:

a)—Porque muitos professores das zonas ru rae não tem conhecimento perfeito do methodo;

b)—Pela escassez de tempo, pois o professor de escola isolada tem que dividir a sua actividade entre quatro classes.

No intuito de augmentar a proficiencia do ensino da leitura pelo methodo analytic nos grupos escolares, pedimos licença para submeter á competente apreciação dos senhores membros desta Conferencia, a seguinte:

SUGGESTÃO:

Considerando que o regulamento da Escola Normal, approvedo pelo Decreto n. 1721, de 29 de fevereiro de 1924, determina no art. 4.^o que os alumnos da mesma escola façam pratica pedagogica para complemento das aulas de pedagogia e psychologia:

Considerando, que trará vantagem a pratica feita na mesma escola, sob as vistas do lente da referida materia:

Suggestimos o seguinte:

Art. 1.^o — Fica creado, annexo a Escola Normal, um curso de Applicação, cabendo ao Director da referida escola a fiscalização directa do mesmo, tanto quanto ao corpo docente como ao discente.

§ 1.^o — A parte disciplinar e administrativa do curso de applicação será regularizada de accordo com o regimento interno dos Grupos Escolares.

§ 2.^o — O Curso funcionará quatro e meia horas diarias e terá dois ou mais annos de estudos, obedecendo ao programma dos Grupos Escolares.

Art. 2.º — A matricula maxima do curso de applicação será de quarenta e cinco alumnos, vinte e cinco no primeiro anno, vinte no segundo e, no caso de serem creadas outras classes a matricula das mesmas nunca excederá de vinte, não podendo o director admittir alumnos, senão para o preenchimento de vagas.

§ Unico — A matricula de alumnos fora da epoca, para preenchimento de vagas, só será feita mediante exame, a fim de se verificar se a candidata pode acompanhar a classe sem prejuizo das futuras promoções as quaes serão feitas conforme as determinações do Regimento Interno dos Grupos Escolares.

Art. 3.º—O lente de pedagogia do Curso Normal, em hora de aula, acompanhará as suas alumnas na assistencia de aulas no curso de applicação, conforme determinar a Directoria da Instrução Publica.

Art. 4.º—O lente de Historia Natural e Hygiene do curso Normal visitará semanalmente as aulas no curso de applicação, surprehendendo-as em pleno funcionamento para constatar se as alumnas obdecem ás regras do asseio corporal e hygiene escolar.

§ Unico—De tudo que observar sobre a hygiene dará reservadamente, conhecimento ao Director da Escola,

Art. 5.º—As aulas geraes de canto serão ministradas pelo professor de musica do curso normal conforme horario approved.

Art. 6.º—Os normalistas continuam obrigados á pratica regulamentar, nos termos do Decreto n. 651, de 29 de janeiro de 1912.

Art. 7.º—O regimen de ferias do curso de applicação será o mesmo que têm actualmente os demais estabelecimentos de ensino primario do Estado.

Art. 8.º—Revogam-se as disposições em contrario.

Sala das sessões, 3 de agosto de 1927;

Ass—*Catharina Demoro*—secretaria *Maria Amorim*—relatora *Adriano Mosimann*—presidente.

Conferencia do Ensino Primario

13.ª THESE

Apresentada pelo Inspector Escolar Flordoardo Cabral

Inspecção Escolar como deve ser feita ?

De uma revista de ensino extrahi o seguinte:

«A Inspecção Escolar»

«Sabem quantos se interessam por esses assumptos que os inglezes attribuem á inspecção, principalmente, o progresso das instituições educativas, e consideram o inspector a *vertebra da escola*.

Diminuir-lhe as prerogativas é pois, desarticular um systema: extingui-lo, seria um desatino. Só os que conhecem o passado da instituição e os multiplos fins que lhes assignou Guizot, ao cria-la, podem aquilatar a altura de sua missão e que ha de árduo no seu desempenho.

Dê-m-lhe autonomia em suas funcções; attendam-lhe os reclamos; façam della um órgão técnico e não burocratico; facultem-lhe elementos de trabalho; rodeiem-na de garantias e verão os excellentes resultados que ella pode produzir.

E' preciso ver as coisas do alto e em conjuncto e não excepções e minudencias».

Aos que assim não pensam cabe aqui a resposta de Barrau.

«Que é um inspector ?

Aos olhos do vulgo é um homem, que conhecendo perfeitamente as necessidades das escolas, é encarregado de examina-las e redigir em seguida um relatorio.

O vulgo vê das funcções somente o que ellas tem de exterior.

O espirito esclarecido penetra o amago das coisas.

A seus olhos o inspector é o homem que estuda as escolas em suas relações particulares e geraes, que subordina a apreciação dos pormenores a comprehensão de conjuncto, que está para os mestres como os mestres para os alumnos e, relativamente ao ensino em geral, como o mestre para a sua licção de calligraphia ou de calculo. E' o homem que aprecia, que prega, que classifica, não somente factos mas pes-

soas. Ha nelle alguma coisa de administrador, de magistrado e de politico.

Lição autorisada pela eminencia de onde vem, e a que o tempo tem dado inteira confirmação.»

COMO DEVE SER FEITA ?

E como o articulista assim pensamos tambem. Para que o serviço de inspecção seja efficiente dê-se autonomia de acção aos inspectores. O Regulamento da Instrucção, no seu artigo 18 diz: «Os inspectores escolares residirão na Capital, onde todavia, não poderão permanecer por mais de 15 dias, excepto durante o periodo das ferias escolares.»

A Lei n. 1230, de 30 de outubro de 1918, diz no seu artigo 7. o seguinte: «Os inspectores escolares deverão visitar constantemente as escolas e os estabelecimentos de ensino estadual, particular e municipal, de seus districtos, etc, etc.»

Nada disso, porem, se executa. Os inspectores passam a mór parte do anno entregues a azaflama burocrática, na Directoria, (isto os que têm a verdadeira noção do trabalho), e ainda um outro, na respectiva sede, aguarda que a Directoria lhe determine serviço.

Não deve ser assim. O inspector «como órgão tecnico, deve estar em constante actividade. Não devemos confiar na acção dos Conselhos Escolares Familiares, que, em grande parte, não satisfazem ao fim para o qual foram instituidos, já porque os respectivos membros são quasi sempre, escolhidos á feição do professor, já porque os que prestam algum serviço o fazem sem a responsabilidade dos que o exercem com remuneração.

Para que a inspecção seja productiva e benefica é mister que seja permanente. O inspector ganha para trabalhar e si o seu trabalho consiste em *inspeccionar*, que o faça sem os obstaculos que lhe estorvem a acção.

São constantes as queixas, trazidas á directoria da Instrucção de faltas graves commettidas nas escolas ruraes. Ora si o inspector tivesse a autonomia de acção, taes faltas não se verificariam. A nossa pequena pratica nos tem ensinado a perceber que quando o inspector se encontra em certa circunscripção, os professores das circunscripções visinhas trabalham, esforçam-se, receiosos de serem pilhados em algum flagrante. Donde se deduz que as irregularidades nas

escolas cessariam si o serviço fosse feito de accordo com os dizeres do citado art. 18 do Regulamento da Instrucção.

II—PARTE

Outro assumpto que deve merecer a maior attenção dos Poderes Publicos é o meio de transportes aos inspectores. Achamos que o Governo deve fixar um meio definitivo e prompto de transporte, especialmente para os municipios desprovidos de Estradas de Ferro ou de boas estradas de rodagem. Todas as vezes que somos designados para inspecionar qualquer circunscripção nessas condições, as difficuldades de transportes surgem immediatamente. E, para solucionar, recorre a Directoria ao meio mais prompto, porem muito oneroso para os cofres publicos: aluga um cavallo a particulares e por preço nunca inferior a 10\$000 diarios. Ora numa excursão de 3 ou mais meses o aluguel do animal custaria mais do que si o governo dispuzesse de uma *aranha* com cobertura e um animal arriado para a respectiva tracção que poderia ser forrageado conjuntamente com os da Força Publica, quando permanecesse na Capital.

Um outro assumpto que consideramos de alta relevancia para os interesses da Instrucção Publica é o *afastamento completo da politica* em materia de ensino.

Não ha duvida que esse *phantasma*, que se envolve impiedosamente em todos os ramos de administração, ora procurando destruir o que está feito sob bases solidas, ora obstando as boas iniciativas, contanto que tudo corra ao sabor dos *chefetes* tenha um paradeiro. Urge que a tolerancia ponha treguas as ambições e insinuação politicas, para que os serviços a cargo da Directoria da Instrucção Publica não periclitem.

Um factio *typico* da politica aldeã, observamos em uma das nossas ultimas visitas de inspecção.

Em certo districto dum Municipio do Estado, os polacos nelle residentes, em numero superior a 40 familias, construíram um confortavel predio de alvenaria de tijollos, para — funcionar a escola e residir o professor. O Governador do Estado criou a escola, que se manteve durante largo periodo, e com grande gaudio da população local. Eis, senão quando, foi a escola dali retirada, a pedido, e removida para outra parte, aonde já existiam duas escolas que estavam sufficientemente aparelhadas para servir á respectiva população.

Emquanto que o Governo Federal gasta sommas consideraveis no serviço de nacionalização do ensino, os procederes de uma certa politica adversaria retiram a escola de um nucleo *exclusivamente de polacos* para dar azo á sua vingança partidaria!!!

E assim como esse caso muitos outros identicos poderiamos citar que redundam em desproposito dos altos interesses da Instrucção Publica. Quantas vezes, em nossas inspecções encontramos irregularidades, que apontamos sem odios nem prevenções, em nossos relatorios. A directoria da Instrucção, porem fica tolhida de qualquer acção proveitosa, porque os pedidos chovem e as irregularidades continuam.

E assim, a energia e o criterio do inspector ficam abalados e a sua actuação reduzida a simples *visitador de escola*. Já em 1910 o Conselho Municipal decretava a lei n. 312, concebida nestes termos:

«Lauro Marques Linhares, Presidente do Conselho Municipal de Florianopolis:

Faço saber a todos os habitantes deste Municipio que o Conselho Municipal decretou e eu promulgo a seguinte lei:

Art. 1º — Fica o executivo Municipal autorizado a convocar uma reunião, nesta Capital, de todos os demais Superintendentes Municipaes do Estado, a fim de se tratar:

a) —

b) — *do afastamento por completo da politica em materia de ensino*, entregando-se a regencia das respectivas escolas tão somente a professores julgados plenamente habilitados e de preferencia aos diplomados pela Escola Normal do Estado

Art. 2º — Revogam-se as disposições em contrario. Conselho Municipal de Florianopolis, 31 de dezembro de 1910.— Ass.—*Lauro Marques Linhares*.

E' que o Conselho ou antevia o insucesso na reforma do ensino com a *intervenção da politica*, ou o executivo municipal já estava sentindo os seus efeitos perniciosos e por isso pedia ao referido Conselho a criação de uma lei pela qual podesse, sem embargos daquella intervenção agir desafogadamente.

O que ha legislado, quer referente á parte technica, (lei n. 1181, de 3 de dezembro de 1918) quer com relação á sua

regulamentação (Capitulo VI e seus artigos do Regulamento da Instrucção), é mais que sufficiente para que tenhamos um bom serviço de inspecção escolar.

O legislador demonstrou ser perfeito conhecedor das nossas necessidades e do nosso meio.

O que falta apenas é outorgarem aos inspectores para que essas leis sejam postas em pratica.

SUGGESTÕES:

Achamos opportuno apresentar as seguintes suggestões, que se nos afiguram vantajosas ao serviço de Inspecção Escolar.

PRIMEIRA

Os municipios do Estado ficarão divididos com cinco districtos escolares, assim distribuidos:

1º DISTRICTO—Séde Lages — Comprehende os municipios de Lages, Campos Novos, Curitybanos, São Joaquim e Bom Retiro.

2º DISTRICTO —Séde Laguna — Comprehende os municipios de Laguna, Tubarão, Imbituba, Orleans, Araranguá, Imaruhy, Cresciumo e Urussanga.

3º DISTRICTO —Séde Florianopolis — Comprehende os municipios de Florianopolis (interior da ilha), São José Palhoça, Biguassú, Tijucas, Porto Bello e Camboriú.

4º DISTRICTO —Séde S. Francisco — Comprehende os municipios de S. Francisco, Paraty, Porto União, Ouro Verde, Mafra, Chapecó, Cruzeiro e Campo Alegre.

5º DISTRICTO — (Fiscalizado pelo Governo Federal). Séde Blumenau — Comprehende os seguintes municipios: Blumenau, Joinville, Brusque, S. Bento, Itajahy, Itayopolis e Nova Trento.

SEGUNDA SUGGESTÃO

Creação do logar de Inspector Technico, a quem fica-

rá affe to a fiscalização do serviço de Inspeção Escolar, com uma regulamentação especial, e com a sanção do Director da Instrução.

TERCEIRA SUGGESTÃO

As inspeções serão feitas constantemente e durante os mezes de março, abril, maio e junho (ferias), agosto setembro, outubro, novembro e dezembro, até o inicio das grandes ferias.

QUARTA SUGGESTÃO

Os quatro inspectores terão 20\$000 de diarias cada um para a sua manutenção EXCLUSIVAMENTE quando em serviço de inspeção e mais a diaria de 15\$000 (cada um) para as despesas de transportes, quando estes não forem fornecidos pelo Governo.

Cada inspector terá 600\$000 correspondentes a 30 diarias ou sejam 2:400\$000 mensaes para os quatro—9 meses 21:600\$000 Despesas de transportes, 4 inspectores a 450\$000 —4:050\$000—Total—25:650\$000

Cada inspector munir-se-á de uma caderneta, onde serão registradas as diarias que for recebendo. Essas cadernetas serão apresentadas às repartições pagadoras para aquelle fim e o inspector só receberá novas diarias deante do roteiro do serviço já realizado, em que prove o destino que deu ás diarias recebidas por adeantamento. Essas diarias não poderão exceder de 30. Da mesma forma procederá quanto ás diarias para transportes, si a ellas tiver direito.

O Thesouro do Estado autorisará ás repartições competentes os pagamentos acima referidos.

QUINTA SUGGESTÃO

O Governo do Estado providenciará no sentido de melhorar o transporte dos inspectores, quando em serviço transporte esse que deverá ser compátivel com o cargo. Lembamos a suggestão apresentada na II parte desta these.

SEXTA SUGGESTÃO

Os inspectores, de 2 em 2 meses; poderão vir a séde

dos seus districtos, onde não poderão permanecer mais de 15 dias, salvo nos periodos das ferias ou por motivo de molestia, cabalmente comprovada.

SETIMA SUGGESTÃO

Considerando que a constante remoção dos professores traz ao ensino e ao serviço de inspeção graves prejuizos e irregularidades, nenhum professor poderá ser removido senão depois de cinco annos de effectivo exercicio na escola, salvo por molestia grave, plenamente comprovada por inspeção medica ou por conveniencia disciplinar.

OITAVA SUGGESTÃO

Tornar extensivo ás professoras complementaristas e provisórias o que dispõe o art. numero 15 de lei n. 1187, de 5 de outubro de 1917, que diz: " As candidatas ao magisterio publico, que se matricularem na Escola Normal, da data desta lei em diante, quando diplomadas e nomeadas professoras *perderão o cargo se contrahirem o casamento.*

Florianopolis, 25 de junho de 1927, Ass—*Flordardo Cabral*—Inspector Escolar.

N. 47

THESE 13

Inspeção Escolar. Como deve ser feita

A fiscalização do ensino precisa, dia a dia, receber um influxo novo de força. Não pode parar nem circumscrever-se a moldes mechanicos e estreitos. Tem de ser energia e movimento, resplandecer mesmo de vida e de exaltação para que o ambiente, em que se exerce, fique sempre impregnado do brilho e do calor deste impulso.

Ao chegar á escola não deve esquecer-se o inspector de que ali, a figura orientadora, que indica as falhas mas aponta os remedios, e leva assim o rumo novo a seguir como a scentelha do estimulo, para o mestre e para o alumno.

Verifica si o professor vae acompanhando através das leituras officiaes, o rumor da actividade que agita as rodas do ensino e si está ao pardo aperfeiçoamento que os novos methodos lhe traçam.

Indaga do programma, observa a sua execução, procura no adiantamento da classe o exito e a projecção do trabalho educativo que a escola apresenta.

Realizados, dentro da sala, um a um, os preceitos que o seu claro juizo indica e o Regulamento lhe marca, dá o inspector outro passo adiante e vai certificar-se, no meio social em que vive o estabelecimento, si esta escola ali realmente floresce, si as festas e as caixas escolares e outras esplendidas iniciativas encontram alerta a accessa a solidariedade publica e si todos fazem da vitalidade do ensino o vertice de incidencia a que vão ter as mais fortes correntes do entusiasmo colectivo.

Transforma-se então o inspector no conferencista, que a todos fala e transmite o mesmo fluido renovador, conversando provocando opiniões congregando os espiritos claros, desejando, enfim, envolver na campanha a *unanimidade da população*.

Sem a inspecção local, porem, a inspecção geral seria rematada burla.

E a inspecção local será necessariamente uma ficção absoluta, uma notoria irrisão — disse Ruy Barbosa — emquanto não reconhecerdes estes dois principios cardeaes:

1.º — A inspecção local ha de ser retribuida;

2.º — Essa inspecção demanda condições de capacidade profissional.

REMUNERAÇÃO — Não ha inspecção local sem salario. Por uma razão superlativamente obvia:

A inspecção local não existe, não pode existir realmente, se o inspector se não dedicar exclusivamente aos deveres desse cargo. Pela mesma razão porque subsidiaes o inspector geral, força é, pois, recompensardes os seus agentes no trabalho quotidiano da inspecção.

Do mesmo modo que o inspector geral não pode repartir a attenção por outros empregos, tambem o seu representante local (cada um na sua esphera) não pode, sem que a inspecção desapareça, distrahir noutras occupações o seu cuidado. Ambas as incompatibilidades são absolutas e radicaes. A legislação das escolas primarias do Estado, entre nós não estipendia a fiscalização local do ensino. Como quem á considerasse pouco mais ou menos um accessorio no organismo da educação popular.

Tal qual o architecto que dispendesse tudo na superstrutura apparatusa e brilhante de um edificio, considerando como

questão secundaria o alicerce, porque é modesto e obscuro! Construcções taes seriam fatalmente resiveis e chimeras. Si não quizerdes remunerar o inspector local, não quereis inspecção. Si não tiverdes inspecção, não tereis ensino; a ser certo, como dizia, a tres annos, o chefe da Repartição Nacional de Instrucção publica nos Estados Unidos, que, de todos os elementos dos quaes depende a educação popular num Estado, a inspecção é incompativelmente o principal.

Dahi este facto invariavel: todos os Estados que sinceramente querem escolas, pagam os inspectores locaes.

Si, portanto, não quizesseis retribuir, os inspectores locaes, só vos restaria um alvitre leal: abolir a inspecção; por outra: eliminar o ensino publico.

Mas se annuis a assalaria-los, cumpre que o salario seja effectivamente remunerador.

Assim argumentava Ruy Barbosa em seu memoravel *Parecer sobre o Ensino Publico* (pg. 295).

Seguindo este caminho de alma levantada, e impondo-se pelo equilibrio das attitudes, e imprimindo sempre, principalmente, uma nota detlagrante eficiencia pratica á acção que desenvolve o inspector regional não somente presta á causa, que tem nos hombros, um serviço que não morre. Elle realiza tambem, por assim dizer, o trabalho pessoal de levantamento de sua propria missão, e em vez de deixar a impressão de que é pequena ou apagada a sua tarefa, dá-lhe ao contrario linhas luminosas, tornando-a mais alta e mais nobre.

Mas para constituir um bom inspector de escolas, não basta querer selo, possuir as qualidades moraes ordinaria, dispor de um juizo são e de uma intuição clara das coisas, conhecer, enfim, o que pelos livros se aprende.

Sem certos titulos particulares de competencia intellectual, sem um cabedal de conhecimentos especiaes o inspector terá olhos, e não verá, ouvidos, e não perceberá no exame de um estabelecimento de ensino as feições mais caracteristicas do merito ou do derrancamento da educação; não discernirá entre o progresso real, austero nos seus meios, sobrio nas suas pretensões, e o verniz de apparencias habilmente polidas; não distinguirá entre a charlataria audaz e a superioridade discreta; não discriminará a multidão innumeravel de peccadilhos, de omissões, de excessos, de degenerescencias que se insinua occultos a vista profanas,

no ensino da primeira idade. (Ruy Barbosa) parecer citado).

INSPECÇÃO MEDICA ESCOLAR Um homem que mais de uma vez governou a Inglaterra, disse um dia, não ha muitos annos, numa reunião popular congregada em Manchester, discorrendo sobre os meios de felicitar a sorte das classes operarias: Emquanto a mim, o melhoramento da saude publica, é a questão que prevalece a todas as demais, a que devem meditar acima de outras quaesquer, todos os estadistas, todos os legisladores, pertençam a que partido pertencem. Habitações sãs, viveres de boa qualidade, agua pura, ar abundante: eis as condições mediante as quaes nos será possível contribuir para o descanso e satisfação de todos os homens. Repito: *as questões de hygiene sob excedem pela sua importancia, a todas as outras, e para um estadista realmente pratico não as ha superiores.*»

Estas palavras de Beaconsfield, primeiro ministro então do Reino Unido, diz Ruy Barbosa, deixam aquilatar a immensidade do atrazo scientifico e administrativo de um paiz, como o nosso, onde pela hygiene escolar, aspecto duplamente grave da hygiene geral, ainda seriamente se não começou a fazer nada. (Ruy Barbosa, parecer citado, pag. 324). A inspecção medica escolar é um assumpto hoje considerado da maxima importancia.

A este proposito, em sua mensagem dirigida ao Congresso Nacional em 1923, o eminente estadista dr. Arthur Bernardes, externando conceitos de uma clarividencia admiravel, disse: «De modo algum poderá deixar o Governo de considerar com decisão esse ramo da Hygiene Publica, cumpre salientar que não é só a preocupação da doença que exige nesse terreno os cuidados do Estado; acima de tudo cumpre difundir entre nós os cuidados necessarios ao regular desenvolvimento physico das creanças e considerar, em summa em toda a sua complexidade o problema da puericultura.

Assim o fazem todos os paizes cultos que promovem, na perfeição de sua raça a grandeza da nacionalidade.»

Um povo ou mesmo uma agremiação sem Hygiene não vive como pode, não se desenvolve como deve.

O individuo são, é um capital que produz e a sua associação é uma força garantidora do progresso contrastando com o individuo enfermo ou com aquelle que tem o seu desenvolvimento retardado, e que são unidaes improductivas, formando a sua agremiação uma sociedade que se es-

terilisa. Leon Bourgeois nobre e veneravel espirito, grande servidor da humanidade, affirmou, com a approvação de todos os cultos espiritos, que «tudo será inutil, si o individuo ignora o perigo da molestia e as regras da Hygiene pelas quaes elle pode preservar-se della e preservar a collectividade».

Pois bem, eduquemos os nossos concidadãos, pelo menos, orientando-lhes a sua acção em face dos sãos principios da Hygiene. E assim, afastadas as hypotheses e doutrinas, que de momento podem conturbar a acção dos dirigentes e dirigidos, olhemos attentamente para a observação dos factos.

A observação mostra que a molestia de um, consciente ou inconscientemente, pode tornar-se a molestia de outro e então a Hygiene agindo bem orientada, dá combate à molestia evitando-a e o que é mais combatendo a molestia dá tambem combate à morte, e vence. Em trabalho recente, citado por um illustre clinico do Rio Grande do Sul, le-se aliás sem surpresa, um exemplo frisante do quanto pode a Hygiene.

Ha 30 annos, na Dinamarca a tuberculose pulmonar matava 20 individuos em cada grupo de 10.000 habitantes e hoje no mesmo grupo não mata mais de 8!

Em 1890 morriam annualmente 327 crianças de molestias gastros intestinaes, e hoje, guardadas as mesmas proporções, as estatisticas referem apenas 75 obitos. E assim por diante, para a febre typhoide, para a diphtheria e tambem outras molestias

Já não é mais uma utopia o combate à molestia e à morte pois aquelle poder da morte já vae cedendo ante a Hygiene.

O que se impõe o que se torna absolutamente necessario é o concurso de todos, a solidariedade com todos, os esforços synergicos—porque a saude de cada um não é mais do que a resultante da collaboração de todos.

CONSTRUCÇÃO DE CASAS ESCOLARES—A Directoria da Instrucção tambem deve fiscalizar e inspecionar os edificios escolares.

1º.—Fiscalizar os locais onde serão edificadas as escolas cujas plantas serão organizadas pela Directoria de Instrucção.

2º.—O Estado e o Municipio não poderão adquirir predios já construidos, para escolas sem approvação da mesma Directoria.

3º.—O Estado e o Municipio contribuirão em partes

proporcionaes para as despesas destinadas à construcção, compra e reparação dos predios escolares.

4.º — O Estado e as Municipalidades não poderão fazer nos edificios escolares, reparações, modificações ou quaesquer obras, sem que os planos respectivos sejam submettidos á approvação daquella Directoria.

CONCLUSÕES

I

Além da inspecção geral do ensino, deve ser creado o serviço de inspecção — *local, regional.*

II

O Governo creará o serviço de INSPECÇÃO MEDICA ESCOLAR!!

III

A inspecção tambem se extenderá aos *edificios escolares*, que não poderão ser localizados, adquiridos ou reparados, pelo Estado ou pelo Municipio, sem audiencia da Directoria de Instrucção Publica.

Boa—Vista — 8 — 7 — 27.—Ass.—*Ambrosina Maria Gomes.*

THESE N. 42

Exmo. Sr. D. D. Director da Instrucção Publica do Estado
Antonio Mâncio da Costa — Florianopolis.

Antecipando cordiaes saudações, agradeço sinceramente o convite que recebi, para assistir a Conferencia de Ensino Primario.

Dou o meu parecer por escripto que incontestavelmente é melhor do que vir a Conferencia e por acaso não ter occasião de exprimir minhas idéas.

Concluí que tudo o citado no programma da Conferencia é bom, para dar bons resultados na instrucção dos nossos Infantis. Entendo pelo meu julgamento que o « Esta-

belicimento de Ensino » é a pedra fundamental da Sociedade, Estado e Nação e é preciso cuidar desta pedra.

E' preciso que tivessesmos um Inspector que sempre esteja em viagem examinando as escolas — mas aqui é preciso dizer não só as isoladas — todas! Não seria possivel isto?

Um inspector que sempre esteja em viagem examinando as escolas, aconselhando os professores e dando de tudo relatorio ao Sur. Inspector Federal. Assim ficaria evitado o que hoje é ordem do dia: As questões entre as escolas Publicas e os estabelecimentos particulares de que temos grande quantidade em nosso Estado. Muitos professores das escolas isoladas, para manter a ordem são obrigados a sujeitar-se a vontade da população porque estes se não querem, mandam seus filhos para escolas que mantem a sua custa e onde elles fazem o que lhes convem, sem serem fiscalizados ao menos. E nós os professores calamos onde deviamos falar alto para conseguir isto. Esta ali o meu parecer.

Precisamos quanto mais antes, melhor, Inspecção Escolar, por todas as escolas, porque vivemos todos debaixo das mesmas leis e não pode haver privilegio para ninguem. Tomei a liberdade de participar a V. Excia. meu parecer e estou certo que sem. Inspecção Escolar é meio serviço que estamos fazendo. O presentê dou na mão de V. Excia., para como desejo contribuir na obra tão nobre da instrucção.

Rio da Luz, 24 de junho de 1927, Saude e fraternidade
Adalberto Haffner.—Professor.

PARECER N.º 2

A' primeira commissão foram presentes as theses ns. 10 e 47, de autoria do Inspector sr. Flordoardo Cabral «Inspeção Escolar. Como deve ser feita» e da professora d. Ambrosina Maria Gomes, do mesmo titulo.

A commissão é de parecer: a) — O trabalho apresentado pelo Inspector Escolar sr. Flordoardo Cabral merece acolhimento especial, porque o assumpto está plena e judiciosamente desenvolvido, exposto de tal modo que dispensa qualquer outras suggestões, dividindo o Estado em cinco

districtos escolares e creando o cargo de Inspector Technico, de indiscutivel utilidade. Todavia, não concorda com a oitava suggestão do alludido trabalho estatuinto que se torne extensiva ás professoras complementaristas e provisórias o disposto no art. 15 da lei n° 1187, de 5 de outubro de 1917, que diz: «As candidatas ao magisterio publico que se matricularem na Escola Normal de data desta lei em diante, quando diplomadas e nomeadas professoras perderão o cargo se contrahirem casamento». Seria matar o estímulo dos docentes e subtrahir ao magisterio justamente os elementos que sob o ponto de vista technico e moral, são mais necessarios á profissão. Nestes termos, deve esse trabalho ser indicado ao governo, como imprescindivel contribuição á regulamentação do apparelho de fiscalização do ensino, base sob que deve assentar qualquer melhoria do nosso ensino primario. b) — A these da professora d. Ambrosina Maria Gomes pode ser publicada como subsidio ao estudo do palpitante problema da fiscalização do ensino primario.

Sala das sessões, 3 de agosto de 1927.

Ass. — *Marcelio Dias Santiago, Raja Gabaglia, P. F. X. Zartmann, Barreiros Filho.*

N. 48 Como deve ser Ministrados o ensino de geographia e Cartographia nas escolas Primarias e Complementares ?

Qual a correlação entre essa e outra materia ?

Convem o Ensino de Cartographia nas Escolas Rurales ?
De que fórma ?

O ensino de geographia nas escolas primarias deve ser ministrado com o auxilio de uns taboleiros a que se refere o programma dos primeiros annos dos grupos, nos quaes se collocará areia, barro, ou outra substancia qualquer, que se possa amoldar á nossa vontade para que possamos representar quasi todos os accidentes naturaes que tivermos necessidade de ministrar; assim se gravariam melhor na memoria da criança, pois, com o auxilio dos presentes mappas, ella se confunde, em vista de estarem represen-

tados alli, muitas cousas que elle não tem ainda precisão de aprender. Por esse systema podemos dizer que o ensino desta disciplina se tornaria propriamente objectivo, porquanto a propria criança poderia modelar as montanhas, traçar os rios, lagos, etc.

Julgo ainda que, para se tirar proveito com o ensino desta materia, deveria o seu programma ser reduzido, porquanto, nos segundo, terceiro e quartos annos, elle é bastante extenso e complicado para o espirito simples da criança. No quarto anno, chega quasi ao exaggero, pois é relativamente mais exigente que o programma da mesma materia no primeiro anno da Escola Complementar, cujo programma é quasi igual ao do terceiro anno do Grupo, senão, vejamos: O programma do quarto anno pede o Brasil, quasi em geral; os Estados separadamente; definição e divisão dos continentes, de globo, oceanos, ennumerção e descripção de paizes que ficam nas zonas torridas, temperadas e glaciaes; paizes da America e da Europa e uma noção mais ou menos extensa de geographia astronomica. O programma de geographia do primeiro anno da Escola Complementar pede noções de geographia astronomica, como o quarto anno do Grupo, sendo bem verdade que mais desenvolvidas; o Estado de Santa Catharina em geral, que é estudado no terceiro anno do Grupo, sendo tambem mais desenvolvidamente na Escola; o Brasil em geral, quasi como no quarto anno do Grupo; os Estados separadamente, bem como no quarto anno apesar de bem mais desenvolvidamente. Organização do governo do Brasil, os tres poderes, sua composição e attribuições e as Armas e a Bandeira do Brasil, dos quaes o quarto anno do Grupo, estuda somente a primeira parte, constando este ponto do ensino de Educação Moral e Civica.

Entendo que esse augmento de exigencia devia ser gradativo e não mais ou menos repentinamente como se dá.

O ensino de geographia nas Escolas Complementares, parece-me que, deveria ser ministrado da mesma maneira pela qual o está sendo, porem com uma boa redução principalmente no segundo anno onde é bastante extenso.

O ensino de cartographia nas escolas primarias, acho que deve continuar a ser ministrado por meio de escolas ou diagrammas e como complemento ao estudo de geographia. Da mesma maneira julgo a parte que se refere á Escola Complementar.

Julgo convir iniciar o ensino de cartographia nas es-

colas ruraes, pelos mesmos motivos e fórma já expostas.

Entendo que a mutua relação que esta mantém com a outra materia è de desenvolver os conhecimentos civicos e augmentar o amor á Patria pelo reconhecimento e conhecimento dos lugares onde se deram factos relativos á vida de nossa Patria. Esta correlação deve ser mantida com a Historia do Brasil.

Ass.—*Albano Monteiro Espinola*.—Director do Grupo Escolar de Tubarão.

PARECER N.º 3

A primeira commissão, examinando a these numero 48, de autoria do sr. professor Albano Monteiro Espinola, sobre o modo por que deve ser ministrado o ensino de geographia e cartographia nas escolas primarias e complementares, e si convem o mesmo ensino nas escolas ruraes—é de parecer que a mesma deve ser publicada. E' um truismo o caracter pratico que se deve imprimir sempre, em todas as classes, ao ensino de geographia. O ideal seria, em todas as classes, a creação de gabinetes de materia, onde seriam empregados até os apparatus de cinematographia e lanternas de projecções fixas, a fim de ministrar o ensino pela memoria visual, na realidade insubstituivel.

Em todo o caso, o uso dos taboleiros em gesso, areia ou em massa plastica e uma colleção de vistas photographicas com aspectos typicos dos differentes meios geographicos e dos modos de vida dos povos—é de facil installação e deve ser aconselhado.

A commissão toma, entretanto a liberdade de suggerir ao Governo o estabelecimento na Escola Normal de um gabinete modelo de geographia, ao lado dos de physica, chimica e historia natural.

Este deveria consistir em:

- a) — um apparatus cinematographico e uma lanterna de projecções fixas
- b) — uma colleção systematica de vistas photographicas;
- c) — uma colleção de typos humanos em bustos;
- d) — uma colleção de rochas brasileiras mais comuns na região, para estudo elementar;
- e) — uma colleção de instrumentos meteorologicos

mais usuaes, para explicação summaria do seu manejo (barometros, thermometros, pluviometros, mappas de nuvens);

f) — uma colleção completa de globos, mappas e cartas dos continentes e dos paes;

O exame de geographia na Escola Normal e Complementares teria sempre uma prova pratica consistindo num exercicio de cartographia e modelagem e no manejo do material do gabinete.

Sala das sessões, 4 de agosto de 1927.

Ass. — *Raja Gabaglia, Barreiros Filho, Marcilio Dias Santiago, P. F. X. Zartmann.*

N. 28

Apresentado a Conferencia de Ensino Primario pelo professor Adolpho Silveira, director do Grupo Escolar «Professora Anna Cidade», da cidade de Ouro Verde.

O ensino de historia da patria é, bem se pode affirmar, o assumpto principal para a educação civica do povo de um país civilizado como o é o Brasil.

Não pode haver uma perfeita educação civica, tanto nas escolas primarias como complementares, sem que sejam estudados os factos mais importantes da vida da Nação.

Eis porque a Grecia, que dos paes antigos foi o que mais cuidou da educação civica de seus cidadãos, nunca descurou do ensino de sua historia e de suas lendas na instrucção que era ministrado ao povo. As poesias epicas de Homero, recitadas orgulhosamente pelos gregos em seus gymnasios, valeram mais levantando o sentimento de civismo, do que a força bruta dos exercitos persas.

A historia da patria é o ensino que mais serve para levantar o caracter nacional.

Povo que desconhece a historia de sua patria não sabe dar valor a sua propria existencia. É um nucleo de seres que nasce, vive e desaparece sem que saiba jamais porque e para que se acham os seus componentes congregados em uma organização social.

E' essa a razão porque todos os povos civilizados incluem nos programmas de ensino primario, a par da instrucção civica, o estudo obrigatorio da historia patria. E o

Brasil, cujo povo se conta naquelle numero, pode orgulhar-se, apesar de ainda haver pessoas que o julgam caminhar na retaguarda de todos os outros paizes em materia de instrucção, de ter essa medida em suas escolas desde o primeiro dia em que a instrucção primaria se libertou dos acanhados ensinos ministrados por particulares.

Não se deve, por essa razão, considerar o nosso paiz como sendo formado por um povo sem sentimento de civismo, sem nenhum conhecimento da historia nacional.

O que nos falta, porem é um methodo pelo qual seja o ensino de historia aproveitado para fazer nascer na alma da criança o orgulho nacional.

São pelos factos que enobrecem o nome de nosso paiz, são pelos actos que dignificaram os nossos antepassados, que se fazem brotar na criança brasileira o sentimento de patriotismo e o orgulho por tudo que se prende á vida politica da nação.

E' um erro, portanto, ensinar ás crianças factos que possam trazer sentimentos contrarios aos que lhes devem dar orgulho da sua nacionalidade.

Entre, nós, firmados em compendios de historia do Brasil que procuram justificar os lamentaveis erros dos primeiros povoadores, (do Brasil.) deste paiz, ha o habito de se ensinar nas escolas que os gentios eram perigosos que se deliciavam em banquetes macabros com a carne de seus inimigos.

Pessimas e de resultados contrarios aos que se devem esperar, são as aulas desta natureza, que, infelizmente, se gravam com muita facilidade no espirito da criança.

A palavra *brasileiro*—que tanto devemos enaltecer nas aulas de educação civica, já fica como que impropria á nossa nacionalidade, visto ella tambem ser applicada a um implacavel inimigo da civilisação trazida, a esta terra, pelos portuguezes, nossos avós.

São estas as idéas que pode fazer a criança que, depois de ouvir as narrações dos heroicos marujos luzitanos, tiveram tão triste e deprimentes informações sobre os nossos indigenas.

O professor deve ser o arauto da verdade, e por este motivo é seu dever esclarecer o que de facto se passou no tempo da colonização, sem entretanto abordar assumptos, verídicos ou não, que possam trazer uma natural aversão aos gentios, cuja vida, costumes, religiões devem ser ensinados de

modo a despertarem na criança um justo sentimento de sympathia pelos habitantes primitivos de sua patria.

Será assim que se pode crear espirito dos nossos pequeninos patricios o orgulho pela raça. Alguns topicos das obras de José Alencar lidos e commentados em aula, são de salutar effectos. Por elles poderá a criança apreciar o caracter e o costume dos indigenas, que foram narrados por aquelle escriptor brasileiro de uma fórma que enobrece e eleva a nossa nacionalidade desde o principio da historia patria.

Ainda outro defeito notavel em muitos estabelecimentos de ensino primario e complementar, tanto nas aulas de historia, como de educação civica, é o de se ministrarem pontos escriptos aos alumnos para que estes os decorem em casa.

Perderá o valor historico e a importancia educativa qualquer assumpto que a criança for obrigada a decorar.

E' preciso que essas aulas se tornem attrahentes e que despertem nos alumnos o desejo de elevarem o nome da Patria e de conhecerem profundamente a historia nacional.

Desde que a materia ensinada não atraia a attenção do alumno, ella se torna fastidiosa e inaproveitavel.

Assim, todo educador que ministrar aulas de historia patria e civismo deverá faze-las em fróma de narração, procurando sempre prender a attenção de seus alumnos aos factos mais importantes.

Deve-se repetir por muitas vezes os assumptos que mais agradarem a criança e nunca se discorrer longamente com adornos de literatura sobre uma massa de factos e acontecimentos.

Deve-se ter em vista que ambas essas aulas não tem por fim habituar a criança a recitar trechos literarios, como em geral acontece, mais sim o de educar o caracter nacional e o de avivar no delicado espirito infantil o sentimento de patriotismo.

Sabendo-se que a criança não pode reter em memoria todas as palavras com que o educador aborda um assumpto necessario é que o professor não seja prolixo e que faça acompanhar a exposição por perguntas sobre os factos a proporção que os for relatando.

Assim, descobrirá se seus alumnos estão recebendo com interesse a sua aula.

As fórmulas *expositiva e interrogativa* quando empregadas simultaneamente são muito vantajosas, como já teve occa-

sião de afirmar o professor Dario Vellozo, de sua cathedra na Escola Normal de Coritiba, e foram essas as fórmulas adoptadas por Froebel, o creador do jardim da infancia, e que convem, segundo opinião do professor acima citado e externado na pagina 38 do seu Compendio de Pedagogia, ser adoptadas nas escolas primarias, «quanto possível». Arguindo sempre que se apresentar occasião, é como o professor despertará a attenção de seus alumnos para o que estiver ensinando. Por um systema de arguição bem orientado obriga-se o alumno a não preoccupar a sua attenção em coisas estranhas ao assumpto de que se trata em aula.

Os pontos para o estudo, portanto devem ser preparados pelo proprio alumno, auxiliado ainda por um questionario escripto pelo professor no quadro negro, segundo os assumptos abordados na aula expositiva.

Ainda é de grande importancia e de real aproveitamento o usar-se, como themas de aulas de linguagem oral e escripta, os assumptos dessas duas materias.

De fórma que o professor deve tomar o cuidado de expor os assumptos de certo modo, que os alumnos encontrem facilidade, não só de organizarem por si mesmos os seus pontos para exporem na 3ª phase do ensino, como tambem de aproveitá-los como themas para uma boa redacção.

Nas escolas ruraes, devido ao pouco desenvolvimento intellectual do meio, facto que muito difficulta o ensino de certas materias, o programma de historia patria e educação civica deve simplesmente abranger os assumptos de maior importancia, mais de seus conhecimentos, não se devem privar as criancinhas sertanejas.

Um programma longo obriga o professor a fazer de seu alumno um declamador de trechos de literatura, cuja linguagem o que é peor sobretudo, inadaptable ao meio, torna-se o maior embaraço ao proprio ensino, visto a creança, na maioria das vezes, não ter nenhuma comprehensão do que expõe.

O aproveitamento nunca se deve tomar pelo que for decorado, e sim pelo que for comprehendido.

De nada serve e em nada será aproveitavel, o obrigar a criança a decorar pontos, e mais pontos, sem que ella saiba interpretar palavra por palavra do assumpto estudado.

Esta é a razão porque seria conveniente para que as

escolas ruraes fosse organizado um programma em que, adiante de cada assumpto, fossem esclarecidos os factos que devem ser tratados em aulas.

Dada a obrigação em que me acho, já que me propuz a discorrer sobre esta 4ª these, de dizer «em que deve consistir o ensino de historia patria e educação civica nas escolas ruraes,» apresento, para serem discutidas na Conferencia de Ensino Primario deste Estado, os seguintes pontos.

HISTORIA

1º Descobrimto do Brasil — (viagem de P. Alvares Cabral. O descobrimto — A 1ª missa).

2º — Povos que habitavam o Brasil — (As principaes nações, vida e costume do indios).

3º — As donatarias — (Porque foram creadas — As principaes).

4º — Governo Geral — (A criação do Governo — Os tres primeiro governadores).

5º — Invasão franceza — (A invasão, os tamoyos, a expulsão).

6º — Invasão hollandeza — (Da Bahia e de Pernambuco — O governo dos hollandeses — A retirada de Nassau e o abuso dos hollandeses contra os colonos — A expulsão — Antonio Felipe de Camarão, André Vidal de Negreiros e Henrique Dias).

7º — Inconfidencia mineira — (Causa — fracasso — a prisão dos inconfidentes — A morte de Tiradentes).

8º — A Independencia — (A vinda e regresso da familia real — A permanencia de D. Pedro — A attitude da corte — O Fico. A viagem de D. Pedro a S. Paulo — A mensagem da corte e a de José Bonifácio. A Independencia).

9º — O Imperio — (O 1º imperador, a regencia trina dos dois regentes — A maioridade e o 2º imperador).

20' — A Guerra do Paraguay — (Causa — Batalhas mais importantes — Terminação da guerra — Nomes dos heroes).

11 — A escravidão — (origem e sua abolição — D. Isabel, José do Patrocínio, Visconde do Rio Branco).

12º — A Republica — (D. Pedro II e seu estado de saude. D. Isabel — Proclamação — Marechal Deodoro da Fonseca).

13º — Datas nacionaes — (O que é feriado — O uso dos dias feriados entre todos os povos cultos — Os feriado

brasileiros e seus motivos — Os feriados estadoaes e os seus motivos resumidamente).

EDUCAÇÃO CIVICA

1' — A patria em geral — (O que é a patria)

2. — A patria brasileira — (A descoberta do paiz, a origem de sua população. A Independencia. A Republica Forma de Governo. Lingua falada — As bellezas naturaes)

3 — O Brasileiro — O caracter do Brasileiro, seus sentimentos altruistas, sua civilização — O espirito da liberdade, Tiradentes, Padre Roma, José Bonifacio, José Clemente Pereira e outros).

4' — Os deveres do homem com relação a patria — (A integridade do paiz — Quem a garante — O serviço militar — O fiel cumprimento dos deveres publicos).

5' — Os deveres da mulher e da criança com relação a patria. A mulher como mãe e a educação de seus filhos — A mulher como enfermeira e a Cruz Vermelha — O cuidado e o carinho que merece os enfermos — A criança e a escola — O nome da Patria eleva-se segundo a cultura do povo O escoteirismo — A necessidade das creanças se organizarem em batalhão de escoteiros).

6° — Como devemos enaltecer o nome do Brasil — A perfeição do caracter — A instrucção — A liberdade — O respeito á Constituição — A paz — José Bonifacio, Ruy Barbosa, José do Patrocínio, Brão do Rio Branco e outros devem ser citados como exemplos de homens que enaltecem o nome do Brasil).

7 — A bandeira — (O que representa a bandeira de cada povo — A bandeira brasileira e a sua criação — A festa de 19 de Novembro — As cores da bandeira nacional — O respeito a bandeira.

8° — O hymno nacional — (Os cantos guerreiros dos povos antigos. A musica e os sentimentos que ella provoca — Os povos cultos e seus hymnos — O hymno nacional — O que cantamos na primeira estrophe do nosso hymno).

9' — O voto — (O que quer dizer votar — A instituição do voto nos paizes cultos — A soberania do povo — a eleição, o voto livre — O dever do cidadão eleitor — Quem pode votar) Nesta aula o professor deve fazer entre seus alumnos um simulacro de pleito eleitoral, guiando-os em tudo quanto for preciso para que haja uma perfeita comprehensão, sem descurar, entretanto, de estudar o caracter da criança,

para elogia-la ou censura-la pelos actos que traduzam elevação ou baixaza do mesmo.

10 — Os poderes da nação — (A fórmula de governo — Os tres poderes e quem os exercem. — O que quer dizer poder legislativo — Idem executivo — Idem judiciario).

11 — Os poderes do Estado — (Indicação do ponto anterior).

12' — Os poderes do Municipio — (Idem, idem com as devidas restrições) — Devendo serem aproveitados os conhecimentos adquiridos pela pratica do 9° ponto para as organizações entre os alumnos dos poderes dos tres governos.

Todos ensinns destes pontos devem ser ministrados como já foi dito anteriormente, sendo distribuidos pelos tres annos do curso.

A criança, desde que entra para a escola, já deve ir adquirindo conhecimentos dos seus deveres civicos e sobretudo do principio da historia de sua patria. Portanto, não é exaggero, como muitos querem admittir, a introducção destas materias no 1' anno das escolas ruraes, desde que ellas sejam ministradas de accordo com a capacidade da criança.

Uma linguagem, facil em fórmula de narração, torna qualquer assumpto attrahente, e é isso bastante para que a criança, desde os seus primeiros dias de aula, já se vá habituando a prestar toda a sua attenção ás palavras de seu educador.

E assim dou por concluido esta 4ª these que me propuz desenvolver para ser discutida na Conferencia de Ensino Primario a realizar-se em Florianopolis.

Ouro Verde, 1º de julho de 1927.—Ass.—*Adolpho Silveira.*